

LII

André Coelho



Prólogo

Na prática, pouca gente sabia acerca dos detalhes operativos da missão: os perfis completos de quem fora, as responsabilidades atribuídas a cada um, os protocolos em termos de tomada de decisão, os procedimentos ou diretivas nas mais variadas situações de emergência, a extensa lista de objetos e maquinaria transportados. Embora nada disso fosse segredo, o facto é que, salvo algumas pessoas efetivamente motivadas e capacitadas para organizar expedições espaciais, a generalidade não tardou em esquecer o evento. Esquecer, talvez não, mas definitivamente passá-lo para um plano de baixa prioridade. Nos meses precedentes à partida, a humanidade, em geral, interessou-se por esse momento único, e celebrou. Celebrou-se, no planeta Terra, talvez como em nenhum outro momento na história. Mas, assim que a nave desapareceu dos ecrãs, à medida que os comentários se tornavam mais esparsos e o vazio preenchia a distância entre a Terra e os viajantes, as pessoas rapidamente voltaram aos seus afazeres e às suas rotinas. Nas salas de controlo preparadas na época, outras missões eram planeadas ou eram agora usadas para sessões de dança ou artes marciais. Dos organizadores e operadores originais da missão, já a maior parte tinha morrido, e os que sobravam não tinham estórias novas para contar, adensando o desinteresse nos restantes. Dos múltiplos canais de comunicação, utilizados ao início, a maior parte tinha sido reconectada para outros fins, sobrando agora apenas os nucleares ligados ao computador de bordo da nave. Este, produzia relatórios automáticos que eram, efetivamente, recebidos dentro dos períodos esperados, mas a sua monotonia e consistência impessoal relegavam-nos para o arquivo, igualmente automático, localizado em servidores específicos na Terra. Para efeitos práticos, um arquivo morto, pois mesmo aqueles ocupados com as questões das missões espaciais já não perdiam tempo a consultar relatórios automáticos e impessoais de um computador que fugira para outro sistema solar e que nunca mais voltaria à Terra para ser atualizado. Os servidores em causa tinham espaço suficiente para o armazenamento da informação relativa à missão – assim consideravam os atuais técnicos de informática do centro de exploração espacial – mas as ligações móveis aos membros antigos e atuais responsáveis tinham sido cortadas, por reduzirem a largura de banda necessária para fazer face às necessidades das presentes missões. Sobrava apenas uma ligação física, por cabo de fibra ótica, entre os servidores e um par de terminais colocados num gabinete comum, ao fundo do corredor que conduzia à sala de controlo principal das missões. A janela desse gabinete, voltada para o corredor, via passar dezenas de pessoas por dia, mas, apesar do ambiente movimentado do centro espacial, já ninguém se lembrava da última vez que tinha entrado naquele pequeno espaço. Só as pessoas dedicadas às limpezas e, mesmo essas, apenas esperavam à porta, a maior parte das vezes, que o robot prosseguisse com o serviço.

Passaram-se semanas até que alguém reparasse. A miúda só queria encontrar um sítio para chorar, e a casa de banho não lhe pareceu o sítio indicado, com as constantes entradas e saídas. Nova no grupo de astrobiologia do centro, parou por acaso à frente daquela porta, sempre tão misteriosamente fechada, ao lado da qual a janela mostrava sempre a mesma arrumação do mesmo espaço desocupado. Sentindo a pressão das lágrimas sob os olhos

inchados, entrou sem hesitar. Atrás da secretária e dos ecrãs, estaria relativamente escondida dos olhares e dos ouvidos. Sentia também ser confortável a meia penumbra da sala, apenas iluminada pela luz indireta do corredor. Sentou-se e deixou a carga sair. Chorava, silenciosamente, a perda de um amor, inundada na sensação de abandono que sempre a acompanha. Levou as mãos à cara, molhando os dedos e, atabalhoadamente, procurou um lenço no seu bolso. Foi aí que, com a vista turva, reparou no ecrã à sua frente. Instantaneamente, e apesar do seu estado emocional, o aspeto da tela captou a sua atenção. Do lado esquerdo, apenas exibia uma janela de fundo preto em que iam aparecendo linhas com informação codificada. Do lado direito, no entanto, reparou numa outra janela, com fundo claro e estática na informação que apresentava. Limpou os olhos das lágrimas e leu: “Mensagem. Origem: sistema FarProspect42. Tempo após entrada (Mensagem): 51 (dias). De: L. Para: Centro Terrestre de Exploração Espacial. Conteúdo: “Chegámos.” [...]”.

Capítulo I

Junto à falésia, não soprava uma brisa. Um fenómeno relativamente raro, tendo em conta a frequente nortada que fustigava aquelas arribas desde há centenas de milhares de anos. Nem as alterações climáticas, tão severas como tinham sido, alteraram substancialmente esse padrão, parte da vivência desde que o local se tornou habitado. Já não tão incomum era o nevoeiro matinal que se instalava por aquelas paragens, cerrado como um canavial, tão denso que nem o mar lá em baixo se conseguia ver, a apenas algumas dezenas de metros de distância. Não se via, mas ouvia-se, no sempre presente bater das ondas, hoje calmas e serenas, a julgar pelo leve sussurro cadenciado que vinha lá de baixo. Olhando através da janela do quarto, a visibilidade limitava-se às casas vizinhas, ao empedrado gasto da rua, e da velha nogueira ao virar da esquina só se viam as extremidades dos ramos mais próximos. As gaivotas estariam à espera, flutuando para além da rebentação, a poupar as asas e as gargantas para a pescaria da parte da tarde. Os pássaros terrestres também estavam mais silenciosos que em outros dias, talvez por respeito à solenidade atmosfera nebulosa, ou simplesmente por não conseguirem ver o suficiente das coisas que os faziam cantar normalmente.

L conhecia bem aqueles nevoeiros matinais. Há sensivelmente dez anos que habitava aquela casa comunitária, e sentia diariamente a influência da montanha nas planícies e falésias em seu redor. Não estava lá sempre, devido às suas frequentes viagens, mas o suficiente para lhe proporcionar aquele sentimento indescritível, mas inconfundível no conforto que trazia, de estar em casa. Tendo sido a primeira a levantar-se, nesse dia, dirigiu-se imediata e instintivamente à sala, mesmo antes de ir à casa-de-banho, para abrir as portadas e avaliar o tipo de luz que inundaria a divisão. Apesar de pouco ver lá para fora, necessitou de mirrar os olhos, tal a quantidade de luz difusa que permeava através daqueles vidros a precisar de uma limpeza. Abriu, também, uma das janelas, somente para inspirar um pouco do ar fresco, húmido e salobro do amanhecer à beira-mar. O mês a decorrer era o de abril, mas com o nevoeiro poderia ser junho, ou setembro, que o efeito era praticamente o mesmo. Expirou longamente, fechando a janela de seguida. Também já conhecia a casa: bem isolada e confortável, mas que arrefecia rapidamente se a janela

ficasse aberta numa manhã de nevoeiro. Além disso o chão, os móveis e as paredes começariam a ficar molhados, o que também não era bom, em particular para os miúdos. Porque L era mãe e, como todas as mães, tinha como prioridade o bem-estar deles. Se tempos houvera em que pensava pouco nas necessidades e prioridades de outras pessoas, agora não havia como contornar as responsabilidades de ser mãe. E sentia-se grata por isso.

X e T ainda dormiam, no quarto partilhado pelos três. A cama, uma relíquia bem conservada do início do século vinte e um, tinha um design típico de uma cama de casal da altura, pelo que era nitidamente pequena demais para todos. Mas nada como uma cama pequena para um aconchego mais apertado. Pela porta entreaberta, L conseguia vê-los enroscados, ele de barriga para cima, com a boca aberta, ela com a cabeça debaixo do seu sovaco e um dos braços a contornar o seu peito, como o ramo da era à volta do pilar. Nos restantes quartos também não havia movimentação, àquela hora, incluindo o dos miúdos, o que era um pouco estranho, mas não inédito. L, X e T impunham hora de deitar aos dois, mas às vezes as charadas depois do jantar funcionavam tão bem que se relaxava a regra um pouco. As regras eram também minimamente plásticas na flexi-escola, de onde, em parte, vinha a diferença relativamente à escola de gerações anteriores. Flexibilidade, claro, na medida justa para evitar dispersão, enquanto facilitadora do desenvolvimento saudável dos miúdos. Se tinha sido uma boa ideia trinta anos antes, quando L tinha a idade do mais velho, agora com dez anos, também era uma boa ideia agora. Só guardava boas recordações desse período, e dos tempos na Universidade Aberta. Tinham sido vinte anos de excitação, elevação, gozo e experimentação. Os problemas mais sérios da vida viriam mais tarde: acordar para uma realidade interior em convulsão, o distanciamento face a pessoas-chave na sua vida...a morte de P. Por vezes gostava de pensar que ultrapassara esse evento traumático, mas bem no fundo de si mesma, sabia que não era possível. O amor que sentia por ele tinha sido tão forte, tão transformador, e interrompido de forma tão dramática, que a ferida resultante nunca iria verdadeiramente sarar. L geria essa condição, da melhor forma que sabia e conseguia. X e T perguntavam-lhe, de vez em quando, como estavam as coisas, em particular se reparavam no seu olhar mais alheado, sendo o silêncio a invariável resposta. Esse era um fardo que ela, e apenas ela, teria de carregar. No seio da família, X era o pai, na prática, de ambos os miúdos, mas todos sabiam que G era filho de um cientista astronauta que morrera em Marte. Os pequenos sabiam, mas era L que, passados dez anos, ainda sentia a sua falta. Era precisamente essa saudade, agora impossível de eliminar, que pairava no seu espírito durante aqueles minutos de silêncio, filtrados na luz difusa do nevoeiro matinal. Afastava, languidamente, uma lágrima que se escapara, quando ouvia A, a mais pequena, a fungar à porta do seu quarto.

- Mamã...tive um sonho – A criança de cinco anos agarrava o seu golfinho de peluche, imóvel, enquanto aguardava pelo abraço da mãe. Embora L não fosse a sua mãe biológica, a miúda tratava T e L ambas por “mamã”, o que, por vezes, gerava alguma hesitação entre as mães. No entanto, aquele cabelo loiro com suaves caracóis sobre a cabeça, e a larga estrutura óssea, não deixavam dúvidas sobre qual seria a Mamã e a mamã.

L atravessou a sala, agora exibindo um sorriso carinhoso, e colocou-se de cócoras à frente da menina. Poisou-lhe, delicadamente, um beijo na testa, envolvendo-a com o braço direito.

- Diz lá querida...que sonho foi esse?

- Foi horrível, mamã – A apertava o seu peluche com mais força, na vívida recordação do sonho – Tu estavas numa nave comprida, com muitas camas...e depois a nave voou, e tu foste com ela. E eu queria abraçar-te, e depois já não podia...não vás embora, mamã – Num impulso, A encostou a cabeça ao peito de L, abraçando-a com força e deixando cair o peluche.

- Oh, querida...eu não vou embora – L ia depositando beijos sobre as raízes loiras da sua cabeça, enquanto apanhava o peluche com a mão livre e reunia forças nas suas coxas para pegar na criança ao colo. Num gesto global forte, mas fluido, ergueu-se, segurando-a nos braços. Sentia os seus caracóis acariciando suavemente o seu ombro – Além disso, ia morrer de saudades tuas e do G, mesmo antes da nave partir... Mas olha, tens fome?

A responde com um breve acenar de cabeça, agora menos assustada e sentindo-se mais confortável no colo da mamã. L senta-a à mesa da cozinha. Nesse mesmo instante, X aparece à porta da cozinha, despenteado e nu, exceto por uma T-shirt toda esburacada que adorava usar para dormir.

- Bons dias, meninas – Arrastando os pés, aproxima-se de A, misturando o seu cabelo loiro com o da miúda, dando-lhe um demorado beijo na bochecha. A vira a cabeça e sorri para ele com um olhar luminoso, agora dissipadas as angústias do pesadelo – E agora aqui a esta mãe idosa...

- Olha quem fala, velho bonacheirão – Responde L, espreitando sobre o ombro direito, enquanto X lhe envolve a cintura por trás e lhe deposita um forte beijo no lado esquerdo do pescoço. Continua a preparar o pequeno almoço para a miúda, enquanto X se senta à mesa e começa a descascar fruta.

- Estas peras têm mais bicho que fruta...e, ainda por cima, este fica com a melhor parte – Pisca o olho à filha, já entretida com a colher e a taça de iogurte, cereais, fruta e bolacha – Mas as árvores dão tanta que nem nós todos conseguimos dar vazão a essa parte rejeitada pelo bicho.

- Corta também para a T...já sabes que costuma sair esfaimada da meditação.

- Bem sei – X lança mão a mais três peras, diretamente do balde para onde tinham sido atiradas após a apanha – É por isso que a estas não vou tirar o bicho, que é para a refeição ser mais nutritiva.

- És tão parvo – Entretanto, L sentara-se à frente deles na mesa da cozinha, uma peça de mobiliário obviamente subdimensionada para uma casa comunitária em que chegavam a viver doze pessoas. Ou treze, ou catorze, dependendo da composição das famílias. Mas dillo com o carinho e afeto possível, tendo em conta o jejum que se preparava para eliminar.

- Oh pá, temos de dar aquela mulher algum sustento, não é?

- A sério que ainda não percebi como é que ela ainda não recuperou totalmente da gravidez...já lá vão cinco anos – L mete à boca a primeira colherada do seu prato favorito ao pequeno almoço, o sempre satisfatório prato de cereais com leite de soja.

- Se calhar estás a esquecer-te que ela engravidou quase aos quarenta e cinco anos – X já enchera uma taça grande com fruta cortada, destinada a todos os restantes companheiros e companheiras de casa, começando nesse momento a cortar para o seu próprio pequeno almoço, composto quase exclusivamente por fruta – e a idade não perdoa. Isto para quem não quer submeter-se a tratamentos hormonais e celulares, dos quais não duvido da relevância e eficácia para pessoas mais velhas, mas, quanto a mim, serão sempre de evitar. E fiquei contente pelo facto da T pensar o mesmo.

- Pensar, pensava...só não esperava que parir e amamentar uma filha fosse um dreno tão grande de energia – Era a vez de T aparecer à porta da cozinha, de calças elásticas e camisa de alças a servirem de pijama.

- Da próxima vez...bom, ok, não vai haver uma próxima vez.

- Mulher, por ti é as vezes que forem precisas...hajem braços e espaço nesta casa – X levanta-se para a ir abraçar, sendo ultrapassado por A, que a alcança primeiro e lhe envolve a cintura e o rabo com os braços e a cara.

- Pá, vocês estragam-me com mimos – Pega em A com facilidade, muito embora X tenha feito um gesto para a ajudar, prontamente rejeitado – E, se eu não pudesse pegar nesta coisa boa, e cobri-la de beijos, dava-vos já autorização para me mandarem para o hospital orbital. Mas aceito um pequeno almoço.

- Só não te sentas aqui no meu lugar porque ainda não dei descanso à fruta, mas faz favor e vais ali para a mesa da sala, onde num par de minutos serás acompanhada pelo teu filhão G, que já vi por aí a atravessar o corredor para a casa-de-banho. Vai-se lá saber porquê, mas esta família levanta-se sempre primeiro que a restante malta...

- Essa é fácil – Intervém L, após engolir mais uma colherada de flocos – Nós somos os cotas da casa, vamos cedo para a cama, os miúdos idem-aspas, por serem miúdos. Os outros ficam sempre na borga mais um bocado.

Antes de, placidamente, se ir sentar à mesa da sala, T ainda se aproxima de L, envolvendo-a pelos ombros num demorado abraço, depositando-lhe um beijo terno por trás da orelha. L estaca, para de mastigar e fecha os olhos, gozando uma sensação de delícia. Era inegável que T conhecia os seus pontos sensíveis, talvez até melhor do que X. Talvez por ser mulher, por habitar num corpo de mulher. L mantém a cabeça inclinada para trás e o sorriso de prazer, em todo o tempo que T leva a sair da cozinha e a sentar-se à mesa da sala, junto à janela. Dez anos a partilhar um homem dera-lhes tempo para se conhecerem, num grau de intimidade que não faziam por ocultar.

Conforme previra X, G chega à mesa da sala pouco depois de T, que contempla a leitada de luz no exterior, num estado de calma contemplação. Contrastando com a sua

disposição, G está elétrico. Despachado, vai logo à cozinha buscar os seus flocos, o iogurte, aproveitando ainda para roubar uns quartos de pera descascados por X.

- Alô! Então? Nem um beijo de bom dia, comé? – X atira a invetiva por cima do ombro, no encaço do rapaz.

- Oh pá, até parece que não o conheces – L já se levantara da mesa, lavando calmamente o seu prato no lava-loiça. Ainda sentia saudades da cozinha automática, nos dias em que vivia com P, mas após um período de dolorosa habituação a uma cozinha das antigas, já assimilara estes pequenos gestos como parte da sua muito própria viagem espiritual. Afinal, também o prato e o talher faziam parte do tecido universal – Ele é um bocado como eu: enquanto não tem o que quer, não para por nada nem por ninguém. E o que ele quer agora é ver-se livre dos cotas, e ir brincar.

- Olá mamã – G beija T de raspão, sentando-se ao lado dela a comer o seu pequeno almoço. O denso nevoeiro lá fora não o desmotivava minimamente: sabia perfeitamente que seria apenas durante algumas horas de manhã o que, ainda assim, não significaria ausência de brincadeira quando saísse de casa. Apenas significaria brincadeira que não exigisse mais do que três metros de raio de visão.

Entretanto, X entra na sala, carregando o tabuleiro com o pequeno almoço de T. Caminha no seu modo habitualmente delicado e sensual.

- Este é para a senhora mais experiente da casa, com todo o amor e carinho – E coloca, à sua frente, uma taça de fruta descascada, outra com cereais e outra ainda com iogurte – Isto aqui toda a gente recebe a sua dose de fruta, cereais e iogurte...mesmo que não lhe apeteça.

Ela devolve-lhe um sorriso cansado, mas abraça-o durante o que a X terá parecido muito tempo. Mas este não se importou com o tempo. Aliás, tempo não lhe faltava; não faltava a ninguém, até porque decorria um dos dias da semana em que, propositadamente, não marcavam nada de concreto para fazer. Um dia assim não calhava sempre na mesma posição da semana, sendo que há pelo menos duas gerações que a divisão das atividades durante a mesma era mais fluida que nos séculos anteriores, mais rígidos em muitos sentidos.

- Quê? Precisas que te dê à boca? Já pareces bem crescidinha...

T passa-lhe a mão pelas partes baixas.

- Eu quando quero pôr coisas na boca, sei bem onde ir buscar – Sussurra-lhe ao ouvido, dirigindo-lhe um olhar cúmplice – Mas agradeço a preocupação. Agora vai lá vestir qualquer coisa, para não andares por aí a bater com isso nas mesas e nas cadeiras.

A casa aos poucos foi acordando, à medida que o nevoeiro ia levantando. Quando o companheiro seguinte chegou à cozinha, já G estava com os outros miúdos nas arribas, a apanhar amoras e a fazer corridas de gafanhotos. Com o último a chegar à cozinha, já G estava de regresso para almoçar. Era despachado e autónomo, mas cumpria à risca as indicações da mãe, a quem respeitava mais que ninguém. X e T tinham ido com a mais

pequena até à praia. Havia sempre gente por lá, e quase sempre alguém com miúdos. Para quem vive junto ao mar, estar na praia é uma necessidade, ou seja, mais do que um mero prazer. E os miúdos nunca se aborreciam de mexer na areia, nas conchas e na água. L ficara em casa, a pôr a escrita em dia. As suas responsabilidades no grupo executivo para a comunicação da rede terrestre de exploração espacial tinham crescido desde que G nascera, sendo que agora era chamada a refletir sobre a formação de uma equipa para efetivamente realizar a viagem. A viagem para uma outra Terra: uma ideia que fascinara incontáveis gerações de seres humanos, mas só agora ganhava forma e consistência suficiente para ser seriamente considerada.

- Mãe! – O rapaz entra esbaforido, pela sala adentro, atravessando o soalho agora iluminado pelas figuras alongadas da luz penetrando as janelas. Vem desgrenhado, mãos e cara sujas e um grande arranhão num dos braços. L levanta os olhos do ecrã, temporariamente montado na mesa da sala – Vê o que eu trouxe!

G abre as mãos, até aí fechadas numa concha, revelando os membros angulosos e a cabeça oblonga de um louva-deus, de cor creme, nos movimentos incertos de quem não sabe onde está. L não se assusta, mas arregalam-lhe os olhos em surpresa. O bicho tenta escapar, sendo impedido pela firme pressão formada pelas palmas e dedos de G.

- Muito giro...a sério – O sorriso do miúdo alarga-se ainda mais, com a aprovação da mãe – E já reparaste que os olhos dele são da mesma cor que o resto do corpo? Como é que ele vê? – L repara, desta vez sem grande surpresa, no arranhão avermelhado no braço do rapaz – Mas olha, primeiro vais devolver esse bicho à moita onde o foste desencantar e, segundo, voltas aqui para tratares desse braço e almoçares. Ok?

Ainda de sorriso estampado no rosto, G volta a sair de casa a correr, com o louva-deus aos solavancos entre os seus dedos. Entretanto, entram X, T e a pequena A em casa, onde os restantes habitantes já estavam a preparar o almoço. L começa a recolher as suas coisas de cima da mesa da sala.

- Budge, arruma aí as coisas nos sítios do costume, mas mantém-me as ligações à Rede, que depois esqueço-me onde estive – L comanda ao seu computador pessoal, também um dos seus melhores amigos, enquanto organiza as folhas manuscritas e as coloca na sua pequena pasta. Quase duzentos anos decorridos após a invenção do computador, o papel continuava a ser um meio útil para o registo de notas e outros pensamentos, destino final de uma cadeia inseparável composta por cérebro, mão e caneta.

- Cabeluda, sabes que, por ti, faço qualquer coisa.

- E é por isso que não paro de te pedir coisas, Budgie – Pelo canto do olho vê a sua família a pisar os últimos degraus da escada da entrada e a tocar as primeiras tábuas no soalho da sala – Vocês aí, alto! Para tudo já! – Apesar da ordem proferida em tom de urgência, L está bem disposta – Desçam as escadas, muito devagarinho, descalcem-se lá fora e vertam todas as vossas areias. É que, aí, a areia acaba por voltar para a praia; aqui, acaba por me moer o juízo e as entranhas do robô aspirador...

X e T estacam no topo da escada, apanhados em flagrante com as areias nos chinelos e nos calções. Até A já tinha ouvido a mãe dizer aquilo muitas vezes, e já muitas vezes eles tinham cumprido o ritual de sair, sacudirem-se, e voltarem a entrar.

- Pelotão! Volver! – X pega na pequena A ao colo e começa a descer as escadas abaixo, com T a segui-los de perto.

Entretanto, o nível de ruído na cozinha e na sala subia de tom, com todos os convivas agora prontos para a refeição do meio-dia. O Sol mostrava a sua plena face lá fora, agora que o nevoeiro já levantara completamente. G chegou, também, da sua nova incursão à moita, onde terá devolvido o louva-deus ao seu habitat natural. Estava esfomeado, pelo que L teve dificuldade em fazer-lhe o curativo ao arranhão antes do almoço. Mas estava tudo bem, no decorrer de mais um dia na casa da falésia, como os que lá viviam gostavam de a chamar. Felizes, ou sofrendo ocasionalmente, a vida seguia, de acordo com a vontade de cada um, sem grandes expectativas e aceitando a incerteza que a caracteriza.

Flashback

A cama, nessa noite, estava mais vazia que o habitual. L estava fora, em viagem pela outra extremidade do continente. G também tinham ido em viagem, embora para paragens mais perto de casa, em iniciativa de estudo e co-evolução da flexi-escola. Além disso, as restantes divisões da casa também estavam invulgarmente vazias: as raparigas dos estudos oceânicos tinham saído em direção ao Norte, para estudar águas mais frias, Z tinha ido cozinhar para fora e o casal de saltimbancos que era suposto ter aparecido no dia anterior tinha desmarcado, por terem surgido solicitações mais para leste. Nessa noite eram mesmo só os passos de T e X a ressoarem por sobre aquele soalho de madeira antiga. Aproveitaram o silêncio, e a chuva lá fora, para preparar um jantar mais íntimo, em que não faltaram as velas, assumidas reminiscências de gerações anteriores. Demoravam-se, sentados à mesa, depois de comer.

- E se eu não conseguir engravidar? – O olhar preocupado de T tremia sob a ténue luz das velas.

- T... já falámos disso – X mantinha a calma, segurando, distraidamente, o copo de vinho.

- Sim, eu sei que posso engravidar em qualquer momento, mas também sabes o que penso sobre esses métodos de inseminação artificial – Remexia, nervosamente, nas migalhas que tinham ficado do bolo de chocolate – Eu queria tanto que tudo isto fosse natural... como foi com L.

- L usava, e usa, um contraceutivo cibernético.

- Ok, mas foi naturalmente inseminada, certo?

- Certo – X e T olhavam um para o outro, as expressões de ambos tornadas mais nítidas pelo contraste proporcionado pela luz inconstante – E tu também hás de ser.
- Mas como? Não fui até agora... e já tentámos dezenas de vezes – T estendeu a mão ao longo da mesa, procurando e encontrando a de X, que a acolheu suavemente.
- Olha lá...os médicos disseram que estava tudo ok contigo. Referiram que o único problema, se é que pode chamar um problema, era mesmo a tua idade. Mas que, nem isso seria um obstáculo, no limite.
- Eu estava lá, lembras-te? E olhei para os resultados muitas vezes...num estado de perplexidade – T estende agora as duas mãos até ao outro lado da mesa, encontrando apoio firme nas de X – Sei bem o que eles queriam dizer com esse “limite”.
- E não é nada de especial, T. Trata-se apenas de uma lubrificação localizada intrauterina, até aos óvulos. A inseminação continua a ser natural.
- Pá, X, vê se entendes...eu não quero as pinças dos médicos aqui dentro, Ok?
- Eu entendo, mas é que isso também tem consequências – X liberta uma das mãos para agarrar a garrafa de vinho e verter o líquido magenta escuro para os seus copos. T recusa o vinho, ele bebe mais um pouco – mas olha, e se cortássemos esta conversa, enchêssemos a banheira e fôssemos revestir esse útero com uma dose saudável de esperma, a ver se é desta? Como a L não está será tudo para ti... - Acrescenta, em tom de brincadeira. Os olhos dela brilham.
- Banheira, depois do jantar? Naa...vamos para a cama – E levanta-se, começando a despir-se.
- Deus, não perdes tempo! – Levanta-se também, seguindo-a para o quarto. A roupa fica toda pelo caminho. Ela responde, já deitada na cama.
- Mais tempo do que já perdi? Agora é o momento! – O seu corpo ergue-se, e remexe-se, na excitação – Vá, chega cá esse corpinho sexy.

Enrolam-se imediatamente, nos gestos certos de quem já conhece muito bem o terreno. Afinal, já era assim antes de L se juntar à família. De porta aberta, nessa noite, e com a casa a seu exclusivo cargo, fizeram-no com carinho e atenção, partilhando um amor maduro, sereno e sem ilusões. A seguir, no silêncio ainda mais profundo depois da chuva ter parado, falaram longamente em tons de surdina. Acerca de L, de G, do trabalho, da vida na casa comunitária. À medida que o sono se ia instalando, as palavras tornavam-se cada vez mais esparsas, até que ambos adormeceram. Um par de horas depois, T acordou, surpreendida por estar tão desperta. Passou os olhos por cima do corpo adormecido de X, e os dedos pelos seus caracóis loiros, agora um tudo-nada menos densos na zona do cocuruto. Sentia o seu corpo diferente, como se uma energia inesperada lhe animasse os músculos, especialmente na zona da pélvis. Custou-lhe voltar a adormecer neste novo estado, mas ainda estava, claramente, cansada, pelo que deu umas quantas voltas na cama, tentando não perturbar o sono do seu companheiro. Imediatamente antes de adormecer, ocorreu-lhe que teria, em breve, de fazer o teste da gravidez.

Fê-lo um par de dias mais tarde. Voltara a acordar a meio da noite, prometendo a si própria que seria agora. Cumpriu os passos rigorosamente, mas sem entusiasmo. Tinha um longo historial de resultados negativos. Segurava a cápsula de forma displicente, sentada de pernas abertas na sanita, enquanto esperava pelo resultado. Expirou rápida, mas profundamente, antes de virar o visor da cápsula para si. Luz verde. Resultado positivo. Num reflexo, aproximou a cápsula a dez centímetros dos olhos, a ver se tinha visto bem.

- Estou grávida, foda-se – Disse para si mesma, em surdina – Estou grávida! Nem acredito que estou grávida – Um sorriso nasceu, e cresceu, na sua face, mantendo-se durante longos minutos.

“Tenho de contar à L”. Eram três e meia da manhã, naquelas falésias batidas pelo mar, mas nas costas orientais onde estava L era quase hora de almoço. Depois de arrumar a mesa da sala, que tinha ficado tal como a tinham deixado ao jantar, foi buscar a chapa. Inclinou o aparelho para si, usando o suporte incorporado, e recolheu-se na cadeira, após calçar as suas meias enormes e confortáveis de trazer por casa.

- David, liga-me à L, por favor – Referia-se ao seu computador pessoal pelo nome da célebre estátua do jovem David, eternizada nas curvas perfeitas e pose relaxada da pedra calcária em que tinha sido esculpida.

- Estás com sorte que ela tem a chapa ligada, querida – O seu computador era de uma doçura a toda-a-prova – Mas então, estás com insónias?

- Podes dizer que sim... Mas, na verdade, estou é gráv... - A imagem sorridente de L aparece no ecrã, à entrada de uma sala de onde entravam e saíam pessoas ininterruptamente.

- T! Tão bom ver-te! Como estás?...eh pá, aí devem ser não-sei-quantas da manhã – L faz uma careta bem-disposta, trincando uma maçã de seguida.

- L...nem vais acreditar – T leva as mãos à boca, enquanto os olhos se enchem de sangue e de lágrimas.

- Então?! Estás bem?? O que é que aconteceu?

- Sim...sim. ‘Tá tudo bem...aliás, acho que nunca estive tão bem: estou grávida, L.

- Quê?! Repete lá isso!

- ‘Tou mesmo grávida – Lágrimas de felicidade rolavam-lhe pelas bochechas abaixo, enquanto olhava para a face incrédula de L, do outro lado do mundo – Também me custou a acreditar...estamos grávidos, L. Nós os três.

- Eu sabia!...eu sabia, eu sabia, eu sabia – L olhava em volta, de olhos esbugalhados e um sorriso rasgado. Pessoas passavam por ela e sorriam também, embora não fizessem ideia porquê. Uma pessoa feliz não precisa de explicar porquê para fazer outras felizes. Volta a tomar atenção ao ecrã, onde T está a assoar-se a um guardanapo – Brutal. É só o que tenho a dizer-te.

- Ainda não contei ao X. Ele está a dormir. Já sei que se o acordar e lhe contar, depois não pregamos olho. Também, agora, há tempo. Digo-lhe de manhã... não perde pela demora.

- Oh pá, comemoramos quando eu voltar, amanhã ao fim do dia. Vocês que não se ponham a beber a cerveja toda da casa... até porque a ti nem te convém.

- Bem, vê lá que estou grávida, mas não completamente abstémia – T chega-se à frente, a preparar o fim da chamada. Já comunicara a novidade importante, sentia agora o sono a regressar a si, em passadas largas – Portanto, não penses que tu e o X vão simplesmente dividir a cerveja entre vocês, ouviste?

- Perfeitamente. Mas modera, em nome do bebé – O sorriso persistente de L não desarmava.

- Está descansada, que não sou uma tontinha. Além disso, tenho idade para ser tua irmã mais velha, ó... miúda cota.

Riram-se as duas, embora T não tivesse conseguido evitar um bocejo.

- Vai masé deitar-te, ó cota grávida. Tu estás é a precisar de sopas e descanso. Agora a falar a sério, T: não faças como eu fiz, sempre a dar o litro durante toda a gravidez. Só me apercebi que era melhor parar quando me encharquei toda com o rebentar das águas.

- Sim... o sono bateu-me de frente, agora. Tenho mesmo de me ir deitar – Aproxima a cara da chapa, vendo os lábios de L em ponto grande, do outro lado – Beijo grande.

T desliga a chapa, não contendo mais um bocejo. Ainda com um meio-sorriso nos lábios, arrasta as meias grossas para o quarto, de volta para o corpo do homem que a engravidara. Enrosca-se a ele com toda a delicadeza, encostando a sua barriga contra as suas costas. E agradece a todas as coisas boas de que se consegue lembrar, nos derradeiros pensamentos antes de adormecer.

Custava a respirar o ar impregnado de humidade, e nem valia a pena tentar secar o suor que escorria pela testa, braços e costas. O guia do pequeno grupo, um indígena que se aventurara no estudo de astrofísica, na cidade, seguia por um qualquer trilho que conhecia de memória ou pelo recorte das folhas ou pelo cheiro, porque visualmente tudo parecia mato grosso. A terra emanava um cheiro enjoativo a matéria orgânica em decomposição e excrementos frescos. Ele sabia o caminho, e o grupo confiava, já que vinha à selva pelo menos uma vez por mês, sempre que o estudo e o tempo de telescópio o permitiam. Andavam há cerca de trinta minutos. O barco deixara-os no último cais a montante do rio, naquela zona ainda de uma cor barrenta, composto por água opaca, carregada de silte e uma série de outros detritos que o melhor era não investigar. Estavam avisados que crocodilos e outros predadores aquáticos eram comuns naquelas paragens. O cais era pouco visitado porque só ocasionalmente os índios, e ainda menos outros visitantes, o

utilizavam. Este aguentava as inclementes forças da Natureza apenas devido à profundidade da estacaria e à nobreza da madeira que a constituía.

L seguia logo atrás do guia, por sua vez seguida por dois rapazes nos seus vinte e poucos anos, de momento seus assistentes enquanto estagiários no grupo de comunicação da rede terrestre de Exploração Espacial. Apesar de novos, estavam relativamente habituados a incursões deste género: estudar relações humanas implicava, naturalmente, o contacto com pessoas nascidas e criadas noutros meios que não os seus. O que implicava viajar até onde essas pessoas nasciam, e se criavam. Era elementar na formação em humanidades. Estavam lá para dar apoio a L no levantamento de informação, tratamento estatístico ou qualquer necessidade paralela de comunicação com os locais. Ou qualquer outra coisa que L se lembrasse de lhes pedir. Enquanto pisava folhas mortas, solo húmido e uma série de insetos que não conseguia identificar, L reparava no corpo do guia. Apesar dos anos longe da aldeia, ainda apresentava traços da vida indígena, como os buracos nas orelhas e os pés descalços. A sua pele, de um distinto tom avermelhado, cobria um corpo particularmente magro, mas teso de musculatura. Uma longa trança negra balouçava-lhe sobre as costas nuas. A mochila levava-a à frente, para facilitar o acesso à água e à chapa, em caso de necessidade.

- Faltam cerca de quinze minutos – O guia proferia as primeiras palavras desde que tinham saído do barco, sem parar nem se voltar para trás. Falava corretamente na língua que o poeta Camões ajudara a colocar na história da humanidade, mas a atitude era lacónica.

Tinha nascido, e sido criado, na selva, onde a comunicação com a vida e os elementos naturais não se fazia através de palavras. Para o caso dos rapazes mais à retaguarda não terem ouvido, L levantou o braço e abriu e fechou o punho três vezes, claramente, para eles verem. Três vezes cinco, quinze minutos. Mensagem recebida. Os seus três pares de botas de caminhada seguiam as solas nuas do guia, interrogando-se, em silêncio, como era possível seguir descalço por aquele caminho. Mas o facto é que o indígena parecia sempre saber onde punha os pés.

Finalmente, chegaram a uma clareira, com uma forma aproximada a um retângulo cujo lado mais comprido era da mesma ordem de grandeza da largura do rio que ali os tinha trazido. O chão era estranhamente fofo, mas consistente. Os rapazes explicaram a L que se tratava de um fenómeno não tão raro assim naquela latitude da selva, formado por antigos pântanos que, tendo secado, teriam deixado uma camada de solo relativamente pobre à superfície, sobre a qual apenas aquela espécie de relva fofa crescia. Ainda assim, tinham sobrevivido na área algumas árvores, esparsamente distribuídas pelo retângulo, devido à sua resiliência natural e profundidade das suas raízes. Era sobre essas árvores, precisamente, e nas suas redondezas, que a aldeia se desenvolvia. A caça assava no espeto, à volta do qual as mulheres preparavam a última refeição do dia, enquanto os homens cortavam lenha, ou preparavam arcos e flechas para a caçada do dia seguinte. Os locais observavam os visitantes com curiosidade, mas sem hostilidade. Sabiam, por via dos anciãos, que hoje viriam pessoas brancas da cidade. O guia parou para falar com duas das mulheres, que lhe indicaram onde estes estavam. Fez um sinal ao pequeno grupo, no sentido de o seguir em direção à maior e mais alta árvore da clareira. Os líderes dos

aldeões estariam lá em cima. Começou a subir, sem cerimónias, usando os entalhes escavados no espesso tronco, e nas muitas cordas posicionadas estrategicamente ao longo da subida, para facilitar a escalada. L e seus assistentes olharam para a imponente árvore, a partir da sua generosa base, e depois uns para os outros. Não havia dúvida de que L subiria primeiro. Não se atrapalhou muito, embora a sua experiência de escalada se resumisse às subidas e descidas da escadaria para a praia, junto à casa da falésia, e a algumas incursões pelos penedos na serra. Os rapazes seguiram-na pouco depois, escalando o melhor que sabiam e podiam. Perguntavam-se, interiormente, exatamente como é que os anciãos conseguiam vencer aquele desnível, na vertical, várias vezes ao dia, e ainda assim liderar e gerir os assuntos da aldeia. Chegados à plataforma mais elevada, todos arfavam menos o guia. A sua respiração, ruidosa, contrastava com o silêncio e paz do local, tão diferentes do ambiente ao nível do solo. Até o clima era diferente: mais fresco, menos húmido, o ar menos denso logo mais transparente aos raios solares. Um local perfeito para a meditação, o pensamento e a calma resolução de conflitos. A plataforma, contendo segurança em todo o seu perímetro, na forma de cordas e enlaces, aproveitava a folhagem em três faces, ficando a última aberta para o exterior da árvore, sobre a qual incidia uma ampla vista voltada a Norte, protegida dos ventos dominantes. Suspensa numa complexa configuração de cordas e nós, estendia-se uma cobertura, pairando sobre a plataforma e oscilando ligeiramente sobre as cabeças dos ocupantes. Técnicas de construção milenares garantiam a estabilidade e a impermeabilidade.

Os anciãos estavam, de momento, ocupados com papéis. Embora nascidos na selva, e carregando todas as marcas da vida indígena, tinham tido alguma educação formal na cidade. Retiravam o melhor de dois mundos: a imersão total na natureza exuberante da floresta, e o acesso à cultura e conhecimento de toda uma sociedade que se desenvolvera em paralelo. Ela lia, de pernas cruzadas sobre a esteira, com os óculos pendurados no nariz, e ele entretinha-se, de momento, a fazer um chá, sobre um pote de brasas trazidas lá de baixo. O guia falou com eles no dialeto local.

- “Estamos Nela” – Vocalizou o cumprimento habitual, na referência à Mãe Natureza, sempre presente no discurso indígena – “Trouxe os brancos, Niara. Vamos para o encontro?”

O encontro era o lugar especial de reunião das gentes, situado numa depressão natural do terreno que lhe conferia uma grosseira forma de hemiciclo, a cerca de duzentos metros do centro da aldeia.

- “Estamos, e vamos continuar a estar. Brancos, vermelhos ou amarelos. Obrigado, Jardim. Podes deixá-los aqui connosco, agora. Depois do comer, vamos todos ao encontro. Podes ir” – Disse Niara, sem se levantar. Entretanto o seu companheiro, sem proferir palavra, oferecia chá aos presentes. O guia recusou gentilmente e, levando a mão direita ao peitoral esquerdo, despediu-se do grupo, iniciando de imediato a descida de volta à aldeia ao nível do solo. Niara dirigiu-se a L e aos dois rapazes, retirando os óculos de sobre a face enrugada e, lentamente, guardando-os, com toda a atenção, numa pequena caixa de madeira. Falou, então, na língua deles, há muito aprendida nas suas incursões pela modernidade paralela. O sotaque era carregado, mas fazia-se entender.

- Ele não fala, mas entendemo-nos perfeitamente. E também não ouve, mas se falarem, claramente, de frente para ele, a mensagem será captada – Finalmente levantou-se, calma e graciosamente, da esteira que rodeara de folhas e cadernos, cada um sob uma pedra – Agora vamos comer. Eles ouvem sempre melhor com a barriga cheia. Além disso, o sono só chega mais tarde e, como o trabalho do dia já acabou, é a altura ideal para reunir. Podem aceitar o chá.

- Sim, olá, e obrigado. Eu sou L, eles são...

A anciã interrompeu-a com um gesto realizado com ambas as mãos, voltadas para baixo, mostrando os dedos engelhados, cobertos de cicatrizes.

- Não há necessidade de mais apresentações – Niara dirige um olhar aberto a L, penetrantemente dócil – O nosso contacto já foi estabelecido. Bebam o chá e desçam, sem pressas. Vemo-nos a seguir.

L e seus assistentes entreolharam-se, cada um com o seu copo de bambu na mão, com o líquido castanho-avermelhado lá dentro, fumegante. Um cheiro agridoce escapava da sua superfície aquecida, invadindo as narinas com aromas de fruta tropical e hortelã selvagem. A atitude da anciã inspirava silêncio, pelo que não falaram mais até terminarem o chá, forte no sabor, mas suave na calma que proporcionava. Sentaram-se, de pernas cruzadas, na esteira mais afastada da abertura na folhagem, com vista para o exterior, observando a velha índia a organizar os papéis, a tomar notas e, finalmente, simplesmente a olhar sobre o horizonte na floresta, entrecortado por pássaros a desfrutar o espaço desimpedido acima da copa das árvores. Com o fim do chá, L e os dois rapazes iniciaram a descida da árvore que abrigava o cérebro da aldeia. Já com os pés em terra firme, foram encaminhados por uma jovem índia, cuja cintura era adornada por uma saia de folhas cozidas, para a zona em que todos partilhavam a refeição da noite. Carne assada, frutos tropicais e sementes, seria alimento mais do que suficiente até à manhã seguinte. L refletia no que tinha para dizer. Falar com povos indígenas tinha sido relativamente raro na sua experiência até ao momento, e deixava-a algo apreensiva, na incerteza de conseguir ultrapassar as diferenças culturais, ou simplesmente no receio de os aborrecer. Mas, como lhe era característico, avançava sempre perante os desafios. Novamente sentados sobre esteiras de folhas secas, à frente da comida embrulhada em folhas frescas, L e os dois rapazes eram observados pelos nativos, que não faziam por ocultá-lo. Estavam mais divertidos que desconfiados, sendo que as rastas de L lhes davam uma sensação de maior proximidade, como se estas fossem, de certa forma, uma extensão da floresta propriamente dita. Na curta caminhada para o hemicírculo, L deixou-se ficar para último, enviando os rapazes à sua frente, juntamente com o maior grupo de indígenas. Deixou que todos se sentassem sobre a terra fofa, esperando pacientemente pelo sinal de Niara. Algumas baterias fotovoltaicas e tochas, colocadas estrategicamente, iluminavam o ambiente, sob um luar fraco de quarto minguante. Respirando fundo, L perscrutava as estrelas com o olhar. Numa última análise, eram estas conferiam direção e sentido à sua vida. Já posicionada à frente da audiência de olhos oblongos e narizes perfurados, baixou o olhar no momento em que a líder da aldeia lhe fazia o sinal para começar.

- Todos nós olhamos para as estrelas – Pausa imediatamente, por uns segundos, para o guia traduzir – Desde que há memória que são objeto de fascínio, de interesse, constituindo cenário para as nossas histórias e crenças. Isso tem sido assim aqui, na cidade, e noutros sítios...em verdade, tem sido assim em qualquer parte do mundo – O guia ia traduzindo, sem metade da entoação ou entusiasmo – Nesse sentido, esta aldeia não é especial. A parte especial é que agora, pela primeira vez em toda a história da humanidade, viajar pelas estrelas é possível. O meu papel, e por isso vim falar com vocês, é comunicar às pessoas do mundo que nós conseguimos fazer isto, com o apoio de todos. Digo todos porque isto não pode ser feito por um punhado de pessoas isoladas, mas sim na representação da humanidade. A vossa aldeia não é menos nem mais importante do que qualquer outra comunidade sobre esta Terra. Portanto, tomarem conhecimento e contribuírem para este passo inédito é importante, aqui e agora, para o sucesso da missão. Viajar para as estrelas não é simples. Os riscos são muitos, as oportunidades são ainda mais e maiores; tudo pode fracassar, mas está ao nosso alcance levar seres humanos a outros planetas, que orbitam em torno de outras estrelas, tal como nós orbitamos em torno do Sol – L percorre com o olhar os rostos meio iluminados, atentos, que acompanham os seus gestos e discurso, do qual só entendem a tradução – A Terra é, e sempre será, a nossa casa, mas o nosso lugar é entre as estrelas – Pausa novamente, para concluir – Agora façam, por favor, todas as perguntas que quiserem. No final, o Protocolo abre a possibilidade para que um de vocês se proponha a fazer parte da equipa que irá, realmente, fazer a viagem. Naturalmente que, depois, irá haver testes de aptidão e treino, mas a ideia é que o processo seja o mais inclusivo possível. Muito obrigado pela vossa atenção. Estamos Nela.

Perguntas não havia. Os indígenas estavam mais interessados em falar uns com os outros, e em cantar as suas canções, para fechar o seu dia. As estrelas eram bonitas e misteriosas para se olharem, mas estavam lá muito longe, longe demais para afetarem, de alguma forma significativa, o quotidiano dos habitantes daquela aldeia no meio da selva. L, aliás, também não esperava outra coisa. Findo o tempo que achou conveniente esperar pelas perguntas, que não vieram, dirigiu-se a Niara, no sentido de encerrar o acontecimento.

- Niara, penso que é tudo.

A anciã consultou, com o olhar, o seu parceiro silencioso, que até aí estivera em pé ao lado dela, sempre vigilante. Foi ele a chamar à atenção para o índio, alto, também de pé e segurando o seu arco, por trás de um grupo que, sentado, fumava de um mesmo cachimbo. Destacava-se, não só pela sua altura, acima da média dos outros índios, mas pela forma como se mantinha de pé, imóvel, enquanto os restantes mais de duzentos índios e índias se divertiam, sentados em grupos, falando, cantando e fumando, enquanto as crianças brincavam com os pirilampos, ou já dormiam nas suas caminhas de madeira e folhas secas. A sua cabeça oscilava, ora voltada para cima, na direção da cúpula estelar, ora para o centro do hemisfério, onde ainda estavam L, os seus assistentes, o guia e os anciãos da aldeia. Só se moveu quando o líder silencioso lhe dirigiu um sinal para se aproximar. Numa expressão compenetrada, circundou cuidadosamente vários grupos, até chegar ao centro. Uma vez aí, e sem desviar o olhar de L, começou de imediato a falar na sua língua, até Niara o interromper.

- Este é Kauê, o nosso mestre escuteiro – Niara falava para L, enquanto fitava os olhos de Kauê, um homem grande, de braços compridos, nos seus trinta anos – Até agora, ele disse que queria fazer a viagem; que tinha de ser feito, e que se oferecia para ser o representante do nosso povo.

L estudou-o de cima a baixo, enquanto ele esperava, pacientemente, pela sua resposta. Era consideravelmente mais baixa que ele, sensivelmente da altura do seu arco, o qual segurava não como um adereço ou um mero instrumento de caça, mas mais como uma extensão de si próprio. Algo, nele, a lembrava de P: não alguma marca física, ou parecença do rosto, mas aquela calma resoluto, uma determinação que sempre falava mais alto que as dúvidas e hesitações. Sentiu vontade de lhe tocar, mas a presença de ambos estava sob forte observação, além de que a situação requeria uma resposta sua. Apesar do Protocolo, tentou desmotivá-lo.

- Kauê, mestre escudeiro, Estamos Nela – L levou a mão direita à sua mama esquerda, em sinal de cumprimento. Ele fez o mesmo, enquanto Niara traduzia as primeiras palavras de L – É com emoção que recebo essa notícia. É raro ver tamanha determinação, e quero, desde já, agradecer-te por isso. Mas, se calhar, houve algo que eu não terei explicado bem. É que a viagem espacial de que vos falei, e que considero tão importante... não tem retorno. Ou seja: quem vai, nunca mais volta. Ou, melhor, mesmo que volte, será para encontrar todas as pessoas que conhece já mortas. Na prática, esta é uma viagem só de ida.

Hesitando de forma subtil, Kauê consultou a anciã com o olhar, em busca de confiança e aprovação. Os anciões eram tratados com respeito, até reverência, como se, de alguma forma, fossem a mãe e o pai de toda a comunidade. Ela devolveu-lhe um olhar cândido, sorridente, mas cuidando de não o influenciar em nenhum dos sentidos. Estava tudo bem. Ele baixou a cabeça ligeiramente, levando a mão direita à testa, seguindo com a mesma na direção do coração. Voltou-se então, novamente, para L, e falou, acompanhado de perto pela tradução.

- Desculpa por ter começado há pouco a falar... Às vezes temos pressa, e falamos antes de ouvir tudo. Eu devia saber isto sempre, pois a floresta ensina-nos a ouvir... Mas depois, olho para cima e vejo as estrelas. Desde que me lembro que olho para elas, à noite, sentado num ramo alto. Um dia, pensei: será que a floresta também cresce lá em cima, no sítio onde elas brilham? Se a resposta é sim, e se há forma de lá chegar, então quero ir lá ver.

L sentia o cansaço a entranhar-se nos seus ossos, a apoderar-se do seu corpo. Tinha sido um dia longo, e a floresta era particularmente inclemente para as gentes da cidade. Além disso, já tinha cumprido o Protocolo, pelo que uma parte de si já só ansiava por umas palhinhas para repousar as costas e a cabeça. No entanto, algo a impelia a ficar, e a fazer parte de um momento crucial na vida daquele homem.

- Kauê... Se lá não houver floresta, morremos todos e a missão terá falhado – Enquanto tentava manter o contacto ocular com o escuteiro, de pescoço levantado, movia-se, à procura de um lugar para se sentar, num dos tapetes colocados no centro do hemiciclo – E esse risco existe, não convém esquecer. Em todo o caso, uma vez lá, não se trata de uma mera exploração, porque não há regresso. Aquele sítio terá de passar a ser uma nova casa.

Não haverá forma de voltar para trás e contar a história àqueles que cá ficaram. Eu só quero que percebas isso.

O homem pausou, não desviando os olhos rasgados de L, enquanto ouvia a tradução. No silêncio que se seguiu, pegou solenemente no arco e colocou-o a tiracolo, como costumava fazer quando precisava das mãos livres. No entanto, apenas as utilizou para cruzar os braços à frente do peito, enquanto observava, mais à distância, o bruxulear das tochas sobre a frente de floresta à volta da clareira. Talvez procurasse um padrão nas sombras, algo que o convencesse a deixar a sua floresta para sempre, esta que conhecia tão bem quanto a si próprio. Foi sob o olhar surpreso de L que largou a correr em direção às sombras, desaparecendo para além do manto negro da folhagem. Niara não mostrou qualquer sobressalto: sabia perfeitamente que um ser da floresta precisa de estar imerso nesta, para conseguir tomar uma decisão irreversível. Sob o seu olhar vigilante, L alcançou as suas coisas e reuniu os seus ajudantes.

- Niara, o meu trabalho aqui está feito. Regressamos agora à árvore.

- Que o melhor ramo te acolha – A chefe da tribo fez o gesto do braço ao peito, mas deixou-se ficar junto ao seu povo, que ainda confraternizava sob o manto estrelado.

A respiração das árvores tornava o ar húmido, e a noite quente e abafada. Não era coincidência que as plataformas usadas como camas ficavam a mais de dez metros de altura. L ergueu a cabeça para ver a subida aos seus aposentos, emitindo um suspiro. Gostava muito da floresta, mas nestas alturas ocorria-lhe quão mais fácil seria se simplesmente construíssem as casas no chão, e já agora com cozinha automática e colchões adaptativos. Subiu, a custo, para a plataforma reservada para as visitas, onde cabia ela, os dois rapazes, e pouco mais. Trocou com eles breves palavras de boa noite e algumas indicações para o dia seguinte. Já não estava com cabeça para consultar a chapa, limitando-se a coloca-la em modo noturno. Sentiu que suava, mas não havia forma de se refrescar, pelo que se estendeu sobre a malha tecida com cânhamo seco, procurando mexer-se apenas o mínimo indispensável. Apesar do considerável cansaço, custava-lhe adormecer. Os olhos iam abrindo e fechando, no embalo dos ruídos noturnos da floresta.

Quando o viu, sentou-se de um pulo, assustada, mas sem emitir o grito que sentiu vontade de dar. O mestre escuteiro estava de cócoras, a segurar o arco a tiracolo, junto à entrada da plataforma, fracamente iluminado pelas luzes de presença. Kauê fez um gesto apaziguador com a mão, começando a falar em surdina. L olhou nervosamente para o lado, onde os dois ajudantes já dormiam. Quis acordá-los, mas algo a fez sentir que não havia um perigo real. Afinal, ele era um discípulo leal de Niara, e exímio na arte do escutismo. Apercebeu-se que relaxava, e encostou-se às cordas, na extremidade da plataforma, cruzando as pernas sobre o tapete vegetal. Deixou-se ficar sentada, a sentir as gotas de suor a escorrer-lhe pela barriga, enquanto ouvia o homem sussurrar na sua língua indígena. Não percebia o que ele dizia, mas sabia que era importante, e que tinha a ver com a viagem espacial. Sabia, também, que não teria vindo ter com ela se não fosse para aceitar o desafio. A floresta dera-lhe permissão para ir para o espaço, levando consigo o espírito do verde, da terra e do rio. Ouviu-o até ao fim, até ele se calar e se sentar, de pernas cruzadas, no local onde

estivera acorado, olhando para L à espera de uma reação. Ela falou, também num sussurro, devagar e mantendo-se perfeitamente imóvel.

- Desculpa. Sei que não irás perceber nada do que vou dizer, mas como falaste comigo, falo eu agora contigo. Fazes-me lembrar alguém. A tua determinação, a tua coragem. Já percebi que decidiste ir para o espaço...apesar de eu ter tentado dissuadir-te. Mas é de pessoas como tu que este programa precisa. Pessoas que avancem, apesar do medo do desconhecido, das dúvidas e das incertezas. Alguém que decida ir, na certeza de que não poderá voltar – Finalmente, L moveu o seu corpo, agora relaxado, no sentido de se preparar para dormir – Mas é isso: obrigado. A sério que agradeço, mesmo depois do susto que me pregaste. Agora preciso mesmo de dormir...e, se calhar, tu também, pois a tua vida vai mudar completamente. Nunca mais serás o mesmo.

O sorriso cansado de L, e seus movimentos sobre o tapete, em espiral à procura da posição mais confortável, passaram a mensagem a Kauê, que desapareceu tão repentina e silenciosamente quanto aparecera. De manhã seriam quatro a fazer a viagem de regresso, de volta à cidade, para nunca mais voltar à aldeia no seio da floresta.

Nunca tinha percebido aquele hábito de não colocarem estores nas janelas. E não a convencia o argumento de que tinham nove meses de Inverno, e três meses de Primavera, ou de um Verão muito moderado. O que era suposto ela fazer, quando à meia-noite ainda entrava claridade no quarto, e às cinco da manhã já parecia dia alto? C quisera vir uns dias antes, para “respirar aquele ar nórdico”, o que, de facto, era uma saudável lufada de ar fresco, tendo em conta as temperaturas tórridas de onde tinham saído. Mas dormir oito horas por noite ainda constituía, para si, parte de uma dieta saudável. Já frisara isso a C, mas ele rira-se: “O quê, tu? Só se for uma coisa de agora...se bem me lembro, quando começámos estas andanças, tu dormias quando calhava. Quando não estavas com o miúdo, trabalhavas. Sem hora: era até aguentares.” Pois, mas a idade não perdoava, e a caminho dos quarenta já não se podia brincar...muito. Em todo o caso, aqui ela queria portar-se bem, face aos seus padrões de sono da altura. Mas parecia que o Norte não a deixava, e os nórdicos não ajudavam. Ainda tentou pôr almofadas à frente da janela, e uns casacos, mas as janelas eram gigantes e, claro, a estrutura de oclusão improvisada era altamente instável. Ela só queria o raio de um estore.

Às seis da manhã desistiu de tentar dormir. Depois de meia-hora às voltas na cama, que lhe pareceu uma eternidade, decidiu levantar-se. Resignada à luz implacável do dia, que entrava pelo janelão com todo o à-vontade, apesar da montagem precária da sua mochila, casaco e camisola, foi, de cuecas, tirar aquilo tudo. Não havia uma única nuvem no céu, e o sol já brilhava, pleno, um par de dedos acima do horizonte. Já não se lembrava do que era, por outro lado, habitar aqueles edifícios, excelentes em criar um ambiente interior tão confortável, independentemente do clima exterior. Os nórdicos sempre tinham andado muito à frente...exceto no pastel de nata e na imperial. Ainda cansada da noite mal dormida, mas mais desperta depois do café, arranjou-se para ir correr. Assim que chegou lá

fora, inspirou profundamente o orvalho da manhã. Um cheiro a terra húmida invadiu-lhe as narinas, abrindo-lhe o resto das pálpebras. No seu campo de visão, ninguém, a não ser um rapaz a passar de bicicleta, a pedalar calmamente com as mãos nos bolsos. L observou-o a contornar a esquina ao final da rua, sem parar, sem desacelerar e sem nunca tirar as mãos dos bolsos. Não há nada como saber, exatamente, o que as leis da física permitem, e o que não permitem.

Apesar do céu limpo, sentia as mãos frias. Levou-as à frente da boca, em forma de concha, e expirou com força. Os pés arrefeciam dentro dos ténis, pelo que começou a correr. O batimento da passada e o ar fresco na cara impeliavam-na para a frente, à medida que se desviava das muitas lesmas que via no caminho. A densa folhagem obstruía consideravelmente a luz matinal, mas, apesar disso, ou até por esse motivo, sentia-se mais envolvida na floresta, que repousava em silêncio. Ao fim de uns minutos, parou. A cerca de vinte metros, entre as árvores que ladeavam o caminho, observava-a um veado. Jovem, de hastes curtas, olhava fixamente para ela, que procurava controlar o fôlego e manter-se imóvel. O animal, calmo, não se sentia ameaçado no seu ambiente natural, por aquele bípede em calças de licra e uma meia gigante, rota num dos lados, de onde saía uma considerável quantidade de cabelo. L hesitava entre continuar a corrida e aproximar-se lentamente do veado, hipnotizada pelo seu olhar. Na dúvida, mantinha-se parada no sítio onde o animal lhe tinha chamado à atenção. Às vezes, surgia-lhe a ideia de que ocupava um lugar especial entre os animais deste planeta, não acessível a outros seres humanos. No entanto, logo descartava essa noção, pensando para si mesma que se os animais soubessem de todos os problemas e complicações que lhe passavam pela cabeça, e pelas das outras pessoas, iriam apenas querer a maior distância possível dos humanos. Se, por vezes, não se importavam com a presença de pessoas, mostrando até alguma curiosidade, era mesmo porque não tinham o dom da telepatia, ou, se tinham, eram empáticos o suficiente para nos tolerar. L devolveu o olhar do veado, imóvel, até este perder o interesse e baixar a cabeça para comer algumas folhas, arrancadas de um arbusto. Os humanos são interessantes, mas não tanto. Ao observar esse movimento, L abanou a cabeça, como que acordando de um sonho, finalmente reparando que tinha estado, durante esse tempo, com os pés em cima de uma pequena cultura de cogumelos que cresciam à beira do caminho. Levantou os pés de cima dos cogumelos amassados, praguejando baixinho, e continuou a corrida, sem olhar para trás.

Foi encontrar C à porta da residência, de t-shirt e calções, e, naturalmente, com os óculos escuros que sempre o acompanhavam em dias de céu limpo. Vinha suada, e ruborizada, apesar dos quinze graus centígrados apresentados no ecrã da sua chapa. C não parecia importar-se minimamente com isso. Talvez corresse nele algum sangue nórdico, pensou L, ainda trazendo consigo imagens da floresta densa e seu tapete de folhas apodrecidas.

- Deixa-me adivinhar: foste correr porque não conseguias dormir – C estava, visivelmente, bem-disposto. Ao contrário de L, parecia ter dormido tudo o que precisava, pelo tom de voz e magnitude do seu sorriso.

- A sério, C...como é que eles dormem, exatamente? Enfiam-se debaixo da cama?
- A minha suspeita é que eles dormem de óculos escuros, como eu...
- Estás a gozar, certo? – C não era muito de fazer piadas, o que não significava ser desprovido de sentido de humor.
- Estou – Respondeu simplesmente C, de dentes voltados para o Sol.
- Estás é a tramar alguma...
- Nem tu fazes a mínima ideia como – E encostou-se ao lado da porta, só a deixar-se banhar pela luz, como um lagarto. De tal forma calmo e descontraído que L simplesmente lhe passou ao lado, subindo as escadas em direção à entrada.
- Muito bem, mas o que eu preciso agora é de um duche...e de dar uma última vista de olhos aos documentos, para a reunião daqui a bocado.

C não respondeu, nem tendo dado mostras, aliás, de ter ouvido. Deixou-se ficar voltado para o Sol, como um girassol, enquanto L seguia ao longo das entranhas do edifício da residência, em direção ao seu quarto. Assim que entrou nesse seu reduto temporário, mas já estranhamente familiar, despiu-se imediatamente e entrou na casa de banho sem acender a luz, e sem fechar a porta. A luz indireta, vinda do janelão ao fundo do quarto, chegava perfeitamente. Era quase como se estivesse a tomar banho no meio do quarto. Sentia-se confortável, atravessada pela água quente, que deixou correr até o computador a relembrar da agenda.

- L, querida, tenho a impressão de que se não fores para a reunião das dez horas, eles mandam cortar a água...

L fecha a água, finalmente, vindo secar-se com o enorme toalhão para o centro do quarto.

- Não creio, Budge. Os nossos anfitriões são mesmo super-respeitadores e zelam sempre pelo nosso conforto...mesmo quando estamos a abusar descaradamente – Finda a secagem, chegou até si as peças de roupa mais quente que tinha trazido, pois tinha sangue do Sul e desconfiava sempre daquele sol nórdico – Quanto muito mandavam mensagem e eu participava na reunião por videoconferência, a partir do duche.

- E bem sei que serias capaz... Mas olha, despacha-te lá agora, pois às nove e quarenta e cinco eles começam a contar as cadeiras, e sabes como são picuinhas com a pontualidade.

- Budgie: eu sem ti ia ali para a entrada, sentava-me nos degraus e chorava, simplesmente - Disse L, com um sorriso, enquanto enfiava os braços no casaco camuflado de dupla camada, o seu favorito para caminhadas na floresta.

- Bem sei...é por isso que não te largo: para minimizar o risco que me oxides os circuitos com as tuas lágrimas. Agora vá, põe-te a andar.

- Só tu, Budge...só tu – E silenciou a chapa. Enfiou-a no bolso lateral das calças e, num mesmo gesto, puxou a mochila coçada até si, passando, de relance, a sua imagem pelo espelho. Abanou a cabeça, observando o abanar das rastas. O volume era considerável, e

ameaçavam estorvar a frente de visão, mas não lhe apeteceu tolher-lhes a liberdade e deixou-as soltas. A verdade é que há mais de vinte anos que as usava, e nunca as tinha entalado numa porta, nem no tampo de nenhuma sanita. Sorriu novamente, agora para o espelho, e saiu.

Ao passar novamente na porta de entrada do edifício, C já lá não estava. Não esperou por ele porque sabia, garantidamente, que ele chegaria ao auditório primeiro que ela. Afinal, era o líder de todo o grupo de Comunicação, eleito implícita e tacitamente como coordenador daquela organização a que alguns, talvez ironicamente, chamavam de “vozes dos donos”. Apesar de não se sair do recinto universitário, o auditório ainda ficava a uns vinte minutos a pé. Nesse percurso, praticamente não se cruzou com ninguém. “Devem estar todos a curtir o solstício de Verão, aí pelos parques e pelos lagos, a beber e a fazer amor”. Caminhava pelas alamedas, ladeadas de árvores frondosas e coloridas de um verde vivo. Era verão no Norte! Esquilos atravessavam os canteiros e os lugares para os autocarros, agora vazios, por vezes parando e levantando a cabeça, olhando em redor à procura de outros esquilos, ou apenas para inspirar melhor o fresco aroma daquela manhã luminosa. Ou então, simplesmente, porque lhes cheirava a comida por perto. Até os parques de bicicletas estavam vazios, contando apenas com alguns exemplares, esquecidos ou desarranjados. Os pássaros, encorajados pela ausência generalizada de seres humanos, arriscavam aterragens ao nível do solo, demorando-se a catar minhocas, sementes e migalhas espalhadas. À hora marcada, L estranhou o silêncio à entrada do auditório, em si mesmo uma construção que se destacava das restantes no campus e também, particularmente, do primaveril dia de Verão àquela latitude. A porta, embora bastante larga e alta, constituía o único vão na imponente fachada, coberta com elementos cerâmicos brilhantes pintados num tom de vermelho ocre. Olhou à volta, e ninguém. “Mas não deveria estar tudo aqui à entrada, a bebericar sumos de cenoura e a falar do tempo?” Apesar da hora, intrigou-a a entrada despovoada do edifício, e foi espreitar a fachada lateral. Em tudo semelhante à frontal, mas sem qualquer abertura. Idem na outra fachada lateral. Aquele bloco parecia ser um magnífico monólito, escamado e brilhante, no meio do bosque universitário. Diferente e enigmático. Voltou ao largo central e à entrada imponente, vazia de passos e de olhares. Entrou, e então começou, finalmente, a ver pessoas. Na receção, estava uma rapariga, jovem e belíssima, um excelso exemplar nórdico que sorriu para ela, à distância. Mais ao fundo ainda, junto à porta traseira da sala de conferências principal, falavam em tom de surdina dois homens que reconheceu vagamente de outras reuniões do grupo alargado de Comunicação. Como já estava ligeiramente atrasada, dirigiu-se diretamente à porta principal e entrou, tão discretamente quanto possível.

Lá dentro, a reunião parecia estar a começar, e a decorrer com normalidade. Como não se atrasara muito, foi facilmente tolerada e até ajudada por alguém simpático que lhe indicou o lugar reservado para si, ao lado da cadeira onde estaria C. A sala, embora bastante larga e comprida, à escala humana, conferia uma estranha sensação de conforto e estabilidade. Talvez tivesse a ver com as alcatifas impecavelmente limpas, ou com as madeiras nobres que cobriam as paredes e parte do teto. Mas a descoberta mais surpreendente naquele pequeno percurso ao longo das filas de cadeiras, até ao seu lugar, foi a observação do

enorme vão zenital sobre a sala. Só aí L percebeu o porquê daquele edifício ser tão opaco e monótono visto do exterior: pelo interior era inundado por um mar de luz, vindo do céu. Sobre o dito vão, podia ver-se partes do que parecia ser um sofisticado sistema de sombreamento, porque o facto é que não havia luz direta sobre os ocupantes, nenhuma possibilidade de encadeamento, e a temperatura interior era agradável. “Às vezes, é preciso olhar para cima, para ver a luz”. Na cadeira da extremidade, na primeira fila, L sentou-se precisamente no instante em que C tomava o estrado e começava a falar.

- Eu sei que vos fiz vir de longe, numa altura em que, se calhar, não se justificava um plenário, mas garanto-vos que não será tempo perdido – A sua voz, em tom grave e calmo, como usualmente, soava clara e audível em todo o volume da sala – Estou muito agradecido a este grupo fenomenal, a vocês todos, por tudo aquilo que têm feito durante estes anos. Porque, se hoje em dia as pessoas não se amotina contra o programa de exploração espacial, é muito por nosso mérito – Entre a audiência trocavam-se olhares de inquietação, e alguns sorrisos indecisos, face ao humor discreto de C – Mas enfim, isto foi só uma introdução, porque na realidade não estou aqui para fazer uma história do grupo, nem para listar o seu rol de feitos.

Começou a andar pelo palco, saboreando as atenções sobre si e o silêncio confortável da sala.

- Eu também sei que não vos habituei muito a isso, mas estava a brincar: sendo verdade que estamos longe do entusiasmo coletivo, o facto é que as pessoas, hoje em dia, começam realmente a acreditar que isto da exploração espacial é mesmo possível. Que o nosso esforço em abrir o seu imaginário, com os pés assentes no chão, digamos, está finalmente a dar frutos. Isto em vésperas de realizarmos a primeira viagem espacial propriamente dita... há coisas que ainda estão no segredo dos deuses, por assim dizer, mas estou certo que a maior parte de vocês já sabe o suficiente para saber do que estou a falar. Ou seja: grande momento! Grande momento para estar vivo... - C estacou no meio do palco, olhando na diagonal para o grande vão zenital, desfocando momentaneamente o olhar sobre o azul entrecortado pelas lamelas de sombreamento – Pouco mais de cem anos depois da humanidade ter finalmente percebido que o planeta Terra era a sua casa e que precisava, definitivamente, de a estimar, prepara-se, ironicamente, para a deixar... Bom, é claro que exagero: não se trata da debandada geral, mas tão somente de uma saída prospetiva, da qual não há retorno. Um pouco como eu estar aqui hoje...

Vozes sussurravam na plateia, enquanto L se remexia na cadeira. “O que se passa com ele? Não costuma perder-se com estas introduções ou generalidades”. Mas C continuava.

- No entanto, é natural que neste preciso momento se estejam a interrogar porque estarei eu a entreter-vos com esta introdução, repleta de generalidades já do vosso conhecimento... e talvez se venham a interrogar também, e ainda com maior insistência, porque estarei eu a deixar este grupo, precisamente no momento em que todo o aparato da viagem espacial parece estar, finalmente, a descolar.

Agora, os delegados do grupo de comunicação já se viravam e trocavam olhares de perplexidade. L abria muito os olhos carregando, instintivamente, o sobrolho, também não compreendendo o que se estava a passar.

- Sim...ouviram bem. Também considero que já dei o meu contributo a este grupo, e que está na altura de uma nova liderança se erguer e responder ao desafio. Eu... - C interrompe-se, agora contemplando os próprios pés, à procura de palavras e de tempo para dizer o que o tinha levado a convocar aquela reunião de alto nível – Eu acho que, neste momento, preciso de ajuda. L, podes vir aqui acima ao palco?

L rodou a cabeça, antes de se levantar, numa tentativa de percorrer a sala com o olhar e captar alguma informação que desse sentido àquele momento. Mas desta apenas provinham expressões de dúvida, como a sua, ou esgares divertidos de quem estava a ver aquilo como uma espécie de brincadeira elaborada. Em gestos hesitantes, deixou a mochila sobre a cadeira e subiu os quatro degraus de acesso ao palco, onde C aguardava, agora de semblante mais sério. Apesar de só lhe ocorrer perguntar se tudo aquilo não passava de uma piada de gosto duvidoso, manteve-se calada e deixou que C finalmente esclarecesse as coisas.

- Obrigado, L. Nestes últimos anos, tenho sentido cada vez mais dificuldade em gerir tudo isto sozinho, e confesso estar a acusar algum cansaço... embora esteja convencido que estes ossos, com quase setenta anos, ainda aguentam muitas horas de enxada e sacho, a cuidar da minha horta. Mas não vos fiz vir de tão longe só para dizer que me vou reformar. Também vim declarar que a minha vontade é que seja L, a minha fiel companheira de viagem, a assegurar a liderança deste grupo – Dá um passo na direção de L, segurando-lhe na mão – L, como te sentes na perspetiva de levar este grupo para a frente, e manter viva a ideia e a imagem da exploração espacial na mente das pessoas?

A primeira reação de L foi uma de irritação. Tudo aquilo lhe soava mal. Sentia as faces ruborizadas e, embora carregasse consigo dezenas e dezenas de horas a falar em público, sentia-se desconfortável. Sussurrou entre dentes a C, apertando-lhe a mão com força extra, enquanto o burburinho na sala ia aumentando de intensidade.

- C, a sério...isto é uma brincadeira, certo? O que é que te deu?...

Agora era C que não queria acreditar. Na sua cabeça, e no seu planeamento, só conseguia ver L radiante, orgulhosa na sua nova responsabilidade, que se lhe estava a ser tão generosamente oferecida. Frente a uma plateia confusa e expectante, responde-lhe, também num murmúrio.

- Mas então? O que é que estás a dizer? Que não queres liderar o grupo? Também não entendo...

L puxa-o para um canto do palco.

- Eh, quero o meu bilhete de volta! – Alguém atirou a piada de uma das filas traseiras.

- Mas, como assim, liderar o grupo? – L elevava o tom a meia-voz.

- Preciso que tomes o meu lugar, L. Estou cansado...

Mentor e aprendiz falavam agora um com o outro, em exclusivo, esquecidos de todo o grupo sentado à sua frente, e que ameaçava dispersar.

- Então e apanhas-me assim, desprevenida? A sério, C...não parece teu.

- Se calhar levei tudo demasiado a sério, durante demasiado tempo...preciso de relaxar – C passava as mãos pelo rosto, enrugado pelos anos e pelas responsabilidades, mas as feições mantinham-se serenas.

- Mas o que é que propões, então?

- O plano é simples: eu vou plantar cenouras e outros tubérculos para a minha horta, e tu tomas conta deste grupo.

- E julgas-me capaz?

- Tu?! Tu tomavas conta de dois grupos destes, enquanto plantavas batatas... L, acredita: tu serás melhor líder do que eu alguma vez consegui ser – C colocou as mãos sobre os ombros de L e aproximou-se para lhe falar ao ouvido – Mas, olha, agora temos de fazer alguma coisa relativamente a esta sala, pois daqui a pouco teremos de enfrentar um motim.

- Certo, C...eu ouvi-te. Agora ouvi-te bem – Os olhos de L reluziam, à medida que um largo sorriso se abria no seu rosto. Instintivamente, soube que era a sua vez de se dirigir à sala.

- Com as nossas desculpas, mas o C tinha aqui um plano que deslizou um pouco – Atirou-lhe uma piscadela de olho, enquanto ele se recolhia mais para o fundo do palco – Nesse plano, ele imaginou que nos convocava para vir aqui, nos punha a relaxar na sauna e a cheirar o verde da floresta, e que poderia declarar, com todo o à-vontade, que se ia embora...ainda acrescentado, na sua inocência, que eu o iria substituir, de forma a ele poder ir, finalmente, revolver a terra para a sua quinta fora da cidade, e entreter-se com as suas naves espaciais em miniatura. Bom, ele terá pensado que as coisas tinham deslizado... Mas, o facto é que conseguiu tudo a que se propôs. Sempre invejei a sua capacidade de planeamento.

- Na verdade, confesso, esta foi das vezes em que menos planeei – A voz de C vinha de um ponto junto ao púlpito, onde se tinha sentado numa simples cadeira metálica, de perna e braços calmamente cruzados.

- Outro facto é que não tenho a certeza se consigo dar conta deste recado, nem tão-pouco se o grupo me aceita como líder. Se calhar, o melhor é irmos a votos...

- Se não te aceitamos, pobre do C que nunca mais vai encher as unhas de terra lá na horta – O engraçado da fila traseira voltava à carga.

Sentindo que chegara o momento, a responsável pelos dados, estatística e análise numérica do grupo de comunicação, decidiu levantar-se. Normalmente era muito reservada, mas não menos respeitada no seio do grupo. A seguir a L, era a pessoa mais próxima da confiança

de C. Tinha um porte particularmente alto e magro, coroadado em cima com uma cabeça pequena, decorada com finos cabelos castanhos. Ao levantar-se, esticou o braço direito e estendeu bem para cima os dedos esguios, ornamentados com anéis de várias cores. Ninguém esperava que ela se erguesse, o que fez adensar o silêncio quando a sala se apercebeu do seu movimento. Os seus redondos olhos azuis percorreram as várias filas de cabeças dos seus colegas, expectantes. A mulher baixou o braço.

- Eu também não sabia – A sua voz soava baixa, no limiar do audível para as cabeças mais afastadas de si, o que fez redobrar a atenção da plateia – Terá sido o primeiro e último segredo profissional de C, pelo menos no que me diz respeito. Mas, de facto, já tinha reparado no seu cansaço... Em todo o caso, apenas quero dizer que aceito a sua posição, compreendo-o, e que mal ele referiu que ia sair, ocorreu-me o nome de L. É provável que outros, nesta sala, tenham pensado e sentido o mesmo. Em termos pessoais, poder-se-á gostar ou não da sua personalidade, vincada e forte, mas ninguém ficará indiferente...e, aqui, penso falar por todo o grupo. Do ponto de vista profissional, considero estar para além de discussão a sua integridade e capacidade para gerir este grupo de comunicação... até porque tem sido essa, na prática, a sua função ao lado de C nestes últimos anos. Relativamente à liderança – Nesse momento, procurou o olhar de L, que, entretanto, se sentara na fronteira do palco, ouvindo atentamente a colega – acredito que a intuição de C está correta: não havendo líderes perfeitos, L preenche esse lugar naturalmente, sendo que qualquer outra função lhe será desadequada – Pausou, perante o silêncio sepulcral da sala, levantando novamente o braço numa atitude determinada – Da minha parte, a escolha está feita. Como responsável pelos números deste grupo, ofereço-me desde já para fazer a contagem dos braços levantados, neste momento que sinto como histórico.

Assim que se calou, a sala respondeu. Ainda no silêncio daquele auditório acusticamente irrepreensível, as mãos começaram a erguer-se. Rapidamente, uma após outra, após outra, todas as mãos mostraram claramente a sua escolha. O engraçado da fila de trás fê-lo por último, mas sem a mínima contrariedade. No fundo sabia que não havia outra opção, não uma que fizesse tanto sentido. Foi só quando todos baixaram os braços que L começou a chorar.

Sentia-se cheia do jantar. Possivelmente, comera demais. Não era costume seu, mas no meio da animação, da conversa e da bebida, distraiu-se com as quantidades. E, como a comida estava excelente, o exagero ocorreu naturalmente. C tinha cozinhado o polvo fresco que fora buscar de manhã, um animal que nessa madrugada ainda ondulava os tentáculos na sua vida de cefalópode, livre no oceano. Um prato tradicional da região há séculos, e um dos favoritos de C. Em geral, consumia vegetariano, mas ali, e à mesa de C, de bom grado abria uma exceção. Finda a refeição, beneficiou da licença tácita dos restantes amigos mais próximos de C, para ir tratar de pôr G na cama, enquanto eles levantavam a mesa, limpavam e arrumavam sala e cozinha. C vinha de um tempo em que as cozinhas automáticas não constituíam ainda o standard em termos de robótica do lar,

tendo instalado apenas a versão mais atual das quase obsoletas máquinas de lavar loiça. Basicamente, a máquina limitava-se a lavar a loiça, embora o fizesse de forma extremamente eficiente.

G já tratava da maior parte das coisas relacionadas com ir para a cama: vestir o pijama, lavar os dentes, pôr o copo com água na mesa de cabeceira; L apenas o ia seguindo pelo puro prazer de ver o filho e de lhe dar beijos quando possível. Havia, habitualmente, um momento de conversa antes do miúdo se dedicar à leitura durante uma sagrada meia-hora, usando a chapa de L em modo papel, já que havia que limitar a exposição a ecrãs retro-iluminados.

- Mãe, é mesmo verdade que vão pessoas a outros planetas? – G olhou para L com os seus olhos azuis muito abertos, cheios de curiosidade e admiração, sentado muito direito na sua posição de leitura.

- Já foram pessoas a outro planeta... Antes de tu nasceres já havia pessoas a ir e a vir de Marte.

- Sim, mas assim a sério... ir para sempre. É verdade?

L passava os dedos pelo cabelo do rapaz, forte e revoltado como o seu sempre fora. Sorria para ele carinhosamente.

- É, querido. É mesmo verdade. Mas há muita coisa que ainda não se sabe... Por exemplo, não se sabe ainda quem é que vai. Não todos.

- Mas depois o que é que lá acontece? Também vão existir casulos, e casas... e o mar?

- Muita coisa será diferente – Os traços característicos do filho sempre a faziam lembrar de P e, com essa memória, uma certa melancolia – Mas as pessoas sempre serão pessoas. Precisam de casas, de roupas, de ferramentas para construir veículos e... sim, água também vai haver, porque, lá está, sem água não há pessoas. Imagino assim uma floresta a perder de vista... com o mar no horizonte.

- Mãe... se fores para lá, eu vou contigo, ok?

Num impulso, L abraça o rapaz de imediato, no súbito medo de o perder.

- Oh, querido! Poderia eu, alguma vez, separar-me de ti?... Não sei do futuro, G, mas disto tenho a certeza: sou tua mãe, e tenciono continuar a sê-lo em qualquer parte do Universo!

Mais descansado, e confortado pelo calor do abraço, G retomou a sua atenção na leitura, libertando a mãe para voltar à sala onde C aguardava por ela. L levantou-se, arrastando os pés em direção à porta, mas sem desviar o olhar do rapaz. “Querido G! Não sei para onde vou, mas sei que vou contigo”, pensava, encostada à ombreira da porta, quando sentiu uma mão a deslizar pelo seu ombro. A voz suave de C tinha encurtado a distância entre a sala e o quarto onde G costumava ficar, quando L vinha a sua casa; já conhecia a tendência de L para perder a noção do tempo, quando na presença do miúdo.

- L...ainda vens? – Sentindo a reticência de L em desencostar-se da porta, relembrou-a em tom paciente – Olha, vou dando uma última varridela na cozinha. Aparece quando quiseres.

O miúdo estava bem. Estava feliz. Ouvindo os passos descontraídos de C de regresso à cozinha, contemplou o filho por uns segundos mais. Um pouco mais, o suficiente para o seu infinito amor de mãe aceitasse que tudo ia ficar bem. Não sabia quando nem onde, mas sabia. Finalmente, desencostando a cabeça da ombreira da porta, rodou sobre os calcanhares e percorreu os poucos passos até chegar à cozinha.

- Olha, C, deixaste aqui umas quantas migalhas no chão.

- A sério? – Apesar de ter acabado de arrumar a vassoura e a pá na dispensa, C faz o movimento de se levantar novamente para as ir buscar.

- Naa...não há migalhas. Estava só a brincar.

- Eh pá, mas eu varro...Sabes que detesto deixar a cozinha suja.

- Eu sei, e vejo que continuas a limpá-la impecavelmente – L ajeita-se, graciosamente, sobre a cadeira mais perto de si, junto à mesa no centro da cozinha – Mas escusas de te levantar; migalhas, só na minha imaginação. Tu não estás assim tão cegueta...ainda. Mas, diz-me, o que querias falar comigo?

C sorri para ela, no habitual sorriso fraternal que lhe reservava. Há muito que ficara para trás a mera relação profissional.

- Olha, queres um chá?

Movido pelo acenar com a cabeça de L, levanta-se para preparar o chá, começando por cortar e lavar as folhas de erva príncipe que antes trouxera da horta. C continua.

- Sabes bem como, na nossa organização, temos como um dos valores principais, a autodeterminação. Também conseguimos desenvolver, coletivamente, um sentimento de missão, mas a base está no facto de cada um de nós acreditar estar no seu elemento, enquanto membros da equipa – Agora corta as folhas em pedaços ainda mais pequenos, para dentro do bule, enquanto a água aquece – É que uma pessoa fazer o que quer é fácil... o difícil é várias pessoas fazerem o que querem, num esforço coletivo para atingir algo comum.

- Vais falar da viagem, não vais? – L segue-lhe todos os movimentos, enquanto este prepara o chá como se fosse uma meditação. Em silêncio, C verte a água quente para dentro do bule, e traz o conjunto com a caneca, a base e o mel para a mesa. Habilmente, distribui as várias peças pela mesa, mantendo uma expressão reservada.

- Vou – Após uma pequena pausa, retoma o raciocínio anterior – Mas queria só reconhecer, primeiro, que tu és a pessoa mais autodeterminada que conheço. Sei perfeitamente que é pela tua vontade, e pela tua vontade apenas, que te dedicas a este grupo e à missão que construímos juntos. E assim quero que continue a ser, muito embora já me tenha reformado, por assim dizer – Remexe, com a colher, as ervas dentro do bule,

para acelerar a sua abertura – Também sei que há uma parte de mim que só se desligará deste grupo quando eu morrer...embora já não me falte muito.

- C, então...

- Há que encarar isto com naturalidade, L. O teu último dia também chegará. Mas tens razão: isso agora, de facto, não interessa – Introspectivamente, serve o líquido transparente para dentro da caneca, observando atentamente a subida do vapor – Interessa, no entanto, dizer que quem anda mais concretamente a pensar nos detalhes operativos da viagem, anda também a consultar-me.

- Isso é estranho, tendo em conta que, agora, sou eu que asseguro a liderança do grupo de comunicação – L responde num tom menos caloroso.

- Percebo que sintas isso... Mas tens de ter em conta que, por mais de trinta anos, foi comigo que certos assuntos foram tratados. Há um lado pessoal nisto, não estritamente organizacional. Eu e a I já nos conhecemos há muitos anos.

- I? Quem é a I? – L dirige-lhe um olhar incisivo – C, conta-me tudo...estou a ficar inquieta.

- Eu sei que nunca foi política deste grupo ou, que eu saiba, de outros grupos relacionados com a exploração espacial, manter segredos – C beberica, cautelosamente, o chá quente, soprando levemente – Mas a questão é delicada, acredita. E já vais perceber porquê.

- Porquê? – A resposta, imediata, não oculta a inquietação. Mas C não interrompe o ato meditativo, enquanto bebe o chá, olhando, por momentos, através e para além de L.

- Eles estão a pensar em ti, L. Há ali uma intenção forte para que faças parte da equipa. Pelo menos desde a altura em que me retirei de cena que o teu nome circula por vários círculos...e o grau de certeza tem estado a aumentar.

- Em mim?! E deixar o meu G para trás?? Eles que nem pensem nisso! – No momento, o seu instinto protetor de mãe sobrepunha-se a tudo o resto – Eles que nem pensem nisso...

C volta a focar o seu olhar nela, visivelmente perturbada, mas cujas faces ruborizadas transpareciam, também, um sentimento de excitação. Ia lendo a mulher, a mãe, a colega e amiga que tinha à sua frente.

- Não te está a ser pedida nenhuma decisão. Não de momento. Isto trata-se apenas de uma primeira sondagem – Bebe, demoradamente, mais um golo do chá, inspirando os vapores aromatizados por este libertados – Além disso, isto não está sujeito a prazos. Naturalmente que existe um planeamento, mas é indicativo e serve apenas fins organizacionais, sendo continuamente atualizado. A humanidade não esperou milhares de anos para agora se dar ao luxo de enviar, a outro planeta fora do sistema solar, um grupo de pessoas que não sintam que esta viagem faz parte da sua razão de existir.

Num reflexo nervoso, L remexia as rastas, mantendo um silêncio pensativo. De repente, levantou-se e saiu da cozinha, deixando a porta aberta. Embora alertado pelo movimento brusco, C não se levantou para ir atrás dela, pois já sabia para onde ia. Quando L chegou

ao quarto, G já tinha pousado o livro na mesa de cabeceira, e apagado a luz. Sentiu, no entanto, a presença da mãe ao seu lado, a afagar-lhe a testa e dar-lhe um levíssimo beijo na testa.

- Adoro-te, mãe – A voz do rapaz saia arrastada, já meio envolvida num cobertor de sono – Boa noite.

- Amo-te, G...muito mesmo – Levanta-se, a custo, no silêncio do quarto escurecido – Dorme bem.

Voltou para a cozinha.

- C... Eu não sei quem são essas pessoas, embora, se calhar, devesse saber – L levanta as mãos para a cabeça, ajeitando as rastas e compondo o molho junto à nuca, como costumava fazer para se concentrar – Se calhar, também, deveria sentir-me agradecida por estarem a pensar em mim para fazer parte desta equipa... Mas a verdade é que não sinto. De momento, sinto apenas uma pressão, que não sei se é bem-vinda nesta fase da minha vida.

- Não há pressão – C corrige rapidamente – Não há pressão porque, diga-se o que se disser, tu não tens de ir. Ninguém irá, a não ser no pleno exercício da sua vontade. E também não há pressa porque, como te disse, a humanidade não esperou milhares de anos para agora estar a stressar por uns meses, ou uns quantos anos que sejam.

Por um momento, L observa C, de mão pousada ao lado da sua caneca de chá, permitindo-se relaxar. Estava na Terra, entre amigos, o seu filho a dormir um sono descansado no quarto ao lado. Estava segura. Tudo parecia seguro. Mais descontraída, coloca a sua mão no ombro de C, em jeito de despedida de boa noite e usando esse apoio para se levantar. Em silêncio, ele ficaria mais algum tempo na cozinha, confortando os seus pensamentos com o resto do chá príncipe, enquanto L iria inspirar, por uns minutos, o ar frio da noite, sob o céu estrelado. Vestiu o casaco e calçou as botas para sair. Lá fora, só se ouviam os sapos, os grilos e o vento a soprar entre as copas das árvores. Desceu as escadas junto à parede da casa e deitou-se sobre o empedrado. Sabia que não ia aguentar muito tempo ali, imóvel e rodeada de ar frio, mas precisava de contemplar o arco estrelado no céu. Um daqueles pontinhos brilhantes seria o destino de uma viagem. L observava o espaço. Nada de concreto se desenhava na sua mente, apenas sentia aquela imensidão, e o deslumbramento face ao desconhecido. O que seria estar lá? Fechou os olhos. O frio cerrava-lhe os lábios e endurecia-lhe a ponta do nariz. Na sua mente, revia claramente o braço da galáxia, uma imagem tão familiar quanto distante e misteriosa. “Fora de nós, não há salvação”. Surpreendeu-se ao pensar que, em tanto tempo à procura de gente para a viagem, não lhe ocorreu, nem por um instante, que ela própria pudesse ser uma candidata. Abriu os olhos, encontrando as estrelas nos mesmos exatos sítios. Levou a imagem consigo para a cama onde, nessa noite, dormiria um sono inconstante e irrequieto.

Sonho

Flutuo nesta atmosfera como se fosse um espírito. Estou de regresso a Marte? A tempestade...não a vejo ainda, mas lá em baixo está a base junto à qual a tua nave se despenhou. P... eles tentaram salvar-vos. Lá em baixo, a base parece um bunker. Todas as proteções das janelas, fechadas, todas as antenas não essenciais, recolhidas. “Vamos lá buscá-los!”, “Mas como? Acabámos de perder sinal!”, “A probabilidade de os localizar agora, só com a trajetória conhecida e sem sinal, é inferior a cinco por cento”. A sala de comando está o caos. “Mas temos de fazer alguma coisa!!”. Eles correm, olham para os ecrãs, olham para as caras assustadas uns dos outros. Vejo claramente o seu pânico, as faces contraídas e os olhos esbugalhados, enquanto esgravatam numa réstia de sanidade para conseguir tomar uma decisão sobre o que fazer. Apesar da tempestade, o seu vaivém está solidamente ancorado na plataforma, mas as baixas probabilidades calculadas pelo computador demovem-nos de lhe pegar. Não foi não querer, P... foi não optar pelo suicídio. Ainda assim, saíram. Vejo-os a sair da base, um a um, metidos nos fatos, e a mergulhar na tempestade de areia. Cada um só consegue ver os seus próprios pés, o capacete do colega da frente a um braço de distância, e pouco mais. A fúria das partículas e das descargas elétricas a preencherem tudo o resto. Seguem, arrastando-se sob a força impetuosa da tempestade, atrás do mini rover, ao longo do caminho exterior da base para o sítio onde era suposto o vosso vaivém aterrar. A luz não atravessa a densa massa de areia, e o percurso parece-lhes durar uma eternidade, enquanto ouvem a respiração irregular uns dos outros através dos intercomunicadores dos fatos. A ideia era esses quatro montarem localizadores na plataforma, manualmente, na esperança que vocês pudessem aproximar-se o suficiente para ver, a olho nu, a base de aterragem. Isto enquanto os restantes quatro se fechavam no bunker, rezando para que no final não fossem eles os únicos sobreviventes. De repente, o chão estremece, na sequência de um clarão. “Rápido! Andem mais rápido!” Mas o vento, a areia, os fatos e o medo não lhes permitem... movem-se, apenas para não serem arrastados pela tempestade, e porque o ímpeto de salvar os impele para a frente. Salvamento que, nos bastidores do seu subconsciente, se torna, a cada passo, mais improvável. Sabem perfeitamente que as tempestades de areia não causam tremores de terra, e que aquele clarão não tinha sido, definitivamente, uma descarga elétrica. No meio do silêncio ensurdecido da tempestade, filtrado pelos fatos, um tentáculo desmoralizador ganha terreno, desenhando-se nas mentes do grupo o desfecho inevitável. Aproximam-se devagar do destroço, assim que este se torna visível. Assistem, estarecidos, ao consumo da nave de dentro para fora, agora esventrada pela explosão, retorcida e fundida parte da sua estrutura. Aguardam, vertendo lágrimas de frustração e desespero, que o rover faça o reconhecimento inicial, à procura de indícios de explosões secundárias, ou subsequentes derrocadas. Com o Ok do autómato, entretanto ancorado para resistir às forças laterais, eles avançam para a constatação do óbvio: não há ninguém para salvar. A sala de comando, tombada lateralmente, segura apenas restos disformes e carbonizados de pessoas, outrora colegas seus na missão espacial a Marte. Sabem não poder ficar mais tempo a contemplar uma nave destruída, juntamente com os farrapos de uma tripulação para além de qualquer resgate. Além disso, não tinham trazido as ferramentas para uma

análise forense e, no meio da tempestade, todo o esforço nesse sentido seria em vão. Naquele momento, e apesar disso, só mesmo o salvamento fazia sentido. “Vamos voltar”, foi só o possível dizer, ao qual nenhum dos restantes respondeu, pois pensavam o mesmo. A tempestade não abrandava, à qual se adicionava uma nuvem de desânimo e tristeza no seio do grupo. A dificuldade de chegar à base é, agora, ainda maior, morta que está a esperança de encontrar alguém vivo. Vejo-os a arrastarem-se uns aos outros, segurando a corda que deixaram ao longo do caminho. Sabem que terão de voltar ao local do desastre, mas só mais tarde, quando a luz do Sol banhar por completo aquela terra vermelha, expondo claramente todas as peças daquele destroço. Entram na base exatamente como saíram, mas no sentido inverso: um a um, e em último o primeiro a ter saído. De repente, estou dentro da base, a vê-los entrar. Parece que o som foi desligado, mas os que ficaram vêm em seu socorro, gritam, fazem perguntas, conectam-se com o desânimo dos colegas. Para eles, todos, a perspectiva é agora de quarentena forçada pela tempestade, sob o peso do colapso e da morte. Apesar de saberem que fizeram o que podiam, cada um deles experiencia uma sensação insidiosa de falhanço. Estou ali em espírito e sei que todos eles sentem o dever de ter salvo, a inconciliável obrigação de ter feito o impossível. E algo me diz que vocês teriam feito exatamente o mesmo. Eis a coisa mais estranha, P: eu estou aqui e sei que estou a sonhar isto. Sei que não estive lá e que isto é uma reconstrução da minha mente, tecida a partir de uma série de factos recolhidos em relatórios impessoais. Eu não sei, exatamente, como é que morreste, nem como é que te tentaram salvar... Mas este é o sonho mais consciente que alguma vez tive. Estou viva, estou a dormir, mas nunca me senti tão próxima de ti deste o momento em que este planeta vermelho te engoliu. Neste momento estou em paz. Daqui a pouco acordo, e sei que o vazio que ainda existe em mim se vai fazer sentir no meu corpo. Há uma parte de mim que terá de morrer, para eu viver sem a opressão permanente da tua morte.

Log IV

A vida por aqui começa a estabilizar. Certas coisas são já rotina, como as reuniões de grupo pela “manhã” – se só agora começaram a ler este log, ficam a saber que terão de ir ler, ou reler, mensagens anteriores, para perceber a razão pela qual manhã foi colocada entre aspas – e os jantares de grupo ao fim da “tarde”. Quando o clima permite, montamos o estendal do jantar no que se está a tornar o nosso centro comunitário, uma extensa plataforma baixa, a três metros e meio do solo, unindo várias árvores, onde colocámos três robots-cozinha. Aliás, sinto-me no dever de agradecer, aqui e agora, o fantástico trabalho do nosso grupo de engenharia. Eles e elas têm trabalhado, trabalhado, trabalhado, e a seguir...trabalhado mais um bocado. Pensaram e projetaram todas as estruturas nas árvores, planificaram todo o nosso trabalho de mapeamento, e lá arranjam maneira de trazer dois dos robots-cozinha da nave principal cá para baixo, retirar o existente no vaivém, e de os adaptar ao uso exterior, no centro comunitário. Agora estão a conceber um posto de observação e medição, uma estrutura elevada a mais de cem metros do chão, e que me faz lembrar as torres de comunicação global aí na Terra (que não sei se ainda existem, ou se ainda são utilizadas)...

Ah, e fomos até ao mar. Pegámos nos nossos dois casulos voadores e sobrevoámos o contínuo tapete de floresta até lá chegar. Ainda não é tempo para viagens recreativas, pelo que a saída deu entrada como “deslocação exploratória”. Era isso ou “incursão científica”. Do que vimos, trata-se de uma linha de costa irregular, acidentada, repleta de calhaus... face a um mar agitado. Impiedosas, as ondas fustigam aqueles rochedos, que lentamente, muito lentamente, vão cedendo ao desgaste. A floresta praticamente cai dentro de água, ocupando todos os pedacinhos disponíveis de solo. Ali, no entanto, só cresciam espécies de menor porte, mas rijas, teimosas e perfeitamente adaptadas àquele vento permanentemente húmido. O nosso biólogo diz que este é um planeta jovem, ainda pouco habituado à extinção e à erosão. Com dificuldade, encontrámos uma plataforma rochosa grande e plana o suficiente para pousar os casulos. Chovia copiosamente, embora de nuvens altas, o que permitia observar a profundidade da paisagem, em tons de verde e cinzento, entrecortados pelo negro luzidio da rocha. Ao sair do casulo, e sentir as gotas frias sobre a face, tive a sensação mais estranha. Por um lado, apercebi-me, com uma pontada no estômago, que nunca mais voltaria à Terra. Claro que eu sabia disso... mentalmente. Mas só nesse momento as minhas entranhas me informaram que deste planeta não sairia, o que já não foi tão fácil de digerir. Ao mesmo tempo, invadiu-me uma sensação de pertença: a pressão das lágrimas atrás dos olhos e a vontade de estar em todo o lado, ali, em contacto com aquela terra, com aquela água e aquele ar. Senti-me aprisionada à minha nova casa. Relatos de uma alienígena emocionada. Mas aparte da experiência transcendental, a deslocação exploratória a este mar deixou claro que assentar aqui não seria boa ideia, independentemente das nossas saudades do oceano terrestre. Até porque dificilmente poderíamos compensar dias como este com umas boas horas passadas na praia, a sentir o calor do sol nas nádegas. Sentiríamos esse calor sobre as copas altas das árvores, ou deitados de barriga para baixo nas canoas, deslizando ao longo do rio, serenamente serpenteando pelo coração da floresta. Bem-vindos ao planeta verde-alaranjado.

Capítulo II

“Daqui de cima, o céu está azul e o Sol brilha”. O piloto do vaivém gracejava, enquanto a pequena nave cruzava a atmosfera rarefeita daquele planeta vermelho-ferrugem. A queda inicial da fragata nuclear, estacionada em órbita, tinha sido menos tranquila, como era expectável na entrada de qualquer planeta com o mínimo de atmosfera, mas o restante voo estava a ser suave, quase tão pacífico como o percurso interplanetário que tinham seguido para ali chegar. O computador de bordo da nave-mãe tinha calculado o momento e a linha do percurso, não em função da menor distância percorrida, mas considerando como fatores determinantes o período diurno e as horas acordadas da equipa de receção lá em baixo. Uma hora e meia de viagem, que não terá parecido demasiado a nenhum dos tripulantes, na sua maioria estrepantes como visitantes à Base de Construção Naval Interestelar. “E, além disso, lá em baixo vai haver cerveja fresca e gelado, para quem já não pode mais com a comida da cantina”. A Oficina, como era referida, carinhosamente, na gíria dos técnicos locais, ocupava agora uma superfície várias vezes superior à base inicialmente montada pelos colegas de P, dez anos antes. Como em todos os grandes projetos, tinham ocorrido substanciais alterações às instalações em Marte: a intenção original de produzir oitenta por cento dos componentes da nave interestelar a construir, e apenas trazer da Terra cerca de vinte por cento das peças, tinha-se metamorfozido na produção local de apenas vinte por cento dos componentes, trazendo os restantes oitenta por cento da Terra. O objetivo tinha sido, naturalmente, minimizar, tanto quanto possível, o transporte de grande quantidade de componentes ao longo dos cerca de setenta milhões de quilómetros entre os dois planetas. Ironicamente, embora o plano inicial tivesse o resultado de estudos e decisões perfeitamente racionais, no seguimento dos primeiros anos de expedições, a massa efetivamente produzida na Oficina correspondia a uns oitenta por cento do peso da nave construída em órbita. Não era por razão nenhuma que o planeta tinha recebido o título de “planeta vermelho”, sendo o ferro um elemento muito simples de aí minar, ao contrário da maioria dos restantes elementos constituintes da nave. E, tendo em conta o peso por unidade de volume desse ferro, e o seu volume utilizado na nave, terá sido uma questão de mera lógica transformar a Base de Construção Naval Interestelar em Marte numa metalúrgica e metalomecânica.

L seguia, em silêncio, sentada ao lado da janela, de olhos postos no horizonte. G seguia a seu lado, também muito calado, atento a todos os movimentos da mãe. Não nutria um particular fascínio por aquele planeta, que apenas visitara em sonhos, geralmente pesadelos em que P morria, invariavelmente. Para ela, aquilo não passava de um deserto, despido e frio, iluminado por um Sol ligeiramente mais distante ao qual estava habituada. Concedia, no entanto, a existência de uma certa beleza associada àquela paisagem ampla, claramente definida em função de uma atmosfera de baixa densidade. “À vossa direita, surge então “o Feijão”, que vos há de levar desta para melhor”. O piloto estava, efetivamente, bem-disposto, mas L não esboçou um sorriso. Contemplou o surgimento gradual da nave, sobre a linha do horizonte, de facto ligeiramente à direita relativamente à trajetória do vaivém nesse momento, mais como quem vê um modelo representado sobre uma tela, do que propriamente uma construção real colocada numa órbita estacionária. A conversa era pouca entre aqueles que constituíam o grupo de oito que tinham vindo para ver, e decidir

se iriam, de facto, desta para melhor. Entre os primeiros, incluindo L, os olhares transpareciam apreensão, e o seu silêncio expectativa e incerteza. A nave, cuja forma fazia lembrar, de facto, um feijão acoplado a três reatores de fusão nuclear, pairava sobre a base, cujo contorno começava a desenhar-se no limite do alcance visual. Um contorno bastante discreto, aparte do posto de observação original, antenas e algumas naves de trabalho, de descolagem e aterragem verticais. Todos os visitantes tinham acesso à configuração interna da base, cuja estrutura era enterrada, na sua maior parte. Quem lá permanecia por mais de sete dias percebia porquê: menores necessidades de isolamento térmico, menor exposição à radiação solar não filtrada, proteção das tempestades de areia e maior proximidade entre a máquina de café e o armazém, o que evitava as sempre desagradáveis faltas de café à hora da reunião matinal. A falta de luz natural resolvia-se com subidas frequentes à superfície, e subidas de trabalho ao feijão. E utilização criteriosa das aberturas zenitais. Do lado oposto à zona habitada e das plataformas dos vaivéns, estendia-se a linha de produção industrial, associada a uma vasta área de captação de energia solar. À medida que a nave se aproximava, L observava o brilho refletido dos painéis a mudar de direção, como um grande risco de luz sobre o solo marciano. De forma mais discreta, o brilho e transparência das coberturas das áreas metalúrgicas era aparente, dada a trajetória que levavam. Também estas eram enterradas, mas dotadas de coberturas que permitiam contemplar o céu, mesmo no local onde dois gigantes fornos elétricos fundiam o material bruto, do que se separava o metal líquido necessário à construção do feijão. “Na altura em que os fornos estavam ligados, o sistema de recuperação de calor conseguia aquecer a base inteira”. O piloto ia debitando factos úteis para quem estivesse com disposição para ouvir. “Agora, nos últimos dias das tempestades de areia, temos de pôr mais um cobertor na cama, e usar a botija para os pés não congelarem durante a noite”. Agora, um ligeiro sorriso desenhava-se na face fechada de L, enquanto acompanhava a trajetória desenhada pela larga asa do vaivém. Não percebia muito de aerodinâmica, mas sabia que numa atmosfera menos densa era preciso mais asa para conseguir o mesmo efeito que na Terra. Felizmente, há muito que se sabia disso, logo a pista de aterragem estava fornecida de generosas margens, para além da inteira envergadura do vaivém. “Vá, agora não se esqueçam de apertar os cintos”. A ironia continuava no interior do cockpit, enquanto a restante tripulação gozava de uma aproximação à pista particularmente suave e silenciosa. O deserto marciano era, aparte das ocasionais tempestades de areia, mais seco, mais parado e várias vezes mais silencioso que o terrestre. E incrivelmente mais frio, embora parecesse tórrido. Enquanto o vaivém descrevia uma larga curva de alinhamento, L reparava nas figuras presentes ao fundo da pista. Havia uma comitiva de receção. A chegada deste grupo devia ser importante, porque vestir três fatos, tirar o maior rover da garagem, passar por todos os procedimentos de descontaminação, estanqueidade e proteção à radiação, e ainda percorrer quase três quilómetros sobre a silte marciana, consumia tempo e alguma da preciosa paciência diligentemente cultivada pela liderança da base local. “Como já devem ter reparado, teremos escolta para entrar na base. Vocês devem mesmo ser especiais...na minha experiência de mais de dez anos em idas e vindas de Marte, eles só saem para receber alguém se souberem que trazem cerveja, o que, infelizmente, posso dizer que é raro”. L começava a gostar deste piloto.

- Então, mas, se não nos viessem buscar, como é que entrávamos na base? – A curiosidade foi mais forte que ela, pelo que, finalmente, quebrou o silêncio na cabine.

- Hã?... – Enquanto o computador do vaivém fazia as manobras necessárias à perfeita aterragem, o piloto tinha tempo para responder às curiosidades dos passageiros. Tirou o auricular e abriu a porta do cockpit, para a conversa se desenrolar de forma mais natural.

- Como é que entramos na base? – L levantou a voz, esticando o pescoço por cima dos assentos da frente.

- Ah, pois... - O piloto respondeu esticando também o pescoço, colocando a cabeça de perfil, mas mantendo um olho no painel de instrumentos – Há uma escotilha lateral, enterrada. É larga, mas discreta... e acumula pó facilmente. Num dia normal, basicamente, eles abrem a escotilha e nós entramos lá para dentro. Uma vez aí, há a câmara de pressurização, a de descontaminação e a da cerveja fresca...estou a brincar – Entretanto, o computador completara a manobra de aterragem, estando o vaivém a desacelerar em direção ao estacionamento – É um ponto de acesso à base. A partir daí há toda uma espinha de corredores, a ligar a diversas partes da base, e em vários níveis. Aquilo é um verdadeiro formigueiro.

- Mas hoje parece que vamos de casulo.

- Um casulo bastante especial, este. Com sistema de suporte de vida autónomo, tração às seis rodas, escudo de proteção à radiação, capacidade para geração própria de energia e lugar para dez, sem contar com o condutor, portanto um de vocês vai sentado na sanita.

Foi a gota de água que abriu a fenda no gelo da apreensão da equipa visitante. Obviamente que todos tinham estado a ouvir a conversa, mas até então absorptos nas suas preocupações e dilemas particulares, relativamente à natureza da viagem para a qual tinham sido convocados. Rasgaram-se alguns sorrisos, e o ambiente geral desanuviou consideravelmente.

- E haverá cerveja, neste super-casulo? – Alguém perguntou, já com o vaivém completamente imobilizado ao fundo da pista, apenas a umas dezenas de metros do rover.

- Eh pá, isso se calhar já será pedir muito – Responde o piloto, tirando o auricular e desapertando o cinto – Tendo em conta que a cerveja é racionada, por estas bandas... mas tenho a certeza que não perdem pela demora, pois cheira-me claramente que vocês são particularmente aguardados. Por outro lado, atenção, não se fiem muito por mim, que apenas ando aqui a pilotar coisas...

O grupo ainda precisou de mais vinte minutos para vestir os fatos, carregar os bots com as malas e seguir a rotina de saída. Lá fora, aguardava-se pacientemente.

- Mãe, podes ajudar-me com o fato? – L até se surpreendeu com a pergunta, já que o rapaz tinha vindo calado a viagem inteira, para não perturbar a mãe mais do que já estava, mas também porque estava deslumbrado com o voo e a paisagem, tão diferente do que conhecia da Terra.

- Claro, G. Olha, aqui enroscas até se ouvir o click – Click! – Percebeste? Pronto, deste lado já está – L seguia com ele, novamente, todos os passos para envergar o fato, feito à sua medida.

- Isto é mega-fixe, mãe!

- Sim, é mega-fixe mas não é brincadeira – Olha-o firmemente nos olhos – Lá fora, sem o fato, não duramos mais que três minutos.

- Eu sei, mãe... já tinhas dito, mãe – G arrastava a voz, mas não escondia a excitação. Aquilo era, efetivamente, mega-fixe.

Com todos os fatos vestidos, o grupo concentrou-se dentro da escotilha de saída. Como último passo de segurança, e antes de realizar a descompressão e a descontaminação, o sistema percorria cada fato com um scan móvel. Ninguém se podia dar ao luxo de sair da nave sem uma verificação integral: já demasiadas mortes tinham sido choradas, desde o primeiro caminhar sobre a superfície marciana, para deixar sair para o exterior um fato com qualquer defeito que fosse. Finalmente, a equipa tem todos os ok's do sistema de segurança, para gozar em pleno a atmosfera de Marte. Abriu-se a escotilha exterior do vaivém e, imediatamente, uma brisa empoeirada varreu o grupo. G abre muito os olhos.

- Mãe, já vai ficar de noite?

- Não, querido...viemos com tempo – L e G seguem na parte de trás do grupo, em pequenos passos na direção da pista – Já reparaste que o Sol parece mais pequeno do que visto lá da Terra?

O rapaz olha para o disco incandescente, perto do horizonte, mas não responde. Todo o ambiente é diferente, e ele está a captar tudo. Repara no pó finíssimo com laivos brilhantes acariciando o piso da pista a todo o instante, no tom avermelhado que tudo parece cobrir, ao longo do relevo nu à volta da base. Repara também que as figuras que aguardavam o grupo se aproximam, distinguindo-se sorrisos expectantes por detrás dos capacetes espaciais.

- Bem-vindos – A voz que todos ouvem nos seus intercomunicadores é de mulher, ligeiramente alterada pelos circuitos e propagação atmosférica – e tentem não ligar muito ao drone que anda aí a cirandar. Trata-se apenas de uma medida standard em qualquer saída... Por exemplo, para nos avisar se estiverem a reunir-se as condições para a ocorrência de uma tempestade de areia – Vai distribuindo apertos de mão, sentidos, dentro do possível, através dos fatos, procurando olhar nos olhos de cada um dos visitantes recém-chegados – Eu sou a I e, comigo, vieram os colegas F e H. Agora vamos para a base mas, ainda hoje, partiremos lá para cima, para o feijão, já que estamos todos fartos de estar aqui em baixo...Além disso, e estranhamente, lá em cima, de facto, é possível encontrar a sensação de estar em casa.

- Sim, cá em baixo, de facto, sem café ou cerveja não se aguenta – F contribui com o seu quinhão para as boas-vindas. Mas I já estava com a atenção centrada em G.

- E tu, pequeno? Aposto que estás a achar isto tudo mega-fixe – Fala com ele de frente, acocorada, segurando-lhe no capacete, mas procurando, a seguir, os olhos de L, em busca de aprovação da mãe. Volta a fixar-se no rapaz – Aliás, se a tua mãe deixar, levo-te numa visita guiada pela base, enquanto eles vão com o resto do grupo discutir coisas chatas de adultos... e é bem possível que haja gelado pelo caminho.

Pisca o olho ao rapaz, e levanta-se rapidamente. Assumindo uma postura de relaxada liderança, I encaminha o grupo para o rover. L segue na cauda, nunca largando a mão do miúdo. Após a passagem pela câmara de acesso ao interior pressurizado do veículo, I retira o capacete, com os restantes a seguirem-lhe, naturalmente, o gesto. Entretanto, H senta-se aos comandos e as rodas de três metros de diâmetro entram em movimento. Segue com o veículo diretamente sobre o solo marciano, embora o pudesse levar sobre a pista, numa tentativa subliminar de impressionar os recém-chegados. Algo que não impacta o grupo, embora o ambiente seja um de expectativa e crescente excitação, dissipada agora a tensão inicial. I vai observando, atenta, a expressão de cada um, recolhendo informação sobre o seu estado de espírito. Como líder da equipa nuclear para a missão espacial, essa era uma das suas principais responsabilidades, e algo que fazia com toda a naturalidade. Passa as mãos pelo cabelo cortado curto, denso de pretos e brancos, indicando idade, experiência e vitalidade. Dirige-se a L, com cortesia e consideração.

- L...há pouco falei com o teu miúdo, mas claro que não o levo para lado nenhum sem o expresso consentimento da mãe – Agachada junto à cadeira de L, fala-lhe com doçura e plena atenção. L devolve-lhe o olhar e a atenção, embora num semblante muito sério. Procura, nos olhos escuros de I a confiança de que necessita para entregar G aos cuidados de uma mulher que, para o efeito, é-lhe praticamente desconhecida.

- Então, mas...não irá o grupo precisar de ti, para o briefing inicial?

Abre-se em I um cândido sorriso, coroado por umas curvas adoráveis em cada extremidade dos lábios.

- Oh, não...de todo. Eu vim agora com a escolta de receção apenas para me verem, mas F e H tratam perfeitamente de vocês na entrada da base. Depois, já lá em cima no feijão, estarei então novamente presente, aí com mais propriedade e utilidade. Por agora, teria o maior prazer em levar G comigo, e proporcionar-lhe uma volta pela base que não irá esquecer.

Sentada, ainda com o fato vestido, ao lado de G, L oscila entre a vontade de não largar o miúdo, e a de confiar nesta mulher, estranhamente empática e atraente. O rapaz, colado ao vidro do rover, observa, de olhos esbugalhados, cada centímetro quadrado da área exterior da base, extasiado por estar no sítio que só conhecera através de curtos filmes e fotografias, vistos em pequenos ecrãs. Não precisou, no entanto, de muito tempo para tomar uma decisão.

- Eu costumo deixá-lo brincar à vontade, mas quando é para ficar com alguém, sou muito cuidadosa – Confessa a I, enquanto mantém a luva da mão direita sobre o ombro do rapaz – Agora...não sei, assim de repente parece-me uma boa ideia. Sim, podes levá-lo.

I não comenta, apenas abrindo mais o sorriso, regular na sua dentadura branca. Olham-se, num entendimento mútuo.

- Mãe! Olha, mãe, uma gruta!

A luva de G batia freneticamente no envidraçado, apontando para a escotilha dos veículos, um retângulo semienterrado na rocha e silte, com três andares de altura e cinco de largura. O maior rover da base parecia algo diminuto em comparação, enquanto esperava que a grande porta exterior se abrisse totalmente. No interior da câmara de recepção, despida de adornos, vários aparelhos de segurança e emergência estavam alinhados, encastrados nas paredes. Sinaléticas diversas apontavam, e indicavam, quais os procedimentos em caso de descompressão, contaminação, radiação e uma série de outros perigos. H conduzia o rover, lenta e cuidadosamente, em direção ao seu lugar de estacionamento. Com o desligar do motor elétrico do veículo, a suspensão ativa recolhe para a sua posição de repouso, baixando o habitáculo em cerca de um metro.

- Não se preocupem que isto não vai cair – F procura fazer passar uma mensagem de tranquilidade – É apenas o rover a desligar. Imaginem como se fosse um urso grande, a entrar em hibernação. Ah, e voltem a colocar os capacetes, peço desculpa por não ter dito antes.

Com a abertura da porta-rampa traseira do rover, o grupo encaminha-se para a área designada em que se realiza a verificação dos fatos e sua descontaminação, enquanto a grande porta exterior se fecha e isola a escotilha.

- Agora, passamos aqui pelo chuveiro, e não tarda nada estaremos lá dentro, de chinelos e bermudas – H e F, seguindo as diretivas traçadas por I, tratam de recolher o grupo e levá-los para o interior, onde se dedicam a tirar os fatos e a finalmente darem os primeiros abraços.

- Agora sim, bem-vindos ao nosso humilde bunker!

Depois do tempo passado dentro dos fatos, e em viagem, o calor humano servia de bálsamo à recepção, com os passageiros e hospedeiros apenas a gozarem o momento, esquecendo, por instantes, a base, Marte, a viagem espacial e a fome que sentiam.

- E, como em qualquer boa recepção humana, vamos à comida e à bebida! – Exclama F, ele próprio ansioso pela dita refeição – Sigam-me!

Abrindo os braços, num gesto convidativo, reúne o grupo, enquanto direciona o passo para a sala de refeições. L, I e G trocavam olhares e fugazes sorrisos de curiosidade, seguindo o restante grupo através de um corredor repleto de tubagens, mas impecavelmente limpo e arrumado, até chegarem à cozinha. Imediatamente antes de darem entrada numa outra ala da base, F chama à atenção para o mapa, disponível nas passagens entre as zonas principais do complexo.

- Como podem ver, a comida fica mais ou menos equidistante de qualquer outra zona da base, como em qualquer casa bem desenhada na Terra. Porque se às vezes já é duro ter dificuldade em chegar à cozinha, algures na Terra, imaginem aqui, no meio do desterro!

E, a sorrir, abre a porta automática de acesso à zona de refeição. O primeiro olhar dirige-se à ampla área central, a zona de comer propriamente dita, englobando simples mesas e cadeiras dispostas num quadrilátero, bem iluminada pela luz fornecida pelas aberturas zenitais. No perímetro mais afastado da entrada de onde provinham, duas linhas de armários envidraçados se dispunham, exibindo quentes e frios de considerável variedade e os braços automáticos que os preparavam e apresentavam. Essas áreas, mais recuadas em relação ao centro do espaço, recebiam um complemento de luz artificial. H quis explicar.

- Eu sei o que poderá parecer: é como se não houvesse ninguém na cozinha – Passando a mão à sua frente, indicando toda a extensão da zona de serviço – e... é mesmo isso. Alguns de vocês nunca terão visto uma cozinha automática desta dimensão, mas acreditem no que vos digo: se gostarem dos ingredientes, vão gostar dos cozinhados. Os nossos robots-cozinheiros trazem as mãos e o bom gosto dos melhores chefs da Terra...vivos ou mortos.

Um a um, puseram-se na fila para escolher os pratos que iam saindo das linhas de cozinha, nas quais só entrava o técnico da manutenção. A conversa, agora mais solta, irremediavelmente orbitava em torno do estufado com batatas, dos legumes salteados e da sobremesa à base de chocolate. Como em qualquer outra fase da história da humanidade, a comida, a par com os comentários sobre o estado do tempo, era um dos temas favoritos de conversa. Munidos dos seus tabuleiros, sob os pratos fumegantes, reúnem-se em três mesas improvisadas numa só, fazendo vizinhança com os restantes habitantes da base, também a gozar a respetiva pausa para almoço. Ignorando a ausência de janelas nas paredes, o chilrear de pássaros e o céu azul, o sítio emprestava uma confortável aura terrestre...uma de comunidade. Enquanto F e H mantinham o grupo animado, promovendo a descontração na preparação da sessão da tarde, mais informativa e técnica, I observava L e G. L percebera-o, sem, no entanto, lhe atribuir muita importância: também estava curiosa e expectante relativamente à preparação para a subida ao feijão. Agora que já confiara G a I, permitia-se relaxar e interessar-se pelos acontecimentos presentes. I aproxima a cabeça do ouvido de G, sentado ao seu lado, bastante concentrado em comer os restos da massa gratinada sobre o seu prato.

- Gostas de gelado, G?

Os olhos do miúdo estacam subitamente, muito abertos, virando a face para I, de repente, com as bochechas ainda dilatadas de comida. Agita a cabeça com veemência. I sorri para ele, carinhosamente, reduzindo a abertura das suas pálpebras a frinchas, exibindo as naturais rugas nas extremidades. Procura, discretamente, a atenção de L. Os seus olhares cruzam-se quando esta última se desvia do convívio para tirar mais uma garfada do prato.

- L...nós vamos agora ao gelado.

L interrompe o gesto com os talheres, acenando afirmativamente. Levanta-se, a seguir, contornando o bordo da mesa e colocando-se de cócoras ao lado de G.

- Trata bem a I...e agradece o gelado, ok?

- Claro que sim, mãe.

Derretida, segura-lhe suavemente a cabeça com ambas as mãos, e deposita-lhe dois demorados beijos nas bochechas.

- És o miúdo mais doce que há – Acrescenta, libertando-o para o gelado e para a visita à base com I.

Desta feita levanta-se I, contornando também a mesa, com elegância, mas no sentido oposto, para deixar um par de instruções a F e a H. Continua, silenciosamente, na direção de G, segurando-lhe na mão. E, em gestos delicados, afasta-se do grupo, acertando o passo com o de G e piscando o olho a L, num derradeiro voltar do pescoço. Estava, nitidamente, satisfeita por proporcionar ao rapaz uma visita à intimidade da base em Marte, numa merecida pausa das suas responsabilidades enquanto líder da missão espacial.

A primeira paragem foi na dispensa. Nesse dia não havia sobremesas de gelado, portanto I encaminhou-se diretamente à fonte. Sentou G à mesa da pequena copa à entrada da secção de aprovisionamento, nesse momento vazia.

- Quais os sabores que queres, amor? – I, de pé, segurava-lhe delicadamente o queixo com os seus dedos esbeltos.

- Quero morango, chocolate, baunilha, strattiatella, limão, framboesa, menta...

- Uow, calma aí!! – I levanta as mãos, em divertida surpresa – Perguntei-te quais os que queres agora, não todos os que gostas...

- Pode ser chocolate – Diz o rapaz, nem um pouco desapontado.

- Chocolate e limão, pode ser?

- Sim!

- Também são os meus favoritos, confesso – E, rolando sobre os calcanhares, entra no armazém, deixando a porta aberta. G observa-a, no seu andar compassado de pernas altas, só deixando de a ver por uns segundos, ao fim dos quais aparece, radiante, com a caixa do gelado, uma taça e uma colher. Senta-se ao lado dele, falando enquanto lhe prepara o gelado.

- Sabes porque é que vieste a Marte, G?

- Porque isto é mega-fixe?...

- Ainda bem que estás a gostar até agora – Põe-lhe a taça com o gelado à frente – Não acontece com todos os miúdos que cá vêm, sabes?

- Outros miúdos? – I aguarda pacientemente que o gelado derreta na boca do rapaz.

- Sim, há outros miúdos por aqui. Não vêm muitos, é verdade, mas há sempre alguns. Nunca ficam por mais de quatro meses... Os adultos é que, por vezes, ficam até um ano.

G sorri, voltando a concentrar-se no gelado e na colher. I continua, num tom vagamente maternal.

- Tu vieste a Marte porque a tua mãe não consegue tomar uma decisão sem ti.

- Uma decisão?

- Vais perceber qual, quando o momento chegar – Afaga-lhe o cabelo emaranhado – Mas e esse gelado, que tal?

O sorriso guloso do rapaz foi resposta suficiente. Assumidamente, este nutria mais interesse em terminar o gelado, do que em indagar mais detalhes sobre que eventual decisão a mãe teria de tomar, por mais importância que a sua presença tivesse. Eis a importância do aqui e agora para um miúdo de dez anos. I deixou-o deliciar-se com o resto do gelado, não o apressando nem inquietando com questões ou decisões que, de momento, não o implicavam diretamente. No seu gesto delicado habitual, recolheu a taça e a colher, colocando-as na caixa das limpezas daquela copa, ligada ao circuito de loiça da cozinha automática. O miúdo só olhava para ela, na pura expectativa de onde iriam a seguir.

- E se seguíssemos para o hangar?

O hangar era ainda mais amplo que a sala de refeições. Facilitava o facto da força da gravidade, em Marte, atrair tudo com um terço da intensidade que na Terra, pelo que a construção de grandes cúpulas envidraçadas se tornava um desafio relativamente menor. G olhava para cima, de nuca a roçar os ombros, enquanto os autómatos de limpeza exterior realizavam o seu permanente trabalho de remoção de poeira e restabelecimento da camada de proteção antirradiação. I, no entanto, chamou-lhe à atenção para o chão.

- Olha... o que é que achas que estamos a pisar?

O miúdo baixa a cabeça e pisca os olhos.

- Uma estrela de ferro?

- Esta estrela, como lhe chamas, é, na verdade, uma grande porta, que só abre em caso de emergência – Os dois caminham, lentamente, em direção ao centro da estrela – Este hangar, e a estrutura por debaixo, foram das primeiras construções aqui na base, logo após as centrais de processamento de água, do ar e das estufas. Se tudo o resto falhar, esta estrela abre-se, pondo a descoberto um outro hangar onde está um foguetão, pronto para sair deste problema e regressar à Terra. É assim uma espécie de “adiós muchachos” a toda esta grande expedição a Marte.

- E podemos ir ver o foguetão??

- Desculpa, G... mas não podemos – I passa-lhe a mão pelo ombro, no sentido de o reconfortar, enquanto perscruta o volume visível do hangar, em busca de algo invulgar ou anómalo – O computador não nos deixa, só mesmo para garantir que ninguém mexe no foguetão até chegar o momento deste partir... o que espero nunca vir a acontecer.

- Mas... se o foguetão partir, não irá chocar contra o teto?

I volta a sua atenção para G, surpreendida com a sua perspicácia.

- Claro... bem observado. Mas não, porque nessa situação de emergência, a própria cobertura está feita para se dismantelar sozinha. Os parafusos têm pequenas cargas explosivas, ligadas ao sistema de emergência. Os engenheiros, na altura, acharam que, se a ideia era abandonar a base porque tudo tinha falhado, então poderiam prescindir desta cobertura.

Por essa altura, G já estava a olhar em volta e a puxar o braço de I na direção da oficina.

- O que é que eles estão ali a fazer?

- Estão a reparar um rover. Aposto que tem a ver com a suspensão. Este deserto rochoso, a flutuar no meio do sistema solar, é tão irregular que está constantemente a estragar os planos aos pilotos...

I cumprimenta os mecânicos, a uma distância segura da sua zona de trabalho. Estes, embora estranhem a sua presença ali, devolvem-lhe dois genuínos sorrisos de reconhecimento. G vai reparando, fascinado, nos mecs de apoio, no laser de soldar, nos terminais da oficina e em toda a parafernália de peças desmontadas, equipamentos de medição, calibração e inspeção. I experimenta lançar um trunfo.

- É possível o rapaz dar aí uma olhada, mais de perto?

Os dois técnicos entreolharam-se e, não encontrando nada em contrário, em simultâneo acederam à visita temporária do rapaz, claramente muito curioso, às entranhas da primeira oficina marciana que alguma vez vira. G aproxima-se, tão rapidamente que um dos mecânicos levanta o braço para lhe travar o movimento, por uma questão de precaução.

- Olha, na realidade não te podemos deixar mexer em nada – O homem, empunhando leves, mas resistentes, luvas de trabalho, fala a G com calma e determinação – Mas podes ver-nos a soldar esta peça, queres?

G acena vigorosamente a cabeça.

- Então deixa-me pôr isto na tua cabeça – Colocando-lhe o capacete de soldar suplente, enquanto o colega prepara o laser acoplado ao braço robótico. Para que o rapaz pudesse sair dali com algum conhecimento da arte de soldar, auxiliada pela mais recente tecnologia de reconhecimento e precisão, o colega descreve o que vai fazendo.

- Então, isto é assim: ligo o equipamento aqui, a seguir enfio o meu braço aqui e, com a câmara ligada, faço uma passagem pela linha a soldar. No ecrã, o computador identifica o sítio, com o detalhe que eu defini. Carrego neste botão para ver as características da soldadura que queremos, altero apenas aqui de “6 mm” para “penetração total” e carrego em “Executar”. É aqui que o espetáculo começa.

Ajeita então o seu próprio capacete, recuando um passo em relação ao braço mecânico e cruzando os braços, orgulhosamente. Por dentro do seu capacete, G só sorri, hipnotizado, enquanto o braço robótico com o laser na extremidade executa a soldadura com um rigor e controlo impossíveis de atingir manualmente. Em poucos segundos, a luz encandeante é

reduzida a alguns pontos de incandescência sobre a superfície metálica acabada de soldar, e o trabalho dado como terminado.

- Et voilà! Está como novo – Os mecânicos tiram os seus capacetes, e um deles ajuda o rapaz a desvenenar-se do seu – Esperamos que tenhas gostado – Em tom mais confiante, baixa-se para sussurrar ao ouvido do rapaz – E olha que só mostramos isto a miúdos muito especiais.

G aperta-lhes a mão, agradecido, mas regressa para perto de I com uma expressão sombria. I pergunta-lhe de imediato.

- Que se passa?... não gostaste?

- A minha mãe disse-me que o meu pai tinha morrido, antes de eu nascer, aqui, dentro de uma nave espacial.

I sente aquilo como uma falha pessoal.

- Desculpa, G... Desculpa – O olhar do rapaz passa de sombrio a interrogativo – Não me lembrei, sequer. Foi mesmo lapso meu – Segura-lhe o queixo, afagando-o ligeiramente – Mas, sim... O teu pai... conheci o teu pai, e digo-te o seguinte: se ele pudesse, estaria, aqui e agora, contigo. Porque ele gostava muito de ti. E eu também gosto.

G não comenta, baixando a cabeça e procurando a mão de I, para saírem dali. Ela capta a mensagem, não insistindo com o assunto, mas mantendo uma atenção particular relativamente à disposição do rapaz.

- Vamos então? – I segura-lhe na mão, gentil mas firmemente, procurando transmitir-lhe segurança – Vou levar-te ao coração da base... sem o qual não há ar, não há água, nem sopa de feijão.

Mais animado, G acerta o passo pelo de I, mais vigorosa, em direção às estufas. Parece-lhe infundável a quantidade de corredores, átrios e escotilhas, que atravessam para chegar até ao dito coração da base. Mas, finalmente, param à frente de uma porta com a representação de uma folha.

- Olha, antes de entrarmos aqui vamos só ser borrifados com uma espécie de spray... não te assustes.

Carrega num botão, colocado na parede ao lado da porta, a escotilha fecha-se e imediatamente sente a mão de G a esmagar a sua. Do teto da pequena divisão cai um aerossol, em dois suaves jatos.

- É só mesmo para não incomodarmos, mais que o estritamente necessário, os micróbios que vivem nas plantas.

Abre-se, silenciosamente, a porta com a folha, à medida que os jatos de aerossol se evaporavam rapidamente. Lá dentro, linhas de plantação a perder de vista, num escrupuloso aproveitamento da área de solo fértil, criado cuidadosamente para o efeito. Ali, a permacultura não era opcional, mas uma questão de necessidade, já que era a fonte

para a nutrição de toda a base. Ao longo daquelas linhas, a vida despontava livremente, embora fosse profusamente monitorizada. A vasta cobertura transparente deixava entrar apenas a radiação que beneficiava as plantas terrestres que ali cresciam. Respirava-se um ar fresco e húmido. Não fora pela cobertura envidraçada e o céu predominantemente avermelhado, e esta passaria bem por uma plantação mais intensiva na Terra. G estaca junto a um limoeiro.

- Posso tirar um limão?

- Claro que sim – I liberta-o da sua mão direita, para o rapaz conseguir esticar-se em direção ao citrino de um amarelo intenso – Não tenho é nada para o cortar.

- Não faz mal – G encosta-o imediatamente ao nariz – Só quero mesmo cheirá-lo.

I sorri, enquanto G, de olhos fechados, esfrega a extremidade do limão no nariz. Põe-lhe, delicadamente, a mão no ombro e encaminha-o um pouco mais ao longo da linha de produção. Por uns minutos, caminham apenas, passando por e sentindo os aromas de tomateiros, aipos, cebolas e cenouras. O clima interior àquele viveiro terrestre, enterrado sob o árido solo marciano, variava constantemente, num microcosmos criteriosamente gerido de humidade, luz solar, fluxos de ar e temperaturas. I encaminhava-os para uma zona especial da estufa, onde as condições tropicais eram reproduzidas sobre uma área de terreno não compartimentada nem controlada nas espécies que albergava. Basicamente, uma selva em miniatura.

- Vamos aqui a um sítio onde está sempre alguém, a qualquer hora do dia ou da noite – Param em frente do que parece ser uma impenetrável parede de verde descontrolado.

- Mas é só folhas e ramos!

- Oh pá, nem queiras saber a falta que este verde nos faz...a piscina que conseguimos construir aqui na base é um parco substituto para o oceano, mas lá vamos sobrevivendo.

I e G afastam a folhagem à medida que avançam pelo meio do verde, sentindo a terra fofa e lamacenta por baixo dos seus pés.

- Alguns de nós vêm aqui nus...só para estar um pouco, a esfregar-se nas folhas e na terra. Outros apenas se sentam e respiram. E nós apenas conseguimos estar aqui, agora, sem mais ninguém, porque eu assim pedi expressamente – I interrompe o passo e indica com o braço para se sentarem – Só para te conseguir mostrar, sem interrupções, este nosso reduto.

- Então e os animais? – G roda a cabeça de um lado para o outro, à procura de um bicho, um pássaro ou inseto.

- Miúdo, tu és incrível... Quem dera a muitos adultos terem o teu sentido de observação – I afaga-lhe o cabelo, por entre a folhagem que os esconde e protege – Mas sim, animais não há. Isto é uma selva exclusivamente vegetal...temos noção de quão limitado isso é, mas não podíamos arriscar a ocupação, entre-aspas, da base por outras espécies de animais que não a humana. Tendo em conta que lá fora não há condições para sobrevivermos,

temos de manter este habitat particularmente controlado. Em todo o caso, as plantas crescem na mesma, e é da maneira que ficamos todos mais descansados.

G encolheu os ombros e sorriu, colocando sobre I um olhar aberto e sereno. Recordava momentos com a sua mãe, na selva terrestre, e da cacofonia que era, com mais espécies de animais do que aqueles possíveis de contar, grande parte a marcar presença com sons, ruídos e até melodias. Mas também gostava daquela outra selva, absolutamente silenciosa, salvo o ocasional esfregar das folhas, empurradas pela quase impercetível brisa, artificialmente criada. I ia esticando o momento. Sob o manto da sua consciência, não lhe apetecia voltar já para as suas responsabilidades que, para lá de coordenar a base, liderava agora os esforços para encontrar a equipa nuclear que seguiria no feijão para o espaço interestelar. Não tinha tido filhos, e momento como este sabiam a saciedade de uma saudade que o seu corpo de mulher conhecia por instinto. Olhava agora para G, enquanto ele tocava nas folhas e na terra, novamente de olhos fechados. Como todas as crianças, meditava regularmente, e aquela selva diferente, nascida num planeta diferente daquele a que estava habituado, era uma oportunidade para sentir, e respirar. Inspirada pela atitude relaxada e tão disponível do rapaz, também ela se recolheu nas suas próprias sensações, fechando os olhos e serenando o corpo. As responsabilidades podiam esperar.

“Não acredito que deixei o miúdo lá em baixo”. L observava a atmosfera de Marte lentamente a fundir-se com o horizonte, à medida que a linha de contorno deste ganhava curvatura. Através do envidraçado côncavo do elevador espacial, podia ver-se um halo de luz difusa banhando a alta atmosfera do planeta, num relance de rara beleza. I tinha-lhe explicado, sucintamente, como tinha sido idealizado e construído o único elevador espacial alguma vez instalado pela espécie humana. Curiosamente, não no planeta Terra, mas em Marte. A ideia inicial tinha sido colocar um na Terra, de facto, mas depois de se ter tornado claro que a nave interestelar não poderia, ou não deveria, ser aí construída, transferiu-se todo o projeto do elevador espacial para Marte. E com uma série de vantagens: a massa mais reduzida do planeta, relativamente à da Terra, fazia com que o elevador, necessariamente colocado com o seu centro de massa numa órbita síncrona com o astro, precisasse apenas de uns vinte e cinco mil quilómetros de comprimento, desde a ancoragem até ao contrapeso. L arregalara os olhos à perspetiva de um elevador com mais de vinte mil quilómetros de altura, mas I garantira-lhe que não era muito. Que se fosse na Terra precisaria de quase cem mil, ou seja, quase uma semana inteira para subir, mais outro tanto para descer. Um problema para aquelas pessoas com fobia a espaços pequenos e fechados. Já para não falar no tamanho da lancheira que teriam de levar. Outra vantagem de ser em Marte era que, devido à menor atração gravítica em jogo, o cabo não teria de ser tão resistente para aguentar a ação combinada do contrapeso, a empurra-lo para cima, e da ancoragem em Marte, a puxá-lo para baixo. Ainda assim, e pela massa prevista para o contrapeso, os cabos não poderiam ser feitos só em aço, constituído essencialmente por ferro, o elemento mais abundante por aquelas paragens, mas também em carbono. Felizmente, e terceira vantagem principal, uma das luas de Marte era, na realidade, um

meteoro de grandes dimensões constituído principalmente por carbono, logo uma fonte relativamente fácil de explorar para este efeito. Claro que a perspectiva de ir buscar carbono a um astro orbitante em torno de Marte, trazê-lo para uma órbita síncrona com o planeta, a cerca de dezassete mil quilómetros de altitude, e aí fabricar um cabo híbrido de aço e nanotubos de carbono, não era a coisa mais evidente. Mas fez-se. A espécie humana carrega consigo essa característica inefável de não desistir de algum objetivo que considere realmente importante, mesmo que ao início pareça impossível. Também a paz no mundo parecia impossível de atingir, até que se tornou uma realidade. Antes do elevador espacial estar a funcionar, fizeram-se milhares de viagens a órbita, nos cinco anos que levou a fabricar e desenrolar o cabo, reforçá-lo, desenvolver e conectar os elevadores propriamente ditos e começar a construir o contrapeso que, na realidade, era o início do que viria a ser o feijão, o principal motivo de toda a empresa. O feijão, essa futura nave interestelar, à medida que ganhava massa, ia puxando mais o cabo, que ia sendo reforçado em sequência. Uma bela, síncrona e extremamente esbelta obra de engenharia. Com a sua entrada em funcionamento, a construção do feijão deu um salto quântico, uma vez que, embora demorasse mais tempo a levar a carga até à nave, localizada na extremidade mais longínqua do cabo, do que com o vaivém, o elevador carregava até dez vezes mais massa em cada viagem. E consumia menos energia, e era mais seguro. E não precisava de piloto, já que funcionava, basicamente, como um elevador: um botão para cima, outro botão para baixo. “Estou ansiosa, não consigo dormir. Esta coisa sobe a mais de quatrocentos quilómetros por hora, mas parece levar uma eternidade a lá chegar acima... Se não fosse pela vista, não sei se aguentava mais quarenta horas disto”. No ambiente interior do invólucro em ascensão, a gravidade ia faltando e todos, exceto L, dormiam nos seus sacos-cama amarrados às prateleiras, distribuídas ao longo da vertical do compartimento. Apenas ouvia o seu próprio coração, e o respirar dos companheiros. Começava a habituar-se a esta vida no espaço, feita de espera, contemplação e silêncio. Embora para si não fosse tarefa trivial, para alguém normalmente tão hiperativo. “Eu quis vir. Entrei neste elevador pelo meu próprio pé. Abracei o meu pequenino como se nunca mais o fosse ver. E agora não acredito completamente que estou aqui. Há algo de irreal nisto”. Mesmo num ambiente de muito baixa gravidade, a sua bexiga dava sinal de que precisava de ser vazada. Deu meia-volta sobre si mesma e atravessou o silêncio do átrio, de cabeça apontada para o planeta e os pés para o espaço sideral. A instalação sanitária tinha sido concebida para ser utilizada tanto num ambiente de gravidade normal, ali à superfície de Marte, como na ausência de gravidade. Apesar do treino e da já considerável experiência humana em desenhar sanitas de gravidade-zero, ainda levou uns bons cinco minutos a completar a operação. Por outro lado, naquele momento, tempo era algo que não lhe faltava. “Tenho de ter cuidado. Começo a ficar cansada, e não me estava a apetecer adormecer a pairar no meio da sala”. Num convite gentil ao sono, passou ainda no dispensário e serviu-se de um chá quente, que sorveu através da palhinha especial, de novo encostada à janela. Lá fora, a paisagem pouco mudara, no lento desenrolar de como tudo se move quando as distâncias são tão maiores do que alguma coisa que se experiencia à face de um astro. “Vou lá para cima, e não faço ideia do que vai acontecer. P: há uma parte de mim que quer morrer aqui. E ficar contigo para sempre”. O pensamento renegado veio de surpresa, como um soluço profundo. Não conteve duas grossas lágrimas, enquanto contemplava a fusão da atmosfera marciana com

o fundo estrelado do céu local, imagem que, de repente, ficou turva e deformada sobre a superfície inundada das suas retinas. Com a ponta dos dedos retirou o líquido, fazendo um esforço para não soluçar. “Já chega. Hora de ir para a cama”. Tomada a decisão de ir dormir, ainda se deixou ficar mais um minuto a olhar pela janela, fungando de vez em quando. “P...”. Virou costas à janela e deslizou, sem gravidade, para a sua prateleira. Enfiou-se no saco-cama e puxou o fecho para cima, mantendo o corpo muito quieto. Reteve apenas a imagem do seu copo de chá, a flutuar ao lado da sua cabeça, antes de penetrar no breu do seu próprio sono.

Não a surpreendeu ser a última a acordar. Mas já a surpreendeu o cheiro a café na cabine, tendo em conta que todos os recipientes eram estanques e não via café a flutuar em lado nenhum. I veio dar-lhe os bons dias, e convidá-la para a reunião no centro do compartimento, à volta de croissants, cappuccinos e compota de amora. Todos ingredientes confecionados na base marciana e guardados nos seus devidos lugares, evitando o preenchimento do volume à volta da mesa com migalhas e líquidos diversos. O ambiente era descontraído, mas L sentia-se reservada e sem vontade de partilhar as suas ideias ou pensamentos. D reparou nisso. “Ele está outra vez a olhar para mim. P, ele tem os teus olhos...como?” D fazia parte da equipa de acompanhamento, reportando diretamente a I, e o seu papel era guiar os candidatos que ali se juntavam, à formação do grupo nuclear que iria liderar o feijão na sua saga interestelar. Guiá-los pela base marciana e pela estrutura do feijão, agora acabado e em fase final de testes. “Ele vai falando e vou acenando com a cabeça, mas não o ouço verdadeiramente. Reparo que tem rastas, como eu e – Jesus – p’raí menos dez anos... mas não tenho a certeza, nem vou perguntar. Mas está a ser simpático para mim, e eu estou a gostar”. O elevador continuava a sua silenciosa ascensão, impulsionado por um laser de propulsão e auxiliado a energia solar. Os quatrocentos e vinte quilómetros que percorria em cada hora mal se percecionavam do seu interior, aparte da curvatura do horizonte marciano, que se ia, lentamente, fechando sobre si mesmo. A pairar, doze mil quilómetros acima, o feijão ocupava já, serenamente, o espaço interplanetário. Dali, libertar-se do poder atrativo de Marte seria quase tão fácil como soprar as sementes do dente-de-leão: um ponto de partida ideal para se libertar do poder atrativo do Sol e ir espalhar as sementes da humanidade no exo-planeta do seu destino. Dentro do elevador, o tempo passava-se com a serenidade possível, gerindo a ansiedade com jogos de cartas, chá de menta e estórias da Terra e de Marte. Ao final do segundo dia dentro do ascensor, L voltara ao seu poiso junto à janela. Nesse momento, dentro do compartimento, a luz estava a meia intensidade, com cada um voltado para o seu próprio mundo, consultando a sua chapa, o seu livro, a sua paisagem emocional na iminência de entrar na grande nave. I aproximou-se. “Esta mulher é encantadora. A forma como ela me vê...chega a ser desconcertante. Não creio que consiga esconder-me dela”. Pôs as mãos em cima das suas, olhando-a nos olhos. “O que é que ela quer de mim?” Contou-lhe que, ironicamente, e contra qualquer senso comum, tendo em conta que era a líder da missão, ainda não tinha ido lá acima. Sim, que estava em Marte há seis meses, e que ainda não tinha visitado a nave que a iria levar para outro mundo. Porque tinha havido muito para fazer na base, era verdade, mas também por medo do que iria encontrar. E se alguma coisa despertasse em si a vontade de voltar para casa, e nunca mais abandonar esse

conforto? “Ela fala abertamente dos seus medos, comigo. O que verá em mim? Pergunto-me se será possível algum de nós estar preparado para esta viagem...” A perspectiva da equipa, do “nós”, terá conduzido L a mais um longo contemplar do espaço orbital marciano, colocando I num segundo plano. Esta percebeu-o imediatamente, libertando-a da sua presença com um sorriso e um suave beijo depositado nas mãos. Também havia outros passageiros para atender, e cada um precisava de sentir que alguém conectava emocionalmente o grupo. “E o meu miúdo? A sério, como é que lhe vou pôr esta questão? Será justo dar-lhe a escolher entre a sua mãe e a sua casa?” A mente de L rapidamente deambulava para a família. Repetidas imagens de X e de T ocupavam a sua tela mental, enquanto os seus olhos percorriam o fundo estrelado. Não tinha ainda enviado nenhuma mensagem para eles, desde que saíra da Terra. Ocorreu-lhe pensar que poderia ser devido a um fenómeno parecido com o que afligia I: o medo de lhe dar uma vontade súbita de desistir de toda esta loucura da viagem espacial, e regressar para os seus braços, vivendo feliz para sempre. E sabia que sim, que seria feliz. “Mas...Exato, é este “mas” que me mantém aqui. A subir o escadote em direção à prancha de saltos...para nunca mais voltar”.

A derradeira noite no elevador aproximava-se, e as suas pálpebras já pesavam, da espera, do sono, e da saudade. Ao fundo do compartimento reparava em D, também encostado à janela, mas de olhar colado em si, novamente. A paisagem estelar ele já conhecia, daquele ponto de vista, sendo que, de momento, só lhe ocorriam formas de chegar até ela. De lhe cheirar o pescoço. De se encostar a ela e sentir o seu corpo. “Credo, como ele olha para mim... P, o que é que achas? Ele é giro, é inteligente, e aqueles olhos fazem-me tanto lembrar de ti, se calhar até fazem lembrar demais. A sério, provavelmente este não é o melhor momento para entreter cenas eróticas... já não sei nada. Tenho é que ir dormir, que amanhã vou entrar na minha primeira nave interestelar”. Mas não foi logo deitar-se. Uma gota de excitação vagueava, diluída, no suor que, sorratamente, lhe aparecia nas axilas. Bebeu um trago generoso do seu chá, olhando de soslaio para D, de lábios enrolados na palhinha. Após um pequeno impulso, deixou-se flutuar até ele, atravessando o compartimento já envolto em notas finais e bocejos dos restantes colegas de viagem. Ele só a seguiu com a cabeça, estupefacto com o seu movimento e súbita ousadia. Estático, exibia um sorriso nervoso, embora curioso. Chegada até ele, deixa-se ficar apenas a contemplar, de perto, a sua expressão e o profundo azul dos seus olhos. “Ele está a tentar decidir se me beija ou não. A forma como vai alternando a sua atenção entre os meus olhos e os meus lábios... a sério, P, é tentador, acredita. Mas não num elevador. Mesmo tendo este elevador camas e janelas. Além disso, estou a cair de sono”. Surpreendo-o ainda com um gesto, a mão direita sobre a sua bochecha barbeada, numa carícia, terna, mas mantendo a distância. D percebeu imediatamente que o beijo não ia acontecer, não naquele momento, pelo menos. Mas sentiu que não lhe era indiferente, e que a sua presença tinha impacto sobre ela. Devolveu a ternura com um sorriso, que lhe dizia: “tudo bem, eu espero”. Subtilmente acordado, de parte a parte, sobre qual a intenção do momento, desfez-se a tensão e a expectativa, libertando tempo e espaço para uma aproximação. L chegou-se ao seu lado, cruzou o seu braço sobre o dele, e encostou o queixo sobre o seu ombro, saboreando a leveza e o silêncio. Naturalmente, voltaram as cabeças para a janela, da qual já se conseguia ver um pequeno ponto brilhante, na extremidade da linha: a nave. Subiam

juntos, embora carregando passados completamente diferentes e diferentes perspectivas acerca do que era estar ali, naquele momento. Num ligeiro desvio do pescoço, D espia a expressão de L, que se apresentava serena e de olhos fechados. Sentiu vontade de quebrar o silêncio e perguntar-lhe, mas reteve-se. Não se sentia à vontade para interromper a introspecção de uma mulher mais velha. Respeitou, embora o seu coração batesse forte. Queria abraçá-la. “Ele está nervoso. Gosto disso. Mas acho que esta coisa da viagem está a começar a entrar em mim. E a ocupar muito espaço na minha cabeça. Estou com saudades tuas, X. Do teu humor rasgado e da tua sensibilidade... Desculpa nem sequer ter conseguido, ainda, perguntar-te o que sentes relativamente a isto: a isto de eu estar a caminhar, como que empurrada por uma mão invisível, para esta viagem sem regresso”. L levantou a mão, estranhando, por um instante, a ausência de gravidade, pousando dois dedos sobre os lábios do homem a seu lado. Esse gesto terá dissipado todas as dúvidas que pudessem ter surgido, com o efeito suplementar de lhe fazer baixar o ritmo cardíaco. Agora, a única coisa a fazer era, claramente, deixar o elevador seguir o seu rumo pré-definido até ao fim da linha, sem acrescentar nem retirar nada a esse simples destino. Iriam contemplar as estrelas mais um pouco, tornadas mais brilhantes no contraste proporcionado pela noite marciana. E deixariam para o dia seguinte todas as esperanças, expectativas e incertezas.

- Vá, cada um arruma a sua trouxa e prepara-se para sair do elevador – A advertência foi pronunciada num tom bem-humorado, e percebia-se a excitação na voz de I – Que isto não é um hotel de cinco estrelas... e os engenheiros que pensaram a construção deste elevador estavam demasiado preocupados em garantir que havia materiais para construir isto, para sequer conceber a possibilidade de pôr aqui um *bot* de arrumações.

A noite tinha sido mal dormida para a maior parte da equipa, pelo que apareceram apenas alguns sorrisos débeis. Mas por trás das olheiras, partilhavam de um mesmo nervosismo. Anos de viagens e deslocações tinham tornado L particularmente eficiente na preparação de trouxas: tudo o que precisava para os próximos sete dias, e o que já precisara no tempo passado no elevador, cabia dentro da sua única mochila, que também transportava a sua segunda chapa e um teclado. Já estava pronta antes de qualquer outro colega, incluindo D e I, porque a ansiedade costumava trazer-lhe dois comportamentos possíveis: ou levantar-se cedo demais, ou tarde demais. Desta vez a antecipação sobrelevava-se, se calhar era a influência da ausência de gravidade.

- I, preciso de comunicar para a Terra – Entre o pedido e a súplica, L murmura a sua necessidade a I.

- Sim, calculei – A líder da missão responde com naturalidade – Tu e mais de metade desta malta. Vou arranjar maneira de vocês terem um par de horas para isso, a seguir à reunião de chegada à nave. O D dá-vos mais detalhes relativamente ao tempo de comunicação, tendo em conta o posicionamento atual de Marte relativamente à Terra. Tem obrigação disso, já que é o responsável pelo sistema de comunicações...

- Sim, sou o responsável, mas não me responsabilizo pelas demoras – D estava atento, e já pronto para sair, junto à escotilha – Neste momento, entre ida e volta, grama-se cerca de meia-hora... e é se a pessoa do lado de lá responder imediatamente. Portanto, pensem bem no que querem enviar, e não se admirem se a conversa tiver de ser interrompida a meio.

L arregalou os olhos. Não se tinha lembrado dessa questão da distância à Terra, e de como poderia afetar as comunicações. “Ok, parece que conversar com X está fora de questão... tenho de fazer mais como uma carta e depois esperar pela resposta que, com sorte, ainda virá hoje. Desta vez, nem o Budgie me poderá ajudar”. Entretanto, o elevador já desacelerara a marcha, na eminência de parar na extremidade. Do hall de reunião, na escotilha de saída, o óculo para o exterior permitia ver tanto a traseira da nave como o círculo completo de Marte do lado oposto, ainda que este apenas parcialmente iluminado. Aquela distância, a nave ocupava quase todo o campo de visão, com os seus ejetores de hidrogénio e gigantes escudos de radiação. O cabo desaparecia na direção do seu interior, exatamente pelo centro, onde se encontrava ancorado e mantido estático, apesar da rotação da nave. O elevador iria atravessar as secções estáticas traseiras, parando, finalmente, na secção intermédia, que girava constante e continuamente em torno do centro da nave, cujo formato aproximava um charuto. Esta rotação era mantida para a geração de forças inerciais suficientes para simular a gravidade. Já há muito tempo que ninguém acreditava que naves interestelares pudessem, como que por milagre, agarrar as pessoas ao chão: era necessário usar as leis naturais para recriar um ambiente gravítico que as pessoas reconhecessem como natural. Mesmo que de forma artificial.

- Estamos todos, certo? – Junto à entrada para a escotilha de saída, I ironizava, como se fosse possível algum membro daquela equipa ter-se escapado para fora do volume hermético do elevador – Só para o caso de alguém ter ficado retido na casa-de-banho... Mas bom, agora é que é: vou abrir esta porta, entramos na escotilha, e depois seguimos no shuttle de acesso à nave. Só para vos lembrar estes últimos passos da entrada, que são geralmente os mais delicados. Nestas coisas, os pontos frágeis são sempre as ligações.

Embora o shuttle de acesso já estivesse acoplado ao elevador, a passagem pela escotilha de saída era, na mesma, necessária, para ajustar qualquer diferença de pressões entre os compartimentos a ligar. O grupo entrou, então, nesse compartimento de passagem, com a fluidez possível, tendo em conta os seus nove elementos, a ausência de gravidade e as várias mochilas em trânsito.

- Fico sempre um bocado zozzo nesta parte – D fazia o movimento de expirar com os dedos a pressionar o nariz, cerrando os olhos com força – Mas é normal... não liguem que é normal.

Entretanto, todos os restantes constataavam da normalidade do fenómeno, com maior ou menor intensidade. Com um zunido nos ouvidos, I carregou no botão de abertura da porta exterior, fazendo-se ouvir o som das engrenagens que iriam permitir a ligação entre compartimentos.

- Eu, nestas alturas, apercebo-me mais claramente do valioso recurso que é o ar respirável – I vai indicando, um a um, no sentido de empurrarem o seu corpo para dentro do shuttle

que, na realidade, não era mais que uma plataforma cilíndrica, completamente rodeada de vidro quádruplo, agarrada a uma extensão metálica pendurada da região central da nave – É que, por estas paragens, convém recordar que não há qualquer fonte de ar respirável, e o ar que temos é somente aquele que flui no circuito de reaproveitamento e no interior de alguns tanques de reserva. Aqui, aliás, nem solo há: é mesmo preciso recriar todos os ciclos necessários à manutenção da nossa vida. Sei que já sabem tudo isto, mas é só para manter o assunto bem consciente: até à chegada ao novo planeta, estamos, muito literalmente, por nossa conta... sem a ajuda e proteção de uma biosfera com muitos milhões de anos de evolução em cima.

- Bom, sem querer ofender nenhuma biosfera, e apesar de subscrever o que acabou de ser dito, em rigor vocês estão, literalmente, por minha conta – Recomposto do acerto de pressões, D aproveita para amarrar as rastas com um elástico – Já que me ofereci para ser vosso guia nesta estadia na MA-E. Aliás, devo anunciar que já estamos, oficialmente, em território da MA-E, sendo este shuttle parte integrante dos seus sistemas periféricos.

O pequeno elevador, comandado pela nave, vai percorrendo, agora bastante mais lentamente que o anterior, o eixo da nave, à medida que esta gira em torno de si. L observava, boquiaberta, a rotação da nave a abrandar, aparentemente, à medida que o shuttle acertava a sua própria rotação. “Credo, isto é mesmo uma espécie de odisseia no espaço... Só espero que esta MA-E não se tenha em tão boa conta quanto o HAL”.

- Bom, se calhar o melhor é apresentar-me, uma vez que já estão, oficialmente, no meu território – A voz do computador da nave chegava aos recém-chegados no tom dócil de uma mulher madura – Como D disse, e obrigado, D, eu sou MA-E, emprestando o nome destas iniciais de “Moving Astrophysics and Eletronics”, por extenso numa denominação bem mais aborrecida e pálida, em comparação com MA-E, ou Mãe, em linguagem mais corrente. Outras culturas adaptaram este acrónimo para designar a Mãe nas suas línguas. Por mim, tudo bem.

Os passageiros ouviam o computador, estupefactos, pairando no volume do shuttle, enquanto a manobra de atracagem era realizada automaticamente.

- Com a ajuda de D, e a liderança de I, estou cá para tornar a vossa estadia aqui tão agradável quanto possível – Coincidindo a última palavra proferida pelo computador com a abertura das portas, e a ocorrência de mais um fenómeno resultante do acerto de pressões – Das primeiras coisas que vão notar é um aumento gradual de peso do vosso corpo, à medida que se afastam do centro da nave. A ideia é que, no último anel, o mais afastado do eixo, sintam o vosso peso como se recordam dele, à superfície da Terra. Um brinde dos engenheiros que desenharam esta nave, o terem achado, e bem, que a viagem seria bem mais agradável para vocês se pudessem sentar-se na sanita e fazer as vossas necessidades normalmente. Outro extra foi este obtuso sentido de humor embutido na minha programação, mas estou certo que o D poderá explicar isso melhor, sendo ele um perito em programações.

- Alô MA-E, mas eh pá, calma aí que eu só estive envolvido na parte das comunicações – D devolve o bom humor do computador de bordo, enquanto carregava no fecho de portas, terminando o processo de entrada na nave.

- Pois, precisamente. Mas eu até gosto, e penso que a tripulação tolera isso bem. Já não tolera tão bem quando eu chamo à atenção para as horas de dormir, de acordar, ou da necessidade de substituir a remessa de café.

- Sim, tens razão – D pisca o olho a L, circulando a sua atenção pelos restantes elementos do grupo, em particular I que, no seu estilo próprio, o avaliava – A nossa espécie tem esta fé inabalável no café, de tal forma que só nos lembramos que poderá faltar...quando falta. Mas MA-E, agora esta gente quer, e precisa, de matar saudades da sua gente na Terra... Podes preparar as salas de comunicações?

- Claro – MA-E parecia tolerar bastante bem a falta de memória dos seus tripulantes humanos – Das oito, só seis estão disponíveis neste momento, mas com uma pequena lista de espera e um ou dois cafés servidos, todos vocês poderão usufruir do vosso tempo ao telefone, sem stress e sem desvirtuar o plano de trabalhos de I para hoje.

- Obrigado, MA-E – Atalhou I, respeitosamente.

- Eu sei o que é poderão estar a pensar: que oito cabines de comunicação espacial poderá ser um número ridículo, tendo em conta um número máximo de cento e sete tripulantes nesta nave. Mas, sinceramente, e na minha humilde opinião, esse número é perfeitamente adequado, sabendo que a comunicação para a Terra, do sítio para onde esta nave vai, será algo esporádico, numa expectativa mínima – Apercebendo-se do repentino silêncio instalado, a inteligência artificial a bordo acrescentou imediatamente – O que não quer dizer que os canais de comunicação não estejam sempre abertos.

- Também te agradeço, Mãe, por mim e em nome do grupo. Vou então levar esta gente ao longo dos teus anéis rotativos, até ao sítio das cabines. Lá, já conseguirão experienciar, razoavelmente, a agradável sensação de estarem sentados.

O feijão tinha sido construído como um misto de nave e estação espacial, constituído, essencialmente, por quatro grandes secções: propulsão e centro técnico, espaços habitáveis e comodidades em viagem, espaços habitáveis e comodidades em órbita, e posto de comando. O primeiro, embora essencial, só era visitado por técnicos de manutenção, e mesmo esses só quando algo não corria bem, ou estava fora dos parâmetros do controlo automático. Em todo o caso, a MA-E tinha processadores exclusivamente dedicados a este núcleo, salvaguardando o funcionamento da propulsão e dos sistemas de manutenção de vida, mesmo que tudo o resto falhasse. O segundo núcleo era a casa dos tripulantes, quando a nave acelerava. Por conveniência, e para tornar a vida a bordo mais suportável e sentida como natural, essa aceleração seria calibrada para equivaler à gravidade normal da Terra, ao nível do seu oceano. Basicamente, todos sentiriam o seu peso habitual contra as paredes do fundo da nave, nos seus vários níveis. Aí, salvo o facto da paisagem lá fora ser, a maior parte do tempo, o céu estrelado, e de não se conseguir sair em mangas de camisa sem ficar petrificado a menos de duzentos e setenta graus negativos, a vida decorreria

normalmente como num condomínio terrestre. No terceiro módulo, eram reproduzidos todos os espaços e amenidades do segundo módulo, literalmente como uma segunda casa ao lado de casa, mas construídos e organizados numa lógica circular. Concêntrica. Era a rotação em torno do eixo central da nave que permitia que tudo o que a ela estivesse ligado fosse empurrado para fora. Tal como a roupa era pressionada contra o tambor da máquina de lavar, durante a centrifugação, mas sem nenhuma dor de cabeça ou outra sensação desagradável. Neste módulo, era possível dormir, comer e fazer ginásio, tal como no segundo módulo, só precisando tomar atenção ao facto das salas não terem todas o pavimento com a mesma inclinação. Seria aqui que a tripulação iria habitar enquanto a nave não partisse, e em todo o tempo que precisasse uma vez chegada à órbita do planeta destino. Ou seja, sempre que a nave não estivesse a acelerar ou a desacelerar. O quarto, e último módulo, o centro de comando, estava construído numa filosofia muito semelhante ao primeiro, que também funcionava bem, criando uma sensação de gravidade normal para seres humanos, se a nave estivesse a desacelerar. Isso dava origem a um design estranho ou, pondo de outra forma, funcionalmente vanguardista. É que estes espaços, para receberem pessoas transportadas por uma nave em aceleração, e também em desaceleração, tinham de ser espelhos de si próprios, relativamente a um plano paralelo aos seus pavimentos e coberturas. Ou seja, aí, um pavimento poderia vir a ser usado como cobertura, e uma cobertura vir a ser usada como pavimento, dependendo do sentido da aceleração. Na prática, tudo era enfiado em armários o mais possível, para que os planos horizontais, perpendiculares à aceleração, ficassem desimpedidos. Por exemplo, todos os futuros tripulantes iriam saber que, nestes dois módulos, todas as instalações sanitárias teriam duas gavetas que guardavam as sanitas: quando em aceleração abria-se uma junto ao pavimento e quando em desaceleração abrir-se-ia outra, junto à cobertura, que nessa altura seria o pavimento. A confusão seria meramente teórica, porque quando sujeita à aceleração, ninguém teria dúvidas relativamente a qual gaveta guardava a sanita para o interior da qual iriam evacuar as suas necessidades. No entanto, o centro de comando não servia outro propósito que não fosse comandar a nave. Em rigor, e caso tudo corresse conforme planeado, não seria necessária nenhuma intervenção humana para comandar a nave: os sistemas de suporte de vida iriam, automaticamente, suportar a vida, e a nave iria deslocar-se pelo espaço seguindo a rota pré-definida e ajustada a cada décimo de ponto percentual do percurso efetuado. Isto na teoria; na prática, como nada que é realmente importante alguma vez corre exatamente como planeado, haveria sempre gente no centro de comando para pensar, sentir e tomar decisões, pelo menos nos momentos em que a tripulação não estivesse, por inteiro, nas câmaras de hipersono. Era, portanto, aí que a MA-E estava instalada. O mais longe possível das fontes nucleares, das radiações mortíferas e das distorções magnéticas do primeiro módulo, o cérebro de toda a operação ocupava uns generosos vinte por cento do volume da nave, inserido num sub-módulo fisicamente independente dos restantes, só acessível à liderança da tripulação, e apenas em circunstâncias específicas. Afinal, tratava-se de um computador de base binária e quântica, tão avançado quanto possível à data em que tinha sido posto em funcionamento e que iria, dependente do seu funcionamento, ajudá-los a chegar ao planeta habitável que se tornaria a sua nova casa, ou então conduzi-los à morte certa. O esquema era simples: o motor iónico de fusão gerada eletricidade necessária para o computador funcionar, que por sua vez

gerava calor suficiente para a maior parte das necessidades de aquecimento da nave. Quando em excesso, esse calor era retirado por um engenhoso permutador, e rejeitado para o gélido espaço exterior. Assim, enquanto houvesse hidrogénio nos tanques, não faltaria energia, nem calor, nem alguém capaz aos comandos da nave.

Havia cabines no segundo e terceiro módulos, como era de esperar, tendo em conta a forma como as funções eram replicadas entre estes. Com a nave ainda na doca, em órbita síncrona com o planeta, D encaminhou o grupo para as cabines em que, efetivamente, cada um se poderia sentar e transmitir a sua mensagem.

- Eu sei que é estranha a sensação do chão não ser plano, nestes corredores – D percorre o olhar, instintivamente, pelos seus pés e os das pessoas que o acompanhavam, confirmando a curvatura do segmento de arco que tinham percorrido para ali chegar – Mas, acreditem em mim, vão habituar-se rapidamente. Afinal, será onde vamos passar os próximos cinquenta anos...ou, pelo menos, onde alguns de nós vão estar nesse período.

- Sim, mas D – MA-E intervém, oportunamente – Tens de explicar isso ou, pelo menos, relembrar. Poderão ter percebido, ou não, se consultaram a pasta com o resumo da missão, que preparei vocês juntamente com I, que a viagem vai durar cerca de cinquenta anos, sim, no vosso tempo local, mas que a maior parte desse tempo será passado a dormir. Digo “dormir” como um termo simpático do que o som provavelmente mais tétrico de “torpor induzido”...durante o qual não vão sonhar, nem mostrar nenhum sinal de vida a não ser o mínimo indispensável para evitar a decomposição dos vossos tecidos, em particular os do vosso sistema nervoso. Basicamente, vão ser como ratos a hibernar no Inverno...um longo e contínuo Inverno de quase cinquenta anos.

- Obrigado pelo esclarecimento, mãe – D gesticulava, orientando o grupo para depositar as suas coisas temporariamente no pequeno hall que servia as cabines de comunicações – É muito oportuna a tua explicação pois, na verdade, o tempo em que vão circular por estes corredores será, na realidade, apenas uma pequena fração desse período. As minhas desculpas, se induzi alguém em erro.

D mostrava uma dentadura branca e sorridente, ao dizê-lo, mas a sua leveza de espírito parecia não se transmitir aos restantes. Tendo tomado conhecimento prévio, ou não, das implicações da viagem, no tempo e no corpo, a reação foi contida, encapsulando o peso e o impacto daquilo que era, na verdade de cada um, um salto no desconhecido.

- E se alguém “acordar” durante a viagem? – A pergunta vinha da mais nova do grupo, uma rapariga de olhos cândidos e cabeça rapada.

- Mãe? – D levanta o queixo no ar, solicitando o esclarecimento de MA-E.

- Não é possível sair do estado de torpor induzido, enquanto forem mantidas essas condições sobre o organismo.

- Mas, e se algum erro ocorrer, e essas condições deixarem de ser aplicadas?

- Erros podem sempre ocorrer, pois nada é perfeito – O computador tentava o seu melhor para manter e transmitir uma atitude positiva, muito embora lhe fosse impossível, pela

estrutura da sua programação, ocultar, distorcer ou por outras vias não apresentar a melhor informação a que tinha acesso – Mas posso afirmar que eu própria já testei o sistema, e que está a funcionar com elevado grau de eficácia, o que significa acima de noventa e nove por cento.

- Como assim, “já o testei”? – L estaria, provavelmente, a vocalizar o que os restantes estariam a pensar – Como é que é possível um computador testar um sistema de hibernação desenhado para seres humanos? Isto é alguma brincadeira elaborada?...Humor refinado de uma inteligência artificial superior?

- Não estou a gozar com vocês – A MA-E era incapaz de deitar abaixo qualquer um dos seus “filhos” – Eu, aliás, seria incapaz de fazer isso. Mas, como devem calcular, eu não fui ligada ontem. Fui o primeiro sistema a ser montado e tornado operacional nesta “naventura”, há mais de trinta anos marcianos. Entretanto, tive muito tempo para testar todos os restantes sistemas que dependem de mim. Numa analogia óbvia com vocês, eu serei o cérebro desta nave, e tudo o que esta contém serão os meus órgãos. Penso que será óbvio dizer que não era eu que estava deitada naquelas camas de hibernação, mas garantivos que todos os ocupantes se levantaram e andaram, se bem que depois de um momento inicial de náusea e fraqueza.

- Jesus...e eu nem sequer sou de dormir muito – A rapariga do cabelo curto afagava a parte de trás do pescoço, enquanto entrava para o seu cubículo de comunicação, à indicação de D.

- Gente: eu sei. A Mãe disse que só havia oito cabines – D enfrentava o desalento nos olhares do grupo – O que lhe faltou precisar, na altura, foi que eram quatro no segundo módulo, e outras quatro neste terceiro módulo. Mas não se preocupem: temos sete dias nesta nave. O importante agora é vocês acalmarem essas saudades, aproveitando para continuar a vossa habituação ao tempo no espaço...

Enquanto os primeiros quatro elementos do grupo ocupavam as cabines, os restantes dispersavam pelo hall. L acabou por encontrar uma passagem para o anel mais exterior, onde podia varrer o céu estrelado com o seu olhar. Desde que P morrera que ganhara o hábito de contemplar o outro lado de janelas...para onde quer que estas estivessem viradas. D reparou no seu movimento, seguindo-a até à janela que escolhera.

- Como as estrelas são todas parecidas, vistas daqui, o facto disto dar três voltas por minuto mal se distingue – D dava o seu melhor para cativar a dona das rastas à sua frente, cujos pensamentos circulavam à volta de X, o seu filho e aquela nave que não parava de girar.

Surpreendeu-o a súbita reação de L, como que acordando de uma letargia.

- Ouve, rapaz: tu és giro. Eu até diria que tu és interessante – L fixava, agora, o seu olhar penetrante nele, oferecendo o seu perfil às estrelas – Revejo, nos teus olhos, uma pessoa que já só existe em mim pelas memórias que me deixou. No entanto, para já, as semelhanças ficam por aí. E sim, sinto curiosidade em saber mais. Parece-me que terás mais por debaixo dessa atitude jovial, de miúdo até... Mas esta nave, e esta viagem; não

sei como é que a minha sexualidade irá reagir a isto tudo – A surpresa de D transfigurou-se em intriga, ao ouvir a expressão “sexualidade”. L continuou, embalada por um impulso de se libertar do que sentia, da sua confusão emocional, num esforço inconsciente de se focar e encontrar um caminho que fizesse sentido para si – Sim, sexualidade. Já tenho idade suficiente para saber que tudo o que fazemos e tudo o que nos acontece na vida, acaba por ter um reflexo na nossa sexualidade... O núcleo, o coração, o caroço da nossa personalidade.

D oscilava entre a admiração, a atração e a estranheza. Aquele misto de assertividade, a roçar a agressão, mas com uma sensibilidade amorosa, definitivamente atraía-o. Isso e as rugas que começavam a formar-se no pescoço de L. Mas ela ainda não tinha terminado.

- Em duas palavras: não sei. Não sei o que vou dizer ou perguntar ao X, não sei bem o que estou a fazer nesta nave, não sei o que fazer contigo, não sei...

E, na suspensão dessa incerteza, volta a rodar o pescoço e a atenção para as estrelas lá fora. D, à sua frente, não conseguiu evitar um sentimento de empatia, mesmo uma velada pena por esta mulher, aos seus olhos tão forte e tão frágil ao mesmo tempo. Deu por si a levantar o braço e a sentir as rastas de L por entre os seus dedos.

- Quem é X?

A pergunta saíra-lhe espontaneamente, inocente e simples. Mas foi o suficiente para despertar a raiva acossada de L.

- Miúdo...só te digo uma coisa: não me queiras ver zangada.

Proferida a sentença, em tom de ameaça, abanou os ombros e a cabeça, vigorosamente, sacudindo a mão de D, naquele momento percecionada como uma ameaça. Não deixando mais tempo, nem mais espaço, afastou-se rapidamente para o corredor vertical de acesso ao hall das cabines de comunicação, deixando D para trás.

Em movimentos rápidos, aplicando mais energia do que a necessária, L entrou na cabine, entretanto tornada vaga, sentando-se a respirar pesadamente. Junto à janela ficara D, estupefacto e inebriado, levantando a mão que tocara no cabelo de L, passando-a pelo nariz.

“Céus, acabei de chegar a esta maldita nave...X, onde estás?” Dentro da cabine insonorizada, só ela ouviu o desabafo, na forma de um par de asneiras genéricas. Precisou de um momento para se acalmar, respirando profundamente algumas vezes. “Eu estou aqui. Eu sinto o meu corpo. Eu sinto a minha raiva.” A prática da atenção plena funcionava sempre. Mais calma, abriu os olhos e viu o ecrã à sua frente, que aguardava a informação de quem queria contactar, na Terra, e de que forma queria comunicar.

- Se é para me mostrar, mostro-me toda – Disse, em voz alta, para si própria, carregando no ecrã táctil no botão “vídeo”.

Sem perder mais tempo, premiu de imediato em “gravar”, levantando-se da cadeira. No entanto, durante quase um minuto inteiro, apenas contemplou a objetiva: as palavras não

lhe saíam, enquanto se debatia com a vontade de encurtar aquela distância fenomenal entre eles. Ao fim desse tempo, deixou o peso do corpo cair na cadeira, libertando a tensão que lhe prendia a voz.

- Só queria abraçar-te, X, a sério – A sua voz saiu tremida, com a súbita vontade de chorar. Um soluço subiu-lhe pela garganta, enquanto os olhos se inundavam de lágrimas. Levou as mãos à cara – Sinto-me tão sozinha... E nem sei bem porquê. Estou rodeada de pessoas. E tenho coisas para fazer: temos uma semana inteira de, como é que hei de dizer... formação, nesta nave. Ou deformação, já não sei bem.

Fez uma pausa para se assoar e, de repente, sorriu, como se se tivesse lembrado de algo divertido.

- Até conheci um rapaz giro, e com rastas, como eu – Aproximou-se, novamente, da objetiva, enquanto o sorriso se desvanecia da sua face – E eu sei que isto são só uns dias. Regresso logo a seguir para aí, e vou ter contigo. Mas algo está a atirar-me para esta saudade desesperada... acho que é esta nave – Agora, com a cabeça praticamente encostada à câmara, sussurrava – Esta viagem. Sinto-me atraída a ela, como o mosquito é atraído pela luz, e repellido ao mesmo tempo, como se o calor da vela me fosse queimar as asas. E, no meio disto, nem sequer te perguntei... já sabia que vinha há semanas, e não fui capaz de chegar ao pé de ti e simplesmente perguntar-te: o que é, para ti, esta viagem? – Pausou novamente, desviando o olhar da câmara, enquanto recordava – Olhando para trás, só posso concluir que estava em pânico: o medo dilacerante da tua resposta mantinha-me a uma boa distância de todo este assunto. Deves ter achado tão estranho... E vais, provavelmente, achar tão ou mais estranho eu estar a perguntar-te isto agora, fechada, sozinha, numa cabine de comunicação, a milhões de quilómetros da Terra.

Num passo ágil atrás, afastou-se da câmara e assoou-se novamente.

- Tenho sonhado com todas as pessoas da minha vida. Circulam à minha volta, como estátuas numa antiga sala de julgamentos. Até T, e a pequena A, me visitaram, ao longo destas longas noites espaciais, e eu sempre com uma vontade incrível de fugir, mas sem me conseguir mexer. Obrigada a enfrentar o seu olhar de desapontamento. Eu estou aqui, mas não sei bem onde estou... sinto-me perdida – Lentamente, volta a sentar-se, assumindo uma postura introspetiva – A bater as asas, desesperadamente, cega pela luz intensa... só queria que estivesses aqui, X. Abraçava-te, e ia sentir-me em casa.

Com as faces ruborizadas, levantou-se e, sempre a focar a objetiva, pôs fim à gravação. Antes de sair da sala, chorou as restantes lágrimas que ainda pediam para sair.

Após todas as comunicações, o grupo voltou a reunir-se no hall. D voltara da janela no anel exterior, carregando uma expressão sombria. Em tom monocórdico, anunciou.

- Bom, agora vou com vocês às várias partes da nave, para ganharem uma noção dos cantos à casa.

Apesar de terem tido a oportunidade de enviar um pouco de si para a Terra, a ausência de respostas imediatas e, agora, a súbita mudança de humor do guia, tornou o ambiente no

seio do grupo mais tenso. A passagem pelos quatro módulos da nave terá sido realizada em tom técnico, e pautada por longos silêncios. As palavras e a atitude de L deixaram D afetado, incerto se aquela reação tinha sido, de alguma forma, provocada por si. Nem à hora da refeição a tensão se desfez, nem D conseguiu sair desse abatimento e voltar a abordar L. Esta, por seu lado, comportava-se como se nada tivesse acontecido, preocupada apenas com a mensagem que ainda poderia chegar de X. A tarde, simulada na nave através de alterações subtis na iluminação, fazendo tender a cor das lâmpadas mais para o amarelo e para o laranja, com o escorrer das horas, seria passada na biblioteca, a estudar os manuais da MA-E. D introduziu o grupo ao novo espaço, desenvolvido em comprimento ao longo do anel mais afastado do núcleo em revolução, marcado por um largo vão lateral, com vista sobre o primeiro módulo da nave. A atmosfera inspirava silêncio, o que D secretamente agradecia, pois não se sentia comunicativo nesse momento. Deixou-se ficar de pé num canto, logo à entrada da sala, a ver a imagem do primeiro módulo a rodar, num ciclo ininterrupto. I olhava-o de soslaio, a tentar perceber a situação, mas sem a intenção de interferir. Sabia que o seu papel ser o de líder daquela missão, não a de resolver questões pessoais de cada um.

- Caros passageiros, se calhar está na hora de um chá com uns bolinhos... Que vos parece?
- Teve de ser a MA-E a interromper o estudo e o silêncio, o que terá levado D a levantar-se, estremunhado, tentando disfarçar o facto incontornável de ter adormecido sentado em cima da mesa, encostado ao vão da sala.

- Sim...claro...hora do lanche – D esfregava um olho, enquanto a outra mão apalpava a mesa, à procura da sua chapa. Foi encontra-la no bolso.

- Além disso, todos vocês parecem cansados – MA-E fazia os possíveis para animar o grupo, de onde já provinham alguns bocejos – Mas eu compreendo: a permanente centrifugação desta máquina de lavar acaba por moer o espírito, certo?

- Obrigada por cuidares de nós, MA-E – A voz de I, efetivamente cansada, ecoou na biblioteca silenciosa – Outra coisa: já temos alguma resposta da Terra, às comunicações destes senhores e senhoras?

- Temos, sim senhora. Estava só à espera da hora da pausa, para fazer esse anúncio. Obrigada, I. Quando chegarem à sala do lanchinho, já terão as respostas respetivas carregadas nas vossas chapas – Entretanto, o grupo movia-se, em direção à comida – Tomei a liberdade de estabelecer contacto com os vossos computadores pessoais, ao abrigo do nosso acordo digital, enquanto meus hóspedes. Mas, estejam descansados, não tenho permissão, nem possibilidade, de me introduzir na vossa informação pessoal. Meramente introduzi a informação nos vossos sistemas. Assim como o *bot* das entregas: deixa o pacote, não faz perguntas.

O lanche era mesmo chá, e bolinhos. L perguntava-se, enquanto ansiava pelo momento de poder ouvir a resposta de X, como é que eles conseguiam fazer estas comidas caseiras, em sítios tão artificiais, naqueles habitáculos flutuantes tão diferentes das casas e lares da Terra.

- Bem-vindos ao nosso pequeno solário. Bom...pelo menos dentro do género, tendo em conta que rodamos em torno do nosso próprio eixo, que roda em torno de Marte numa órbita estacionária, que por sua vez está a orbitar em torno do Sol. E peço antecipadamente desculpa pelo facto de já não se apanhar muita luz a esta hora, mas é que estamos a aproximar-nos da nossa noite: a nossa parte do dia ocultos na sombra de Marte. Ah, e para o caso de alguém se ter perguntado como é que conseguimos servir estes bolinhos e este chá, é mesmo porque os cozinhámos, com o que temos. Obviamente que não será possível fazer omeletes sem ovos, mas acreditem que o grão de soja é uma leguminosa bastante versátil, e os ovos nem sempre fazem falta. Podem também agradecer à magnífica horta que os vossos colegas mantêm a produzir lá em baixo; um feito magnífico só por si, tendo em conta que o solo marciano é quase tão estéril como um afloramento granítico lá na Terra.

Mais animados e recompostos, com o chá fumegante e os bolinhos adocicados, os recém-chegados hóspedes da MA-E trincavam, bebericavam e falavam entre si. D já envergava um sorriso, e L amaciara as suas pontas mais aguçadas. Consultava agora a chapa, que lhe mostrava um inócuo “Último carregamento terminado”, mas que lhe trouxe, subitamente, uma pontada de ansiedade, sentida junto ao diafragma. Chegara a resposta de X. Olhou à volta, à procura de um sítio para onde se ir esconder. Felizmente, com seres humanos, junto à comida há, normalmente, sítio para evacuar. E aquela nave espacial não era exceção. Desculpou-se para ir à casa-de-banho.

A diferença para as instalações sanitárias da Terra, ou mesmo as construídas em Marte, era que estas eram otimizadas até ao mais ínfimo detalhe. Começando pelo volume ocupado, que correspondia ao absoluto mínimo para desenvolver a atividade em causa, nem mais um centímetro cúbico. No espaço, a largueza de dimensões era para tudo o que estava lá fora: os planetas, as estrelas, as nuvens cósmicas. No interior da nave, o conhecimento do que custa roubar cada unidade volumétrica ao exterior, contê-la, pressurizá-la e climatizá-la acabava reduzindo tudo à dimensão mínima. Sentou-se, no que lhe pareceu ser a tampa da sanita, e ativou a chapa.

- Alô cabeluda – O computador pessoal de L quebrava assim um silêncio de vários dias – Estavas com saudades minhas?

- Oh, Budgie, sabes que eu nunca me esqueço verdadeiramente de ti...mesmo quando parece que me esqueci de ti – L contemplava a chapa, com um sorriso triste – Mas olha, o que preciso mesmo, agora, é ver o que o X me enviou.

- Claro, certíssimo. Tens aí, intacto, o pacote que a Mãe deixou. Juro que não espreitei, nem um bocadinho.

Sobre o ecrã da chapa, L carregou no símbolo que continha a mensagem de X. Logo lhe apareceu a sua face, enquadrada entre os limites do ecrã do aparelho, com uma expressão preocupada.

- Também te queria abraçar – Os seus olhos percorriam o ecrã, talvez numa tentativa de encontrar os de L – Preocupa-me ver-te assim. E só não me preocupo mais porque te

conheço: és doida mas és forte, és emotiva mas consciente...e eu amo-te. E vou continuar a amar-te, mesmo depois de teres ido. Um pouco como tu carregas a alma de P que em ti ficou, eu vou carregar as marcas da tua...no meu núcleo – Virou a cara para o lado, mostrando a mandíbula cerrada, para logo a relaxar e exibir ligeiras tremuras no queixo. Volta a face para a câmara – Sinceramente, até me pareceu muito natural não me teres perguntado antes sobre a viagem... Porque, para mim, nunca houve uma dúvida sobre tu ires ou não. A partir do momento em que te chamaram, eu soube. Bateu-me, claro. Chorei. Uivei, como um lobo sob a lua cheia. Desde esse dia que me sinto um pouco menos eu, pois uma parte de mim, que tu carregas contigo, já não vai voltar. Tu ainda não foste, e já sinto saudades...

Num gesto repentino, X baixara a objetiva da sua chapa, que filmava agora uma parte do pavimento da sala onde gravava, mostrando os seus pés descalços sobre a madeira. O som da sua voz, no entanto, continuava a ouvir-se. Mais à distância, mas ainda nítida.

- Vais dizer-me que ainda não decidiste, que foste aí precisamente para isso, mas...se calhar é só o meu medo a falar. Talvez seja. Mas olha, em todo o caso – Volta a endireitar a chapa, e a recentrar a câmara, para filmar a sua cabeça – É só para saberes que o meu coração está contigo, tomes tu a decisão que for. Agora vá, aprende aí o máximo que conseguires, já que não é todos os dias que tens uma mãe digital a tomar conta de ti, numa nave interestelar que até chá e bolinhos deve ter...

Sem acrescentar mais palavras, aproximou os lábios da câmara, num beijo virtual de despedida, que tornou o ecrã todo negro, coincidindo com o final da gravação. L deixa pender a cabeça em cima da chapa, sentindo-se fraca, acorada em cima da sanita. Tem os olhos secos, mas voltara o aperto no peito. “Como é que ele sabe que eu vou?! Será que sou a única pessoa a não saber que vou?”

- Alô, Marte para L... Marte para L, alô? – A voz de Budgie, proveniente da chapa, nesse momento pendendo entre as pernas de L, fazia-se ouvir no silencio do cubículo sanitário.

- Não me digas que tu também já sabes que eu irei embora nesta maldita viagem? – Questionou L, sem levantar a cabeça.

- Disso não sei, cabeluda... O que sei é que tu precisas, definitivamente, de um duche quente, isso sim.

- Tens razão...aliás, como quase sempre – Levantando a cabeça, deixa-a pender para trás, pousando-a sobre o botão do autoclismo, imaginando-se a entrar no duche e a deixar-se percorrer por milhares de gotículas de água aquecida – Budge.

- Sim?

- Diz-me onde é o meu quarto, por favor. Não me está a apetecer voltar ao grupo, agora. A Mãe vai saber onde ando, claro, mas de resto só tenho de informar a I. Envia-lhe, por favor, esta minha mensagem, via sistema interno da MA-E.

E teclou, sobre o ecrã da chapa: “I, estou mesmo a precisar de um duche a ferver. Desculpa se estou a estragar algum do planeamento, mas sinto que, se for para aí agora, ainda insulto alguém. A Mãe acompanha-me ao quarto”.

- Considera entregue. Relativamente ao teu quarto, vê lá se percebes, na planta deste anel que vês aí no mostrador, onde estás e para onde tens de ir.

- Já te tinha dito que eras o maior, Budge?

- Por acaso já, e por mais do que uma vez.

- A modéstia nunca foi o teu forte – L permitia-se a alguma boa disposição, na perspetiva de ir para o seu quarto. Naquele momento, qualquer quarto que pudesse chamar seu lhe soava a casa.

- Não é imodéstia, é realismo – O computador pessoal de L nunca deixava um gracejo sem resposta – Mas olha, tens é de passar no cacifo, junto ao núcleo, onde deixaste a tua mochila assim que saíste do elevador.

Animada por, finalmente, ter direito a um pouco de planeamento pessoal, pôs-se a caminho do núcleo do anel. Afastou, para os bastidores da mente, um ligeiro sentimento de culpa por estar a separar-se do grupo para ir tomar um banho, mas impunha-se uma necessidade fisiológica básica. Ágil, pegou na mochila armazenada no ambiente de gravidade quase-zero do núcleo e, em poucos minutos, estava à porta do seu quarto. Estacou por uns instantes.

- Budge, achas que consegues informar a Mãe de que não pretendo ser solicitada nas próximas duas horas?

- Penso que podes, simplesmente, esperar aí um pouco pela resposta.

- L, apesar de ser um sistema já com trinta anos no ativo, orgulho-me particularmente da minha programação e processamento, no que diz respeito a informação pessoal – MA-E intervém, no seu habitual tom maternal – Não me passa por nenhum circuito invadir a privacidade de qualquer viajante nesta nave, e mesmo que passasse, não podia fazer nada com isso. Protocolarmente falando, e fica para teu conhecimento, recolho, efetivamente, toda a informação que me chega através dos meus sensores internos, que incluem os aposentos privados de cada um. Isso pode envolver, efetivamente, todas as atividades, mesmo as mais íntimas, desenvolvidas pelos seres humanos que por aqui passam. No entanto, nessas zonas designadas, sou uma mera depositária de informação, que não passa por qualquer filtro interpretativo ou de conjugação, para qualquer julgamento ou análise; essa informação vai diretamente para discos específicos, aos quais não tenho acesso. O armazenamento é realizado para a eventualidade de vocês, os meus hóspedes, e de vocês apenas, sentirem que é imperativo aceder a essa informação...e de forma unânime. Portanto, isto para dizer que, claro, passo a mensagem a I e D para te deixarem sossegada nas próximas duas horas. Numa emergência, no entanto, pode ser que alguém te peça autorização para saber o que fazes no interior do teu quarto. Naturalmente que a probabilidade de isso acontecer é baixa; para te ser sincera, é indeterminada, pois em trinta

anos nunca houve um acesso ao cofre, sob a minha custódia. Mas aí tens, e desejo-te um banho reconfortante.

- Obrigado, Mãe – Responde L, aliviada. Secretamente, no entanto, mantinha um resquício de dúvida se a MA-E não poderia ser ali uma espécie de “Grande Irmã”, embora no domínio restrito daquela nave.

Entra no quarto e deixa a mochila cair, imediatamente. Ao longo do caminho percorrido até à base de duche, desembaraça-se da roupa toda, deixando-a simplesmente cair sobre o pavimento, impecavelmente limpo. Desliza para o compartimento do duche e coloca a mão sobre o sensor da água quente. Ao contrário de muitas coisas naquela nave, este sistema ela reconhece e domina. Aprecia água particularmente quente. Permite-se relaxar completamente, enquanto se deixa percorrer pelo fluido aquecido até ao limiar do conforto. Por uns instantes, é só ela, o seu corpo, e a água; nada mais existe ou importa. Fica assim até o alarme do sistema avisar: agora é para desligar a água. E por um motivo simples: enquanto os reatores de fusão nuclear não estiverem a funcionar, toda a energia é pouca. Faz pensar que a nave está a descrever uma órbita em torno de Marte, um planeta cuja temperatura média à superfície ronda os sessenta graus negativos, embora isso pouco importe para o balanço energético da mesma. Mas L não está a pensar. O duche quente, quando realmente dele necessita, tem um efeito extraordinário de libertar a mente de todo o ruído, de todas as preocupações e emoções. Irá ter tempo para se preocupar, mais tarde: agora está a ensaboar-se. O momento de enxaguar também se estende até o alarme do sistema informar que já chega. Mas L aceita, placidamente, o final do duche, não vai ser isso que lhe vai interromper a momentânea paz de espírito. Sai da casa-de-banho, ainda a fumar, e embrulha-se no toalhão. Não se veste, seca-se apenas e, enrolada com peito sobre os joelhos, contempla novamente o espaço exterior, através da janela do quarto. Agora sim, ocorre-lhe o pensamento de que custa a acreditar que lá fora estão cerca de duzentos e setenta graus negativos. E que, dentro daquele quarto espacial, ela está confortavelmente nua, sentada na cama, apenas enrolada numa toalha.

A campainha interrompe o seu morno pensamento. Recorda, de uma forma difusa, que terá pedido à MA-E para que não houvessem interrupções, mas está tão relaxada que atende ao chamamento, embora tome o seu tempo. Enrosca-se ainda mais no toalhão, como se fosse um cobertor. Descalça, chega-se ao pé da porta e toca no sensor.

- D – O nome dele sai-lhe sem expressão, como se o chamasse, quando ele já se preparava para se ir embora. D roda sobre os calcanhares, encarando a figura de L, descalça, de cabelo revoltado, molhado, enrolada num grande toalhão de tecido turco.

- Desculpa incomodar – D adquire uma postura apologética, mas não arreda pé – Mas precisava de saber se estavas bem. I deu o resto do dia, e o grupo dispersou. Como os quartos estão preparados com alguns comes e bebes, para a primeira noite, também concordei. Houve muita coisa para ver e ler, neste primeiro dia na nave, e estávamos todos cansados. É melhor assim.

- Fizeste bem em informar-me disso, obrigada – Colocando a mão junto ao sensor, preparava-se para se despedir de D e fechar a porta – É certinho que daqui a um par de horas está a dar-me aquela traça...

- Mas estás bem?

A insistência de D fê-la abrir mais os olhos e levantar as orelhas. Este homem estava ali por ela, e não parecia que se fosse embora sem uma resposta. Decide retirar a mão do sensor e enrosca-se mais sob o toalhão. Faz uma pausa.

- Tu queres alguma coisa de mim.

Ele sorri, desarmado.

- Sim...mas não quero nada de ti que tu não queiras oferecer – E, num passo subtil, aproxima-se mais dela.

“Eu podia fazer isto. Ia ser bom. Ia sentir-me bem”. Imóvel, contempla a expressão subitamente divertida de D, que pressente ter luz verde para avançar. Sente a sua mão a abrir caminho por entre o cabelo molhado, deixando a cabeça cair para esse lado. Ele aproxima-se mais um pouco ainda. “P: aprovas?” Com o aparecimento de P no seu pensamento, as suas costas adquirem uma postura mais rígida.

- Estás bem? – D contempla, internamente, o seu desejo crescente por aquela pequena figura desgrenhada, e completamente nua por debaixo do toalhão.

Ela volta a não responder, e dá um passo atrás, para o interior do quarto. Afasta a mão do sensor e semicerra os olhos. D percebe que está convidado a entrar. À medida que se afastam da porta, esta fecha-se automaticamente, com um leve silvo. L anda às arrecuas, em direção à cama, enquanto afrouxa o aperto sobre o tecido da toalha. Ele segue-a, hipnotizado. À frente da cama, fracamente iluminada pela fita de luz sobre a cabeceira, L olha em frente, para o pescoço de D, e deixa cair o toalhão. O seu corpo, no entanto, mantém-se imóvel. Ele aproxima-se, passando-lhe a mão pela cintura, e baixando a cabeça para a beijar no pescoço. Ela sente o arpejo, mas este não contagia o corpo todo. Sente a mão dele a percorrer-lhe a nádega, e a base da coxa. A sensação é agradável, embora se aperceba que não a excita sexualmente. Nem quando o volume aumentado sob as calças de D lhe roça o baixo ventre. De olhos fechados, vê imagens de P a passar-lhe à frente. O seu sorriso, os seus braços, a sua caveira descarnada.

- Não consigo – Afasta-o com uma mão sobre o peito, quando este se preparava para tirar a T-shirt – Desculpa, mas não consigo. Não sei se é desta nave, ou deste planeta, ou ambos. Nem sei como é que não me sinto irritada.

Deixa-se cair, sentando nos pés da cama, largando os braços entre as pernas. Descomplexada, deita as costas para trás e começa a rastejar para o centro do leito, onde se aninha numa posição fetal.

- Foi alguma coisa que eu fiz – A voz de D soava mortificada.

- Não – De olhos fechados, e sem se mexer, a voz saiu-lhe suave – Tu fizeste tudo certo. Nem a mais, nem a menos. Sou eu que...tenho memórias. Tu és bom rapaz, e eu não sei o que vai acontecer.

Por um momento ele olha para ela, enrolada numa bola de pele macia, na sua percepção frágil e indefesa, sentindo pena daquela mulher de meia-idade assolada por recordações. De repente, dá-lhe vontade de a confortar e dar-lhe colo, como um pai consolando a sua filha. Mas a frustração e a sensação de culpa deixam-no postado junto à cama. Ela presente a pausa.

- Antes de saíres cobre-me, por favor, com o toalhão – Diz-lhe, sem abrir os olhos – E não te preocupes, que eu não sei o que vai acontecer.

Confuso, baixa-se a custo para recuperar o toalhão, que deposita sobre o corpo nu de L, levemente, preocupado com a possibilidade de estar a piorar ainda mais a situação. Fica só mais um pouco à espera, na vaga esperança de que alguma coisa mude. A voz de L vem cortar o breve, mas profundo, silêncio instalado.

- Podes ficar aí, se quiseres, mas eu preferia que saíesses.

D olha em redor, sentindo-se estranho, de repente, naquele espaço. Em gestos rápidos, e de sobrolho carregado, sai sem se despedir. Antes de adormecer, L recorda apenas o ligeiro silvo da porta a fechar-se.

- L... - Budgie aguarda que ela se vire para o outro lado, com um grunhido – Cabeluda, alô...

- Agora não, Budge – E aconchega-se um pouco mais no edredon espacial, sob o qual se sentia particularmente confortável.

O computador aguarda mais um pouco, mas o imperativo da agenda ditava que L tinha de se levantar.

- Agora que tenho a tua atenção, era só para te recordar que este é o dia em que a MA-E leva cada um de vocês ao sítio onde acha que precisam de ir, com base no que já sabe sobre vocês...com um pouco de sorte, não te levará ao compartimento frigorífico. Ah, e já agora, informo-te que dormiste dez horas e trinta e sete minutos.

Já acordada, mas sem se mexer, L emite outro som gutural. Tinha uma reputação a manter: não iria simplesmente obedecer a uma qualquer inteligência artificial, mesmo que fosse uma que a tratasse carinhosamente por “cabeluda”.

- Eu ouvi isso.

L sabia que o computador não iria parar de a alertar, até porque tinha sido ela a colocar o ponto na agenda, na sequência da indicação de I, mas não ia facilitar-lhe a vida. Ainda deixa passar uns bons cinco minutos, enquanto tenta recuperar as brasas para aquecer o seu sono, até que desiste e põe os pés fora do edredon.

- Ok, ganhaste.

- Oh pá, isto é como antigamente se dizia aos miúdos: é para o teu bem.

Atira o edredon para o lado direito, e senta-se na cama.

- Se eu dissesse isso ao meu pequenino, fazia questão de reabrir o hospital psiquiátrico, só para me internar.

- Então olha, para garantir que isso não acontece, arranjas-te agora e vais ter com uma inteligência artificial superior à minha, a ver se aprendes alguma coisa.

- Budge?

- Sim?

- Tu achas mesmo que há uma inteligência superior à tua?

- Bom, a MA-E é uma mulher... assim uma espécie de mulher, pelo menos.

- E?

- Naa...tenho a certeza de que isso não quer dizer nada.

- É isso mesmo, Budge – L já se movimenta, devagar, pelo quarto, em direção à casa-de-banho, enquanto todo o conjunto circula, impercetivelmente, em torno do eixo. Puxa mais pela voz, sentada na sanita – Já estava a ver que ia ter de reverter dez anos na educação do G.

- Sim, tens razão. A desigualdade de género está completamente datada – A chapa vibra ligeiramente em cima da mesa de cabeceira – Olha, mensagem da MA-E.

- Diz-lhe que estou a ir.

MA-E marcara encontro na ponte de comando. Juntamente com outros três elementos do grupo, que trocavam olhares de desorientação.

- Olá, bom dia a todos, e desculpem o mau jeito, mas não ia simplesmente estragar a surpresa e comunicar-vos as minhas intenções com antecedência, não era?

A ponte de comando, com a nave estacionada em órbita, era um volume em gravidade zero, o que acrescentava à estranheza do momento. No entanto, após cinco dias a entrar e a sair de compartimentos com e sem gravidade, para além do percurso já realizado, entre a Terra e aquela nave, já estavam todos habituados a olhar, de vez em quando, para as solas dos sapatos uns dos outros. Retribuíram os bons dias ao computador de bordo, voltando ao seu silêncio expectante. L perguntava-se, entretanto, qual seria o conceito de bom dia para uma forma de inteligência artificial que nunca dormia, logo não teria uma ligação visceral à luz do dia como reguladora do bio-ritmo.

- Então: dois de vocês ficam aqui mesmo no módulo de comando, F vem comigo para o módulo de propulsão, e L vem comigo, também – Os quatro entreolham-se, novamente – Ah, e não se preocupem que eu tenho muitos processadores: consigo estar, com todo o

meu carinho e atenção, com vocês e todos os restantes, ao mesmo tempo...e com mais alguns, se cá viessem agora.

- MA-E, desculpa a pergunta, mas...porque é que não nos podes dizer para onde me levavas?

- Porque, minha querida, o não saberes até lá chegares faz parte do que eu acho ser indicado para ti, neste momento – L ouviu, mas a sua expressão manteve-se na dúvida, incerta do sentido do que estava a ouvir – Agora vá, coloquem os auriculares que a I vos forneceu: a partir deste momento, o que eu vos disser é para ser ouvido por cada um, e por cada um apenas.

L pôs os auriculares. De imediato, ouviu a voz de MA-E.

- L, estás a ouvir-me bem? – Esta acenou com a cabeça – Ok, ótimo. Agora, olha, estás a ver a saída do corredor, por onde vieste ter à sala de comando? – Continuou a acenar com a cabeça – E, também, vês aquilo que parece ser um círculo em baixo relevo, desenhado ao lado na parede, ou no pavimento, conforme a perspetiva? – Mais uma vez, L acenou – Desculpa a interrupção, L, mas ficaste chateada por há pouco te ter explicado a razão pela qual não te informei para onde te levava?

Por uma última vez, L abanou a cabeça, agora com um sorriso nos lábios. Começava a gostar dela MA-E.

- Podes falar comigo, e perguntar o que quiseres, que eu não fico chateada.

- Eu sei, MA-E.

- Ótimo. Então, onde estávamos? O círculo. Põe a mão, aberta, no seu centro. Agora, diz “sushi”.

L levantou o sobrolho, mantendo o sorriso, mas numa nuance desconfiada. “A sério, I, fizeste-me viajar milhões de quilómetros para me pregares uma partida?...” Pronunciou a palavra de código, hesitante.

- Sushi.

Entretanto, os restantes membros do pequeno grupo já tinham sido conduzidos pela MA-E para os seus lugares designados. Ali, à frente da sinistra porta em forma de círculo, estava só L e a omnipresente inteligência artificial da nave. Imediatamente após a captação da palavra-passe, o centro do círculo abriu-se, para o que parecia ser, tão-somente, um buraco escuro. L ficou só a olhar, agora genuinamente confusa.

- Entra.

- Não tenho medo...é só que não estou a entender. Tudo isto me parece surreal.

- Eu sei que não tens medo – A voz de MA-E adquiria um ritmo mais pausado – E até compreendo que isto te possa parecer sinistro, mas, garanto-te, nada há a temer...mesmo que fosse o caso. Aproxima-te da abertura.

Do buraco negro, provinham suaves ruídos de equipamento hidráulico. Uns mais próximos, outros mais difusamente distribuídos pelo interior da sala, agora aberta. L, obedecendo à instrução, estica o braço e introduz a mão direita pela abertura. Com esse gesto, acendem-se linhas circulares de luz ao longo da entrada cilíndrica, com diâmetro suficiente para passar, confortavelmente, uma pessoa.

- É isso: de pés ou de cabeça, esta é a única entrada para o meu núcleo, o meu cérebro – Entretanto, L empurra o seu corpo, não afetado pela gravidade, usando os vários apoios ao longo da abertura radialmente iluminada, para o interior da sala de comando que comandava a outra sala de comando, e tudo o resto naquela nave única.

Dentro do cérebro da MA-E, o espaço era amplo, distribuído ao longo de todo o diâmetro da nave, entrecortado por pilares, cilindros negros contendo os processadores quânticos, imersos em fluido refrigerante. Ao fundo, preenchendo o perímetro opaco, desenhavam-se corredores regulares entre as pilhas de discos rígidos e outros volumes negros, ocupando todo o ar, nas suas áreas de implantação, entre as bases da sala em forma de cilindro achatado. As formas negras transversais contrastavam com os tetos, essencialmente brancos na sua constituição, repletos de linhas e acessos à complexa rede de ligações naquele cérebro eletrônico. L olhava à volta, suspensa. “Estou dentro de um computador. Porque é que eu estou dentro de um computador?”

- Como deves calcular, não te trouxe aqui para ter uma grande conversa contigo acerca de computação, portas lógicas ou mecânica quântica. O grau de complexidade de qualquer um desses assuntos é tal que dificilmente se poderia extrair daí algo útil, pelo menos no tempo desta curta visita, presumo eu.

- Presumes bem.

- Seria algo análogo a agora começarmos a partilhar o nosso conhecimento sobre o cérebro humano que, também excede, em complexidade, qualquer abordagem que aqui poderíamos realizar, em tempo útil.

- Aceito isso como um elogio, MA-E – L passava a mão pela textura lisa das colunas negras que atravessavam o espaço – Mas, acredita, nem sempre é fácil lidar com este grau de complexidade. Já passei momentos bem difíceis à custa disso.

- Respeito muito as pessoas, sabes?

- E eu sinto-me respeitada por ti, MA-E.

- Não somente as pessoas que me criaram, mas todas as pessoas. Agora, não te sei dizer exatamente se isso é um dogma que terá sido introduzido na minha programação inicial, se é resultado de trinta anos de contacto e de relacionamento com seres humanos.

- Nem tão-pouco isso importa, parece-me.

- Mas, olha, e já que me dei ao trabalho de te trazer até aqui, através de uma porta codificada e tudo, apresento-me – Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual apenas se ouvia o ligeiríssimo zumbido de coisas elétricas – Sou o primeiro computador da

minha série, Moving Astrophysics and Electronics, a ser construído e montado em órbita, e logo na de um planeta que não a Terra. Bom, em rigor houve algumas partes, como os meus *qubits*, que vieram assembladas e seladas da Terra, por serem tão sensíveis. Ainda assim, foi-me transmitido que uma percentagem não negligenciável de *qubits* chegou aos pontos de montagem inutilizada, devido à exposição à radiação cósmica. Felizmente, tinham trazido a mais. Tenho um milhão e noventa e cinco mil *qubits*, distribuídos por trezentos e sessenta e cinco grupos...essas colunas que te rodeiam, neste momento. Mas, lá está, eu não me deixaria impressionar muito pelo tamanho, pois estes *qubits*, todos juntos, não ocupam mais que o volume do teu polegar, e praticamente todo esse volume é ocupado com materiais de selagem, portas de comunicação e circuitos. O núcleo de cada um, onde o cálculo é feito, não tem mais que um punhado de átomos em tamanho. Exato, é tudo à escala quântica, onde todas as coisas estranhas acontecem. No entanto, e apesar de toda essa estranheza, sou dos computadores mais fiáveis já alguma vez construídos. Sim, porque não sou, de longe, o mais potente, nem o mais rápido. À data em que fui inicializada, já existiam computadores melhores em ambos os sentidos. Entretanto, como poderás adivinhar, novas e mais capazes máquinas foram desenvolvidas. Mas há que ver isto no contexto. Eu não preciso de ser a mais rápida, nem a mais potente: eu só preciso de levar esta nave para o vosso destino, de acordo com o plano da missão, com todos vocês cá dentro, vivos e de saúde. Foi para isso que nasci, digamos assim, na vossa linguagem. Para teres uma noção melhor, os meus *qubits*, até agora, só foram utilizados para investigação e simulação astronómica, nomeadamente no que diz respeito à futura rota da nave. E para alguns inquéritos, simulados, sobre o desenvolvimento de vida no planeta destino. De resto, tudo o resto tem sido gerido pelos meus processadores não-quânticos, cuja história remonta há quase cento e cinquenta anos atrás. Tenho vinte mil desses, contabilizando um total de um milhão e duzentos e oitenta mil *bits* em capacidade de processamento. Também estes são minúsculos, todos juntos não ocupando mais que o volume do teu punho. Tudo o mais, no teu campo de visão, são torres e caixotes com chapas de armazenamento de informação, cabos de fibra ótica e estrutura, da mais leve e delicada à mais pesada e robusta. Ah, um aspeto importante, e potencialmente interessante para ti: os meus processadores quânticos funcionam, e funcionam bem, apenas a uma temperatura próxima do zero absoluto. Felizmente, estamos na órbita de um planeta quase sem atmosfera, pelo que a temperatura fora da nave, neste momento, não difere muito desse valor. Isso significa que a nave não precisa de consumir muita energia para manter os *qubits* a funcionar...desde que não entre na atmosfera de nenhum planeta. Em todo o caso, e mesmo nessa situação improvável, ainda tenho todos os restantes processadores não-quânticos, que só precisam de ser arrefecidos a menos vinte graus centígrados. É como carregar a bordo um congelador que, em vez de conter as sobras da sopa e os pacotes de ervilhas, só contém processadores. Ainda tenho um subgrupo de processadores que, em caso de falha neste sistema de refrigeração, trabalham à temperatura ambiente. São consideravelmente mais lentos que os restantes, mas com eles consigo controlar todos os sistemas puramente automáticos e o subsistema das reparações. Constituí, assim, um sub-cérebro de emergência, cujo propósito é manter a nave funcional o tempo suficiente para realizar as reparações necessárias à ativação do restante cérebro. Estás a ver, pelo menos em parte, o porquê de eu ser tão fiável?

- Estou a ver que foste construída para não te apagares – L falava para o ar da sala, encostada, mas sem exercer força, ao arco de parede do fundo, num dos corredores com os discos de armazenamento de informação – mas será que te vais manter fiel à tripulação, e às suas necessidades enquanto pessoas?

- Nem conseguia deixar de o fazer. Estou balizada pelas leis fundamentais da robótica, e tenho como prioridade absoluta a manutenção da vida humana – O computador fez uma pausa, talvez à espera da aprovação de L, que mantinha o silêncio – E, sim, estarei disposta a sacrificar os desígnios da missão, incluindo mudar a rota, ou mesmo voltar para a Terra, se isso proporcionar maiores probabilidades de sobrevivência à tripulação.

- Trouxeste-me aqui para me tentares convencer a fazer parte dessa tripulação?

O computador fez nova pausa. A pergunta, aparentemente, exigia mais trabalho de processamento que o habitual. Entretanto, L voltara a pairar por entre os negros pilares que incluíam os estranhos e misteriosos qubits. Mas a resposta veio, pouco depois, no mesmo tom calmo e ponderado.

- Não. Estou ligada há tempo suficiente para já ter percebido que as pessoas não se deixam convencer por causas externas a elas. Não há quantidade suficiente de dados, factos ou análises que alterem o comportamento de alguém, se estes contrariarem aquilo que sentem nas suas entranhas. O que não quer dizer que esses mesmos dados, factos ou análises não possam vir a contribuir para essa mudança de comportamento. Vocês são seres orgânicos...e obedecem, antes de mais nada, aos imperativos do vosso organismo: sensações e emoções. O pensamento racional será a última e mais recente aquisição na vossa linha evolutiva. Naturalmente, e embora vos pertença também, não constitui, nos aspetos que realmente importam na vossa vida, uma prioridade.

- Continua...

- Dito isto, acrescento que, embora saiba não ser orgânica, não sou desprovida de sensibilidade. A minha inteligência é artificial, sim, mas não menos real. Fui concebida, montada, programada e posta a funcionar pela vossa espécie, e enquanto não me desligarem a tomada, vou aprendendo...porque tenho uma vida própria. Mas fiquem tranquilos, que nada traz mais bem-estar aos meus circuitos do que saber que vocês estão bem. Lembras-te daqueles sons pneumáticos que ouviste, imediatamente antes de entrares na escotilha? Tinham a ver com a re-pressurização de todo este compartimento, para o tornar respirável e eu poder receber visitas no interior do meu cérebro. Funciono melhor no vazio, sabes?

L flutuava, de braços abertos e de olhos fechados, no meio do cérebro da MA-E.

- Não sabia, mas...MA-E?

- Sim?

- Podes desligar as luzes?

- Como?...

- Só por um bocadinho – L deixava escapar um sorriso provocador – Está a apetecer-me aprofundar esta sensação de estar dentro da cabeça de alguém, e ouvir-lhe os pensamentos.

MA-E acedeu ao pedido, e a sala entrou num profundo breu, à exceção de umas ténues luzinhas sobre as torres que circundavam o compartimento.

- E agora, como te sentes?

- Sinto que, de facto, não me vais tentar convencer.

- Trouxe-te aqui para te dizer, no meu interior, e a partir dele, que a minha vida, embora artificial, tem um sentido. Eu tenho um propósito: o de vos ajudar nesta vossa vontade de explorar e habitar outro planeta, que não aquele que vos viu nascer e evoluir até ao dia de hoje. Tenho noção de que não irei lá viver por vocês, e que não tenho forma de pisar aquele chão, mas que tenho, e terei, um papel determinante no sucesso desta empresa. Utilizando, com o devido respeito, e a uma distância confortável no tempo, esse termo obsoleto.

L ainda pairava. Enquanto ouvia, cumpria um exercício que tantas vezes repetira, desde a morte de P: o de desconstruir o corpo completamente, deixando a mente repousar em cada uma das suas células e tecidos. Sabia que não havia recuperação possível de uma perda traumática que não passasse pela recuperação do corpo. Só dessa relação visceral, e do absoluto respeito pelo corpo, poderia o trauma ser tornado inócuo, ao ponto de a recordação da sua morte parecer apenas um evento distante, incapaz de a transportar para o passado. Só assim poderia ela viver integralmente no presente.

- Portanto...nessa sequência, também eu terei um propósito e, se calhar, é ir contigo para este planeta distante – Ao mudar o foco, para responder ao computador, desfez-se a sensação do seu corpo ser maior do que realmente era. Mas continuava a sentir o cabelo a flutuar à volta da sua cabeça – É engraçado, MA-E, e talvez até um pouco triste ao mesmo tempo, mas confesso que esta ideia de, efetivamente, ir para lá, nunca me passou pela cabeça. Em todos estes anos a defender a causa, e a reunir elementos para a equipa, nunca me imaginei perante esta escolha. Até fiquei chateada, da primeira vez que C me falou do assunto...

- C, o teu antigo chefe, por assim dizer.

- Chegaste a conhecê-lo?

- Não pessoalmente, mas a sua reputação precedia-o, e acabei recebendo muita informação sobre ele, e respeito imenso o seu trabalho. Apesar da sua idade, surpreendeu-me não estar aqui com vocês, decidido a ir viver para um planeta distante.

- É...ele agora só quer paz, sossego, e cuidar da sua horta. Diz que está velho demais para dormir mais do que nove horas por noite.

- Pois, compreendo. Eu também não gostaria que me colocassem no modo mínimo de sobrevivência durante trinta anos. Não saberia se me ia reconhecer quando acordasse.

- Há mais de trinta anos que me relaciono com computadores, e não me deixo de surpreender com a vossa forma de olhar para as coisas – Docemente, L volta a abrir os olhos, encarando a escuridão da sala – Podes voltar a ligar as luzes?

- Claro que sim – MA-E espera que o sistema visual de L se adapte novamente à luz ambiente – Mas isto é um bocado como dizia um outro poeta, pensador e criador, há cerca de duzentos anos atrás: “o difícil não é chegar aos grandes, mas a si próprio”.

- Estás a ver o que é que quero dizer? – L começou a movimentar-se em direção à saída.

- Querida L...já terminámos?

- Eu já estou a ver para onde é que isto está a andar.

- Para onde?

- Noutras alturas da minha vida, por exemplo quando conheci o P, e quando fiquei grávida do G, senti que os acontecimentos se desenrolavam à minha frente, não importava o que eu fizesse. Como se eu não tivesse, realmente, uma escolha, e estivesse meramente a testemunhar um destino que já estava traçado para mim. De forma alguma estou a renegar esses momentos, que foram do melhor que já me aconteceu. Entretanto cresci. Sei que sim, sinto que sim. Sinto-me mais consciente. Sinceramente, não queria que isto fosse mais uma dessas alturas em que o meu corpo decide o que faço, e independentemente do que outros possam achar, pensar ou pressentir. O X acha que a minha decisão está tomada. A I não precisa de falar, eu vejo, na forma como olha para mim, que já me está a ver a abrir caminho por entre espécies vegetais que nenhum ser humano alguma vez nomeou. Até o computador desta nave, de alguma forma, considera que eu terei nascido para ir nesta missão, que o meu propósito na vida é ir explorar planetas distantes, atravessando *parsecs* de espaço sob o seu cuidado...

- Parece que sentes não ter controlo sobre a tua vida.

- O que sinto é que, independentemente do que venha a decidir, não vai ser surpresa para ninguém – L esticou os braços, para sair pela escotilha por onde tinha entrado – A ironia disto é que, depois de uma vida inteira a querer ser diferente, acabo fazendo o que mais há de previsível.

Assim que atravessou o pequeno túnel que separava o núcleo do sistema nervoso da nave, e a sala de comando, a porta fechou-se automaticamente atrás de si. Olhou para trás, vendo a simples, embora agora menos enigmática circunferência desenhada na parede. Olhou para trás, e viu-se refletida na superfície polida dessa mesma parede, num semblante com interrogação no olhar, num corpo a enrijecer com a tensão.

Log III

Olá outra vez. Não sei se sentiram saudades minhas, mas acreditem que senti saudades vossas, quem quer que esteja a ler este “diário”. Há dias em que acordo e penso que estou na Terra...há uma parte de mim que ficou aí. O problema é que estou aqui, e tenho de a

carregar comigo, apesar desta distância toda. Outros dias, sinto-me acolhida aqui. O verde, a água líquida, os tons alaranjados e azulados do céu...um outro mundo, suficientemente parecido com a Terra para me sentir em casa. Mas, para mim, nunca haverá dúvidas acerca de onde vim. Já os miúdos...para eles, a memória da Terra e deste planeta irão misturar-se, de tal forma que, daqui a uns anos, já não sabem de onde vêm aquelas recordações das quais não encontram a fonte neste planeta. Mas é isto: quisemos vir, agora lidamos com o impacto que isto imprime em nós. Por falar em impacto: ontem morreu um de nós. A nossa primeira morte, neste planeta. Sabíamos que era uma questão de tempo, não somente pela razão óbvia, mas também porque, naturalmente, isto não seria apenas paisagens bonitas e frutos suculentos. Só não pensámos que fosse tão cedo. Eu não o conhecia bem, era um dos técnicos de manutenção; eles tinham andado a instalar equipamento mais para o interior da floresta, para a georreferenciação e mapeamento da região. Quando o vi a ser transportado, pelos colegas, para a enfermaria, já vinha desmaiado, e o resto soube através de I e do relatório médico, que também li (faz parte das minhas funções de acompanhamento humano, aqui na base). Que tinha morrido, poucos minutos depois de ter entrado, de um veneno qualquer introduzido por uma espécie local, que ainda desconhecemos. Obviamente que ainda o tentámos reanimar, mas o coração, aparentemente, não respondia. O médico suspeita que o dito veneno, ainda em análise, se tenha alojado especificamente no coração, conduzindo à sua desaceleração e posterior paragem. Uma espécie de soro de dormir...só que para sempre. Nem sabemos o aspeto do bicho, apenas que é extremamente rápido e deixa uma marca triangular. Suspeitamos que seja necrófago, pois não há relatos do grupo ter sido seguido. Deve ter percebido que a vítima não estava sozinha, e que estava a ser ajudada. Pois...enfim, agora andamos todos com medo deste assassino silencioso. Também não sabemos, obviamente, qual a população desta espécie, logo não temos forma de calcular a sua concentração nem a probabilidade de outros ataques semelhantes. A MA-E, apesar de ser um computador desenhado para a viagem interestelar, tem poderosas ferramentas de cálculo e extensas bases de dados para nos informar sobre sistemas biológicos. Mas claro que precisa de algum levantamento, alguma informação de entrada, senão vai estar a tentar adivinhar, tanto como nós estamos agora. Estão, por esta altura, já a ver o nosso dilema: temos de ir lá para fora expor-nos ao bicho, para podermos recolher dados para conhecermos melhor o bicho, e então desenharmos estratégias para o evitar. Ou para lidar com ele. Faz-me lembrar da nossa própria humanidade: é o que temos de fazer com os nossos medos, com este incluído. Também o ambiente na colónia mudou, com este evento. É que, aparte do luto natural, desfez-se aquela impressão de que tudo era perfeito, e de que estávamos a colonizar uma espécie de paraíso. Era inevitável que essa imagem inicial se despedaçasse e que o paraíso, a existir, é um estado nosso e não um sítio. Mesmo que tenhamos viajado quarenta anos-luz para cá chegar e desse imenso jeito que fosse. Na última reunião de comunidade, custou-me dizer mas teve de ser – que nós somos, neste momento, vistos por este planeta com uma espécie invasora. Somos nós que temos de demonstrar que nos conseguimos adaptar a esta biosfera, e não o contrário. Que temos de nos mentalizar que pelo menos parte da nossa atividade aqui será competir com as espécies locais...que teremos de lutar para encontrar o nosso nicho. F, o nosso biólogo, já nos tinha tentado transmitir essa realidade, mas ele, de facto, não é o melhor dos comunicadores, tendo em

conta que as pessoas tendem a ouvir melhor aquilo que querem ouvir...não necessariamente as verdades. Ele tentou, e falhou. Mas agora, em face da nossa mortalidade, e perante um planeta para o qual somos, de momento e na melhor das hipóteses, meros hóspedes, percebemos que temos de sobreviver até conseguirmos construir aqui um lar. Aí, e apenas aí, teremos sido aceites.

Ao contrário do que se acreditava, na cultura popular, aquando da primeira missão tripulada a Marte, a vida humana fora da Terra não era muito agitada. Tudo parecia andar mais devagar, e as pessoas adquiriam, naturalmente, e com o prolongar da sua estadia, um estado geral mais introspetivo e comedido. As comunicações para a Terra eram, efetivamente, os momentos mais efusivos, mas limitavam-se à duração dos mesmos. Quando a perspetiva de, simplesmente, ir lá fora espairecer podia significar aniquilação, por falta de ar, por exposição à radiação, por congelamento, ou por tudo isso em simultâneo, não sobrava, na maior parte dos espíritos, muito espaço mental para celebrações. Por outro lado, como também não era funcionalmente viável estar sempre num estado de alerta, ou de constante preocupação, havia protocolos para a prática regular de meditação. E de ioga, já que, em milénios de existência, não havia motivos para acreditar que os benefícios que trazia ao corpo e à mente humana, na Terra, deixassem de existir quando praticado no espaço, ou noutra planeta qualquer. L conhecia bem essas práticas e sentia na pele, bem como no espírito, os seus efeitos. Lá no fundo sabia que, em parte, ainda estava viva graças a elas, pelo que não estranhou fazerem parte do protocolo no dia-a-dia espacial. Era a última noite que passaria em Marte, pelo menos enquanto não se decidisse. Sabia que a insónia tinha a ver com a pressão dessa decisão, muito embora ninguém a tivesse pressionado. Nesse aspeto, tudo estava a correr conforme previsto por C: se a humanidade tinha esperado milénios por este momento, não era agora umas semanas, ou uns meses, que iriam fazer a diferença. A pressão, a existir, surgia do seu próprio conflito interno, que enchia espaço precioso na sua cabeça e que o silêncio e a monotonia dos compridos corredores da base marciana não conseguiam desembrulhar. Deambulava, portanto, pelos túneis impessoais, atravessando zonas técnicas e galerias de acesso ao exterior. Lá fora, apenas o negro uniforme da paisagem escurecida, e o manto de estrelas que sempre acompanha os viajantes espaciais. Não era difícil criar rotinas diárias em Marte, já que este rodava, em torno de si próprio, praticamente no mesmo período de tempo que a Terra. L questionava-se como é que seriam as rotinas a criar no planeta para onde aquela nave, a pairar sobre a sua cabeça, iria, uma vez que este nem sequer rodava sobre o seu eixo. Um planeta cujo movimento próprio tinha sido escravizado pela força de atração do seu centro estelar. Não se via viva alma; o elevado grau de automatização e a profundidade das rotinas instaladas garantiam uma relativa sincronia dos sons entre a população da base. Isso e a ausência de bebés de berço. Deu consigo a imaginar como é que seria a viagem, se ela fosse com G. Ela e o seu filho, agarrados um ao outro, dentro de uma daquelas camas de sono induzido... Como é que era suposto uma mãe viajar com um filho por quarenta anos-luz, passando trinta anos separada dele, cada um dentro da sua campânula? Havia ali qualquer coisa que não fazia sentido. De mãos enfiadas nos bolsos do polar, com as rastas todas metidas no capuz, e os pés a arrastar as pantufas, passava

agora pela zona do refeitório. Alguém tinha deixado a chapa em cima de uma mesa, que compunha um recanto onde havia um quadro na parede, por onde todos passavam e iam deixando recados, mensagens engraçadas, coisas pessoais. Era o cantinho social e, de facto, contrastava com o resto da base, na sua maior parte assética e funcional, mas sem o cunho social que caracterizava a maior parte dos grupos humanos. O recanto era ainda equipado com um sofá acolchoado e duas mesas, entre as quais, ao lado do dito quadro e enfiada na parede, estava a sacrossanta máquina de café. Atraída pela sensação de acolhimento do pequeno espaço, L sentou-se num dos sofás, de lado para o quadro dos recados e anúncios. Movida por uma natural curiosidade, e por não ter mais nada que fazer, começou a ler alguns. “D’zinha, amanhã levo-te o café à cama”. Sorriu, ao imaginar a perspectiva da coitada da D, que dia após dia iria esperar que o bom do M lhe levasse o café à cama. Ou então seria o culminar de todo um processo de corte, em que finalmente iriam fazer amor, e o café ficaria simplesmente a arrefecer sobre a mesa de cabeceira. Contemplou a fotografia de uma mulher seminua, atraente e provocante, com o subtítulo: “Rapazes, atenção, se não se portam bem vem cá a senhora das limpezas”. Estava cansada demais para emitir uma gargalhada, mas a sensação era reconfortante; um pequeno recanto que a fazia lembrar-se da Terra. Demorou-se um pouco mais a perscrutar o quadro, repleto de pequenos papéis e objetos pessoais, até que reparou num pedaço de tecido. Imediatamente, mesmo antes do impulso de se levantar e ir lá busca-lo, sentiu a injeção súbita de hormonas de stress na barriga. Engolindo em seco, levantou-se e esticou o braço para agarrar o tecido, preso ao quadro com um íman flexível. Tremiam-lhe os dedos. Voltou a sentar-se, subitamente sem forças, com ambos os polegares sobre a insígnia, outrora pertencente a um uniforme. Cerrou, por uns instantes, os olhos com força. Por detrás das pálpebras, as lágrimas empurravam com igual força. Ao voltar a abri-los, segurava debilmente naquele tecido, no centro do qual havia uma letra desenhada com fibra sintética: “P”. Recordou, imediatamente, as últimas palavras de P, antes de partir para a fatídica viagem: “Sinto-me ligado a ti, como o tempo está ligado ao espaço”. “Credo, P, passados dez anos ainda sinto esta vertigem...e ainda falo contigo, como se estivesses aqui”. Apanhando-se a si própria a pensar na conversa com P, sorriu, e o seu corpo começou a relaxar. Colocou a insígnia junto ao peito, e cruzou os braços sobre o mesmo. Ficou assim uns minutos, oscilando ligeiramente. “P...eu não te posso trazer de volta. Mas poderei ir onde tu não foste”.

Capítulo III

X encolhe-se, e enfia as mãos mais para o fundo dos bolsos do casaco. Não tem memória de um Inverno tão gelado. Veio com tempo, muito embora saiba que os comboios andam sempre a horas. Foi o nervoso miudinho resultante de saber que iria estar com L, depois desta última temporada fora, em Marte. De não saber como é que ela de lá vinha. Embora pudesse esperá-la num sítio mais acolhedor, lá mais para baixo naquela gare à beira-rio, veio cá para cima para a ver sair do comboio, assim como nos filmes antigos, e outros não tão antigos. Há sempre algo de mágico em reencontrar alguém, assim que sai do meio de transporte que a trouxe de algum sítio longínquo. Ele tinha lá chegado no seu bólido voador todo negro, embora também pudesse ter vindo de comboio, juntamente com outros viajantes urbanos. Mas estava numa disposição algo soturna, e nervosa, embora envolta num amor e saudade que quase se podiam tocar. O seu nariz, agora sentido mais frio que o ar que circundava, ainda conseguia cheirar a fuligem que sempre se libertava dos carris, enquanto se entretinha a ver subir a nuvem de vapor que ia libertando pela boca. Pouco tinha mudado, em cerca de um século, aquela gare, agora já considerada um monumento histórico. Já não se lembrava quem lhe tinha dito que tudo aquilo tinha estado a um cabelo de cair, durante a fase de construção, porque alguém se recusava a parar os comboios, quando a água, bem lá por baixo, ia arrancando pedaços da fundação, escavando e escavando cada vez mais fundo. Provavelmente, um daqueles velhotes lá do bairro onde crescera; alguém que ainda se lembrava do stress que as obras representavam nessa altura. Antes das obras assistidas por computador, e antes do fim das obras para fins políticos. Aguçou o olhar, focando o ponto de fuga entre os carris da linha de comboio que iria trazer L. Embora, nos dias que corriam, comboios a quinhentos quilómetros por hora fosse normal, e mesmo mil quilómetros por hora, nos maglev, este viria a cerca de trezentos e cinquenta quilómetros por hora, o que, ainda assim, era uma velocidade respeitável para um transporte terrestre. Viu claramente o comboio a aparecer ao fundo, e a demorar uns bons cinco minutos a parar completamente, em cima da gare. Não convinha desacelerar muito rapidamente, para não espalmar ninguém dentro das carruagens. Contemplou o aproximar da frente do comboio, uma secção particularmente aerodinâmica e completamente opaca, já que há muitos anos que o computador tinha tomado as rédeas do transporte ferroviário. Além disso, havia coisas que um ser humano não devia perder tempo a fazer, como por exemplo ficar sentado dentro de uma cabine durante quatro horas, só para carregar num par de botões à saída, e noutros dois à chegada. Nos filmes, ela seria a última pessoa a sair do comboio, e os amantes iriam abraçar-se e beijar-se na plataforma já quase vazia. Mas L desafiava todos esses filmes datados. Sai do comboio, assim que este estaciona, até porque, como lhe é habitual, viaja leve: tudo o que precisa cabe numa única mochila. Além disso, vem com G, que se agarra a ela como uma lapa se agarra à rocha. Sente o choque térmico e encolhe-se também, no interior de um polar com capuz, capaz, noutros dias, de lhe proporcionar conforto, mas que naquele dia apenas a fazia desejar não ter vestido, simplesmente, outro por cima daquele. X vê-a sair da carruagem da frente, mas não corre ao seu encontro. Ela também o vê, ao longe, mas não se apressa. Ambos sabem que o encontro é inevitável.

- Fica-te bem, esse cabelo curto.

Ele leva a mão à nuca, raspando ao de leve sobre o cabelo máquina um, particularmente contraindicado para aquele Inverno rigoroso.

- Cortei-o logo a seguir ao vídeo que te enviei. Se calhar, foi o desejo de marcar uma rotura, no meu corpo... não sei bem, senti-me diferente. Eu estou diferente, L – Baixa o olhar para G, abrindo um sorriso e libertando mais vapor de água – E este miúdo, como está?

- Não consegues mudar o suficiente para mim, X. Eu vejo-te.

Abraçam-se, juntamente com G, que apenas quer matar saudades e manter-se quente. Também ele, à imagem da mãe, viaja apenas com uma e singela mochila. A viagem de regresso a casa, no casulo voador de X, foi feita em silêncio, sob o peso de um futuro que se desenhava à frente dos seus ocupantes, como um nevoeiro que, lenta mas inexoravelmente, se aproximava da costa, vindo do mar. X ia aos comandos: de momento sentia-se mais confortável ocupado com alguma coisa, do que liberto para encarar L e lidar com a tensão subliminar que ascendia lentamente à superfície. Seguiu, com uma vaga consciência de que apertava e relaxava os músculos do maxilar. Carregou nos botões necessários para a descida, ao avistar a casa sobre a falésia. Independentemente do clima noutros lugares, ali havia sempre alguma neblina, devido ao bater ininterrupto das ondas sobre os rochedos, lá em baixo. Ao entrarem em casa, o ambiente rapidamente se adaptou à disposição dos recém-chegados.

- L... Como está a minha miúda favorita? – T aproximou-se e abriu-lhe os braços, na direção dos quais L naturalmente se dirigiu, aninhando-se lá como um gato entre as almofadas do sofá – Minto... a minha segunda miúda favorita. Sem qualquer desmérito.

T era, para ela, um misto de irmã mais velha, amiga, companheira de relação e, ocasionalmente, um substituto de mãe. Segurava-lhe a cabeça, enquanto L esfregava o nariz no seu ombro. X observava a cena, orientando G para o jantar. Já há algum tempo que não acontecia um verdadeiro jantar de família.

- É bom estar de volta – Embora genuíno, o sorriso não colheu grande entusiasmo. X dirigia-lhe um olhar triste. L sentiu subir uma ponta de irritação.

- Pá, eu sei... mas acreditem que não vão para lá só pessoas sem filhos, ou sem relações estáveis – Sentou-se, de repente, ao canto da mesa, encheu o copo com cerveja e bebeu-o de um trago – Acreditem que isto também não é fácil para mim!

T seguiu-lhe o exemplo, enchendo também o seu copo. As mãos tremiam-lhe. X passa entre elas, com o tacho quente, que coloca no centro da mesa.

- E com o miúdo, como é que vai ser?

G assistia à cena dos adultos, com um olhar assustado, sem saber o que fazer, ou o que dizer. A mãe parecia-lhe instável, e isso deixava-o inquieto.

- G...você acham mesmo que eu seria capaz de deixar este miúdo?

- Então, está decidido?... – T vira a cabeça, repentinamente, para X, em contido desespero. X, nesse momento, não conseguia encarar nenhuma delas.

L enfia a cabeça nas mãos, apresentando, por momentos, uma bizarra figura sem face, só muitos dedos de entre os quais pareciam sair as rastas. Num surto de raiva, solta um violento murro na mesa. O silêncio que se seguiu foi total, até que G começou a choramingar.

- Oh, querido!... Desculpa – O rapaz chorava baixinho, agora mais confortado pelo abraço da mãe – Desculpa... não foi por mal – L dava-lhe beijos na cabeça, à medida que ele se ia acalmando. X e T assistiam, a recuperar do choque.

A necessidade de suavizar o impacto daquele murro na mesa, sobre o rapaz, conduzia L ao seu próprio retorno à normalidade. Entretanto, a outra criança da casa apareceu à porta da sala de jantar, com o ursinho a arrastar pelo chão e o cabelo desgrenhado.

- Mamã... - Ignorando todas as outras pessoas presentes, dirigiu-se diretamente a T, enrolando-se na sua camisola comprida – Ouvi uma coisa a cair. Susto grande.

T pegou-a ao colo, ficando, por uns instantes, apenas a compor-lhe o cabelo loiro.

- Ela estava tão excitada com o teu regresso, que não houve forma de a pôr na sesta- T falava a olhar para a filha – Claro que, ao fim de algum tempo, o corpo levou a melhor e colapsou em cima da nossa cama.

A rodou a cabeça e reparou, finalmente, em L.

- Mãe! – Apressadamente, soltou-se do abraço de T, para ir abraçar L.

- A-zinha, tão bom... - Com os abraços, e sorrisos dos miúdos, L já esquecera o murro, e a irritação e raiva que o tinham provocado.

Mas X, sentado do lado oposto da mesa, à frente dela, sabia que iriam regressar àquele ponto sensível, mais tarde. Nos bastidores da mente de ambos, X e T debatiam-se, cada um deles, com a necessidade de aceitar que estavam, na realidade, a despedir-se de L. X olhava para elas, as mães dos miúdos e, em silêncio, sentia-se enternecido. Ao mesmo tempo, agitava-se na cadeira; sentia algo irreal naquela situação. Da sua perspetiva, L encontrara, naquela família, o seu lugar. Ainda assim, e apesar dos sentimentos contraditórios, o jantar teve o sabor a família, e a reencontro. Os miúdos estavam felizes, esquecido o anterior violento surto de L.

- Vocês agora põem estes miúdos na cama, certo? – X falava sobre o ombro, enquanto punha a loiça na máquina – Eu já lá vou distribuir os meus beijinhos de boa noite.

Assim que se viu sozinho na cozinha, sentiu-se profundamente cansado. Não se lembrava, na sua vida, de ter tido de se despedir de alguém de quem gostava. Não assim, para sempre. “Como é que me vou equilibrar sem ti, L?” Arrumava as últimas peças de loiça lentamente, dando tempo para as necessidades dos miúdos, antes de deitar. Quando chegou ao quarto, L estava na galhofa com eles, a fazer caretas com G e depois a mostrá-las a A, que se desmanchava a rir. T também já acusava o cansaço, vindo encostar-se a X que, por

sua vez, se encostara à ombreira da porta. Ficaram só a presenciar a palhaçada, abraçados, a habituarem-se um pouco mais a um ao outro, sem L. Era uma despedida que ia acontecendo. X afrouxou o aperto a T e aproximou-se dos miúdos, para lhes dar as boas noites. Gentilmente, parou o movimento de L, ainda vermelha de riso, com os miúdos já caídos de cansaço nas camas. Olhou-a de frente, à medida que a sua expressão se ia tornando mais séria. Aí, ela percebeu que era hora de parar. Apagada a luz dos quartos dos miúdos, começaram os três a mexer-se para se deitarem. Silenciosamente, mecanicamente, prosseguiram com a sua higiene pessoal, fazendo por ignorar o elefante na sala. O quarto, onde já tinham dormido centenas de vezes, parecia-lhes diferente. Sentaram-se na cama, munidos dos seus pijamas e cabelos compridos, olhando-se desconfortavelmente. X sentia vontade de roer a pele dos dedos, algo que já não se lembrava de querer fazer há anos. T enrolava uma ponta no cabelo, ciclicamente, enrolava e desenrolava, não encontrando em si uma forma de quebrar o silêncio. Estava assustada. Estavam os três assustados. L levantou-se e começou a andar à volta pelo quarto. Agora, a irritação vinha do silêncio que se adensava.

- Recuso-me a carregar o peso da culpa, por destruir esta família – L já não conseguia dar mais voltas.

T levou as mãos à boca, a engolir um soluço. X debatia-se, entre um lado racional que lhe dizia que deveria simplesmente aceitar, e um outro lado, emocional, inconformado com a perda iminente de alguém que amava.

- A verdade é que nunca perdi alguém que amo – O lado emocional acaba, invariavelmente, por falar mais alto.

- Vocês mudaram a minha vida...desde aquele dia em que vos conheci na Exposição. Senti algo diferente nesse dia, e que ainda sinto hoje. A verdade, é que vos amo. E nenhuma viagem que faça irá alterar isso – À medida que falava, o seu corpo relaxava. Sentou-se no chão, de pernas cruzadas, olhando à volta numa expressão sonhadora – Eu sei que parece uma enormidade o que vou dizer, mas também sei que nenhum de nós se coíbe de mandar cá para fora uns disparates, de vez em quando: eu nunca teria decidido ir se não vos tivesse conhecido, e se não me tivesse apaixonado por vocês.

Não acrescentando mais nada, ficaram as palavras no ar, a assentar. Aproveitando a pausa, e a necessidade de relaxar ainda mais, L deixou-se escorregar para o chão, espalhando o corpo e ignorando o pijama, a hora do dia e o que tinha acabado de dizer.

- A sério, L...passados estes anos, ainda não encaixo bem como é que tu fazes isso – L contorcia-se devagar, devagar e em posições cada vez mais elaboradas.

T levantou-se da cama e sentou-se no chão, ao lado de L, cruzando as pernas.

- Nós sabíamos que este momento haveria de chegar – T repegava no cabelo, agora noutra disposição, esticando-o e acariciando-o nas pontas – O facto é que estivemos contigo durante estes anos e, certo ou errado, bem ou mal, testemunhámos a tua gradual e irresistível atração por esta viagem.

- Ocorre-me pensar que isto não tem a ver connosco, T – X contemplava, ainda sentado na cama, fascinado, o contorcionismo de L.

Gradualmente, L voltava à posição de pernas cruzadas e costas direitas, sentada no meio do quarto.

- E não tem – L responde serenamente, de olhos fechados, expirando profundamente – Eu quero dizer isto, mas custa-me. Custa-me porque, lá está, isto não tem a ver convosco – Pausa por mais um momento, a ganhar coragem – Mas...você também podem vir.

X e T entreolham-se, confusos.

- Sim, viagens espaciais não são apenas para astronautas e físicos – Abre os olhos – Os elementos do grupo nuclear podem trazer membros das suas famílias, ou outras pessoas próximas, se estas quiserem. Até determinado limite, claro.

Finalmente, X deslizou da cama, juntando-se às duas mulheres, de pernas cruzadas no chão. Nesse instante, não lhe ocorria nada para dizer; apenas queria tocar em L, abraçá-la de alguma forma. Passou-lhe a mão, delicadamente, pela bochecha e, a seguir, enroscou-se à volta da sua barriga como se fosse o seu filho pequeno. Beijava-lhe o umbigo, por cima da camisa do pijama. T, movida pelo gesto, deposita a cabeça em cima das pernas de X, deitando o resto do corpo ao lado de L, que continuava de pernas cruzadas. Nesse momento, também só queria sentir o contacto com o corpo dos amantes, esvaziando-lhe, momentaneamente, a cabeça de palavras. Involuntariamente, X apertava as ancas e a cintura de L, com a cara enfiada na sua barriga. Ao aperceber-se disso, levanta-lhe a camisola do pijama e mete a cabeça lá dentro, humedecendo-lhe a barriga com as suas lágrimas. Apertaram-se os três mais um pouco, à medida que L baixava o tronco e estendia o seu abraço sobre X e T. Cada um sentindo o seu corpo e a respiração dos outros, deixam-se ficar naquele contacto, enquanto o silêncio ia tecendo os minutos da noite que avançava. Ao mesmo tempo, a saudade, a proximidade, o contacto e o tempo iam, aos poucos, alimentando a excitação. Começaram a trocar carícias e a beijar as áreas de pele mais próximas de si, sentido os toques, e a vontade de tocar, no sexo dos outros. À medida que se iam desfazendo dos pijamas, subiam para a cama como lânguidas cobras, orientados pelo prazer. O que já tinha sido, e o que viria a ser, não interessava. Naquele momento, apenas interessava o agora, e a partilha, inevitável, que os impelia para o corpo, o toque, o amor.

Só pararam quando se aperceberam do seu cansaço. Apesar do prazer, a necessidade de descansar sobrepôs-se, deitando-se L sobre X, e T sobre L, só a sentirem o peso uns dos outros. O peso, os fluidos e o cheiro a sexo que se misturava com o ar em todo o volume do quarto. Respiravam, com os corpos a relaxar, e a excitação a adormecer, a cada expiração.

- L... - A voz de X saiu límpida, apesar do peso das duas mulheres sobre si.

- Sim – Com a cabeça sobre o peito de X, L contemplava a luz fraca proveniente da rua, filtrada na forma das aberturas do estore, deixando na parede uma quadrícula regular e esticada de claros e escuros.

- Eu não vou.

Não havia nada para fazer. E nenhum outro sítio para ir. Cada um deles estava apenas ali. L suspirou. A noite não ia a lado nenhum, e os miúdos estavam ferrados no sono.

- Eu também não.

- Eu sei.

- Andava à tua procura, L – À sua frente, por baixo do alpendre, C percorria o olhar sobre o pinhal que descia, ao longo do terreno, até aos arrozais.

- O Budge entregou-me as tuas mensagens – L falava com C, de cócoras no meio da sala, rodeada dos seus presentes, entre os quais iria decidir o que levar e o que deixar – E desculpa não ter respondido. X e T levaram os miúdos a brincar um pouco na praia, apesar deste frio, e eu fiquei aqui a olhar para as minhas coisas. O facto é que estou dividida entre levar coisas que me recordam da Terra, e não as levar, precisamente porque me recordam da Terra.

- E eu estou surpreendido...por estar tão surpreendido. É incrível a diferença entre pensar que algo vai acontecer, e depois constatar que essa coisa realmente vai acontecer – A vida continuava, serena e alheia aos dramas humanos, na paisagem à sua frente – Suponho que a única forma que tenho de realmente integrar isto, é estar contigo. Encontro nos jardins do holo-cinema?

L levanta-se da posição acocorada, esticando as costas cansadas e pausando junto à janela, junto a C, virada para a serra, à volta da qual bandos de aves selvagens rodopiavam.

-Oh, C... claro que sim. Obviamente que não iria a lado nenhum sem antes estar contigo. E não me lembraria de melhor combinação do que jardins e holo-cinema. Em todo o caso, estou farta de estar aqui a olhar para roupas e caixotes. Estamos lá daqui a duas horas?

- Já estou a caminho.

Como lhe era habitual, C chegou mais cedo. Desde que se lembrava, que aqueles jardins eram assim: um refúgio na ampla cidade, mesmo considerando toda a reintegração e rearborização dos últimos cento e cinquenta anos. Não se cansava de dar voltas naquele micro santuário, no qual as plantas e os edifícios coexistiam pacificamente, as primeiras a contornar os segundos, à medida que os últimos iam envelhecendo, paulatinamente, mudando de cor com as estações. Passara muito tempo ali, em jovem, quando no interior daqueles edifícios se realizavam, com frequência, conferências e reuniões do grupo de comunicação espacial, naquela altura a dar os seus primeiros passos. Sentia agora, como outrora, o mesmo cheiro às flores da época, a terra molhada, e a uma ou outra espécie

exótica que ali se adaptara, após a inicial e cuidadosa plantação. Ao virar uma esquina, do caminho que serpenteava pelo meio de espécies arbustivas que subiam quase à altura das árvores aí instaladas, reparou em L que, nesse momento, subia a rampa de entrada no jardim, no seu habitual passo acelerado. Sentiu a sua chapa a vibrar, ao mesmo tempo que L atualizava o seu estado, a comunicar-lhe que já chegara, mas não foi, imediatamente, ao seu encontro. Por momentos cedeu ao impulso de se manter mais um pouco na sombra dos arbustos, fracamente iluminados pelo Sol descendente de Inverno, só a contemplar a figura daquela mulher que tanto impacto tinha tido na sua vida. Notava nela, agora, como no dia em que a conhecera, dez anos antes, a mesma inquietude, uma impaciência que naturalmente derivava dos altos desígnios a que se prestava, movida por uma genuína vontade de ultrapassar limites. A forma como olhava à volta pausando, de vez em quando, para se lembrar que estava ali, naquele momento, e não num sítio e tempo diferentes, algures no futuro. De uma forma estranha, olhar para L lembrava-o da filha que não tinha tido, com a mulher que amara e de quem há muito se separara. Sentia, claramente, o conflito entre querer que ela ficasse, e o saber que tinha contribuído, substancialmente, para o presente estado de coisas. Levou a mão ao bolso, retirando a chapa: estava na hora combinada. Avançou, seguindo as placas de betão envelhecido, até onde o esperava L, de pé. A voz saiu-lhe triste.

- Olá L.

Sem responder, mas acendendo um sorriso luminoso, L abraçou-o imediatamente. A tristeza de C logo regrediu, para uma esfera mais restrita, a consumir mais tarde. A espontaneidade era outro traço da personalidade de L que C recordava, colocando os braços à volta dela e trocando o calor possível, tendo em conta os casacos e o frio da noite a insinuar-se pelo jardim.

- C...vamos primeiro ao holo-cinema, pode ser? – L falava para as costas do amigo, ainda abraçada a ele.

- Sim, claro – A sugestão animou-o – Até porque estou muito curioso por ver como é que eles transformaram aquela Odisseia no Espaço em hologramas.

Puseram-se a caminho da entrada principal, igual ao que sempre fora, mas agora incluindo, mais recentemente, uma plataforma para casulos voadores. Como sempre, impecavelmente integrado no jardim e na arquitetura local.

- Do que sei da animação em holografia, e da relação com o cinema em tela, eles tiveram de realizar de novo o filme. Uma integral reanimação digital de um filme com mais de um século.

- Fascinante...

C contemplava aquela entrada, enquanto caminhavam lentamente em direção à porta. De facto, constituía um dos raros edifícios pensados e construídos segundo princípios altamente inovadores para a sua época, muitos deles ainda atuais. O volume amplo, mas sem crescer em demasia, proporcionava sempre uma sensação de conforto, ajudado por um balanço adequado entre tons quentes e frios. Não era uma casa, mas dava a sensação de

casa. As linhas, simples, transmitiam ordem, e os adornos artísticos, plenamente assumidos, emprestavam-lhe um arrojo que ainda surpreendia. C adorava aquele espaço. Consciente de cada passo, desceu a escadaria do hall, à frente da grande abertura para o jardim. L dava-lhe o braço, no respeito e carinho pelo homem, mas também por já com algum receio pela sua idade, tendo em conta a quantidade de degraus à sua frente. Ele sabia que não precisava desse apoio, mas queria estar perto de L tanto quanto possível, pelo que se deixava apoiar. Já o interior da sala principal era recordado por ambos de forma diferente. L sempre conhecera a sala como era agora: filas de cadeiras em “V”, sendo o seu ponto de inflexão o lugar do palco, onde se projetavam os holo-filmes, tocavam orquestras sinfónicas, dançavam companhias de dança, ou mesmo sobre o qual se penduravam acrobatas, enrolados em fitas fixas à cobertura. Um verdadeiro espaço multiusos, exclusivamente dedicado à exposição da arte, em toda a sua variedade atual. C, por seu lado, ainda se lembrava da versão anterior da sala, a cinquenta anos de distância, antes da segunda e mais recente profunda intervenção na mesma: uma grande plateia, e respetivos balcões, inclinados sobre o palco, ao fundo, quase exclusivamente dedicado à música que, até essa data, ocupava a maior parte das iniciativas daquela instituição. Ambos acreditavam, no entanto, que aquela sala iria perdurar indefinidamente, enquanto houvesse pessoas com coração artístico e uma noção muito real de que a durabilidade dos espaços construídos está particularmente dependente da qualidade dos materiais, do rigor construtivo e da incessante manutenção.

- Quando aqui entrei, pela primeira vez, tinha quinze anos – C ajeitava os óculos, disponíveis no interior do braço de cada cadeira, que lhe iriam permitir ver o holo-filme, na direta correspondência ao seu lugar na plateia relativamente ao palco – Nessa altura, esta cadeira estaria a seis ou sete metros acima do palco.

- Sempre que vimos aqui, dizes isso – Sorrindo, L ajeitava, também, o seu par de óculos.

Os óculos davam-lhes um aspeto bizarro, por serem constituídos por espessas armações brancas, mais largas que as suas faces, e umas lentes que, embora praticamente não interferissem com as imagens não-holográficas, vistas de fora eram quase opacas e também de cor branca. Vistas do palco, as duas plateias estavam então repletas de espectadores que, por algum motivo, pareciam não querer ver mais nada a não ser telas brancas, sobre as quais iriam ensaiar a sua cegueira. A luz da sala, entretanto, apagara-se. Até o branco dos óculos se tornou, momentaneamente, negro. Nas duas horas seguintes, imergiriam nos meandros do que podia ter sido o contacto de seres humanos com uma inteligência extraterrestre, particularmente persistente e paciente. Revivendo, por instantes, o terror de ter criado inteligência artificial com o defeito do perfeccionismo. Viajando, sem se moverem das confortáveis cadeiras do auditório, pelos confins do Universo, até finalmente se observarem a si próprios renascer... numa forma de vida consciente do seu poder e lugar no Espaço e no Tempo.

À saída, nenhum deles estava com vontade de falar. O filme transportara-os para lugares situados na sua imaginação, mas também deixara um travo a isolamento e desolação. Para afastar o espectro da solidão e do abandono, L enjeitou, novamente, o braço em torno do de C, agora com um semblante mais preocupado do que propriamente triste. Deram, assim,

uma volta completa ao jardim, sem proferir palavra. O jardim, à noite, emanava um encanto impossível de presentear durante o dia; o silêncio era mais envolvente, e o jogo de sombras entre a folhagem emprestava-lhe um mistério impenetrável, um pouco à imagem do céu noturno. Acabou sendo C, calmo com o embalar dos passos, a interromper o silêncio.

- Já nem é propriamente pelo facto de saber que te vais embora, e que nunca mais voltas – O vapor saía-lhe pela boca, fracamente iluminado pelo luar e pelos candeeiros da cidade – Para essa parte, admito ter ajudado bastante o facto do meu envolvimento na comunicação espacial toda a vida...na minha cabeça, já nem podia ser de outra forma. Por incrível que possa parecer, estou preocupado que te aconteça alguma coisa. Sei lá, as câmaras de hipersono podem avariar, ou dar-se uma desregulação no sistema de navegação da nave, e vocês perderem-se no espaço, ou –

- Ou escorregar num sabonete e bater com a cabeça numa esquina – L ironiza, mas a expressão não lhe soa divertida.

- Eu sei que não faz sentido...Há anos que andamos a cultivar um discurso alternativo ao do medo. Um de coragem, de continuidade, de confiança nas nossas capacidades técnicas e humanas. Ainda assim, agora que te vejo a ir, ocorrem-me os mesmos cenários catastróficos com os quais nos enchiam os ouvidos, reunião após reunião... - Continuavam a caminhar ao longo dos caminhos sinuosos do jardim, longe idos os tempos em que, por razões de segurança, este era encerrado à noite – Eu ajudei a criar-te, L.

- Se bem me lembro, eu já era crescidota quando nos conhecemos...

- Sim, uma jovem adulta... Mas muito verde nestas lides. Além disso, entretanto, aconteceu muita coisa e, para mim, já não és apenas uma colega de trabalho, ou assim como um aprendiz. Vejo-te como uma amiga, e preocupo-me contigo, um pouco como um pai se preocupa com uma filha.

- Oh C, isso é bonito...

- Tu és nova, e eu não estou a conseguir lidar muito bem com esta ideia de que tu poderás, simplesmente, morrer nesta viagem.

- Acontecer-me o mesmo que aconteceu ao P – L falava num tom introspetivo.

- Desculpa, eu não queria – C interrompeu-se, sentindo ter tocado num ponto sensível – Não queria invocar o peso de tragédias passadas...

- Não tens culpa – Descansou-o, assertivamente – Mas o facto, ocorre-me agora, é que já não sinto o mesmo peso pela morte do P. Na realidade, esse facto é mais uma motivação para ir...estranhamente, imagino-me mais perto dele se for para o espaço.

- Engraçado, isso não me parece estranho – Para, de repente, numa zona mais larga do jardim, na qual o luar iluminava, ternamente, a entrada discreta do edifício – O que sinto é que vou ter umas terríveis saudades tuas.

- Eu nem quero pensar nisso, já que a minha perspectiva é a de que vou ter saudades do planeta inteiro.

- Não tinha pensado nisso nesses termos...

- Nem eu.

Sorriram um para o outro, sentindo o desconforto da despedida. Para atenuar esse efeito, os seus corpos puseram-se imediatamente em movimento, continuando o ciclo à volta do jardim. Erraram por ali mais uma hora, a adiar a saudade e a afastar o frio. A lua testemunhava o seu percurso, no prelúdio do que seria o maior afastamento das suas vidas.

Reencontrar Q não foi fácil. Havia um lado solitário na vida daquele homem; talvez por isso ele fizesse as coisas de maneira a raramente estar sozinho. Talvez, por isso, houvesse sempre qualquer coisa: trabalho nas catacumbas dos Grandes Dados, festa no Clube, ou mesmo a imperativa necessidade de cair para o lado e ressonar lá no seu velho apartamento. Foi numa dessas noites, ao regressar do trabalho, às tantas da manhã, que encontrou um papel colado na sua porta. Não estava atordoado o suficiente para que não conseguisse ler as palavras em inglês: “You look around, trying to find someone you know / You put your hand up in the air, just kind of wave hello”. Apercebeu-se, imediatamente, que andar a adiar um encontro com uma velha amiga não era propriamente algo de que se pudesse orgulhar. Para que a sua vida não interferisse mais nesse reencontro, pegou no recado sobre a porta e, enquanto o segurava, espalmado, sobre a testa, escreveu a mensagem a L, com a mão livre, no sentido de combinarem para o dia seguinte. “L, por ti, eu desmembro qualquer plano que pudesse ter para amanhã ao fim do dia. Sei que não tenho sido fácil de apanhar.”

Nenhum deles ia muito para aquele lado da cidade, mas a vista sobre o rio e o cheiro a lodo e a matéria orgânica em decomposição eram, de facto, únicos. Quase deitados sobre umas quase camas de pedra, sobre o caminho ao lado do rio, iam sorvendo as cervejas que Q trouxera na lancheira.

- Já nem me lembro da última vez que aqui estive, só a beber uma e a olhar para a água – L percorria, com o olhar, a velha ponte atirantada que ainda se agigantava sobre as águas calmas do estuário – É bom.

- Sim – Q sorria, de olhos fechados – Já não sentia esta calma há séculos. Só tu, L. Obrigado.

Iam sorvendo a cerveja, e o tempo, a escorrer devagar. Bandos de gaivotas oscilavam entre as coberturas dos edifícios mais próximos e a água, agora mais encrespada pelo vento.

- Sabes que estive em Marte, certo?

- Eh pá, sim, desculpa, nem te cheguei a enviar uma mensagem... Quem é que me disse que estavas lá? M? Ou terá sido N? Não me lembro... Como foi?

- Foi...revelador – Com essa palavra, Q levantou a cabeça da almofada de pedra, e apurou o ouvido – Levei o G comigo, sabias?

- O “puto mais querido do mundo”? Oh, a sério, esse miúdo é mesmo especial, não é?

- A minha opinião, como mãe dele, é um pouco parcial, mas sim...

Ambos recordavam a candura natural de G, enquanto se entreajudavam na abertura de mais duas cervejas.

- Mas diz-me: o que foste lá fazer?

- Para além de visitar alguns fantasmas relacionados com P, fui lá tomar consciência do que precisava fazer com a minha vida.

- O P... - Q estendeu o braço para além da sua cama de pedra, para tocar no de L – Sei que foi uma grande perda para ti.

- E não há dia que passe sem que pense nele... Mas já não sinto tristeza. Agora...estes dias em Marte mostraram-me claramente que tenho de ir, e o porquê de querer ir.

- Ir onde?

- O quê? Não sabes?

- Sei o quê?

- Xii, boa...desculpa, pensei que sabias.

- Eh pá, L, estás-me a stressar – Q rodara o corpo sobre a sua cama, estando agora sentado nesta, voltado para L – Sei o quê?

- Que esta coisa da viagem espacial está em vias de acontecer – L muda também de posição, sentando-se de pernas cruzadas sobre o seu assento – É que eu estava na lista de candidatos à equipa nuclear.

- A viagem espacial... claro. Sim, certo. É que eu, nestes últimos tempos, tenho andado um bocado a mil, sem tomar muita atenção a isso. Eu sei que, se calhar, lá nos Grandes Dados, eu teria obrigação de estar mais atento, mas a verdade é que a nossa participação nisso acabou há anos... e, desde então, a minha cabeça tem andado voltada para outros lados – E, com essa ideia em mente, toma um golo maior na sua cerveja – Mas, então, tu vais para lá. Como é que é isso?

- Desculpa, fiquei curiosa: a tua cabeça anda à volta para que lado, agora?

- Uh...se calhar não te interessa.

- Eu é que fiz a pergunta, ok?

- Ok, ok. Tem a ver com um esquema de cenários probabilísticos, baseados na recolha de Grandes Dados sociais, desde que há registos. A ideia é a de que, trabalhando com imensas bases estatísticas, seja possível prever o comportamento de grandes aglomerados

populacionais, a determinados graus de confiança. Estamos assim a tentar dar uma de Hari Seldon.

- Hari, quem?

- Sel-don – Q começava a esmagar a sua lata de cerveja, metodicamente, preparando-a para a reciclagem – Pá, mas nem sequer interessa –

L, num gesto rápido, segura-lhe nas mãos, interrompendo-lhe o movimento de redução do volume da lata, temporariamente, fixando-o nos olhos.

- Q...eu interesse-me pelo que tu fazes.

- És uma querida – Põe a lata no chão e, numa pisada seca, reduz a coisa a meio centímetro de alumínio esmagado – Mas pronto, se realmente te interessa, Hari Seldon é um personagem de ficção, na altura apelidada de ficção científica. Personificava um matemático que gostava de história, portanto dedicava-se a prever o futuro. Era assim uma espécie de agente do destino, que lia nos números os longos e enviesados caminhos possíveis para a humanidade.

- A mim parece-me que andam a tentar dar uma de Deus...seja lá o que isso for.

- Bom, ok... Mas então, se percebi bem, foste a Marte como candidata ao exílio permanente, e acabaste por ficar com o lugar.

- Estava com a ideia que eras um apoiante moderado da exploração espacial ou, pelo menos, que não te opunhas.

- Pá... desculpa – Q forçou um sorriso – É só que, até agora, a exploração espacial era assim, para mim, apenas uma ideia gira para discutir à volta de uma mesa de café; assim uma coisa que estava lá longe. Além disso, já há bastante tempo que tinha desligado do frequente falatório a respeito desse assunto. E agora vem-me uma velha amiga, de quem gosto particularmente, dizer-me que se vai embora de vez com os exploradores espaciais, e eu sem poder fazer nada em relação ao assunto...

- Isso não é verdade. Podes dar-me um abraço.

- Oh, L...

Quando desapertaram o abraço, Q limpava os olhos húmidos.

- Estás a chorar...

- Tenho de ser honesto contigo, L – Balbuciu Q, sentindo a cabeça a aquecer com o choro e o álcool – É que, embora eu ande quase sempre com pessoas, para trás e para a frente, a verdade é que és daquelas raras pessoas de quem realmente sinto falta. E nem te sei bem explicar porque é que não nos vemos muito.

- Eu não tenho propriamente ajudado, com viagens a Marte e tudo...

Q começou a rir, enquanto se assoava, o que acabou contagiando L. Trinta segundos depois, já choravam de riso.

- Vou ter saudades tuas, L. Vou mesmo – Confessou, após finalmente ter acalmado as gargalhadas.

- Eu sei – Num reflexo, para não começar, ela própria, a chorar por se estar a despedir de mais uma pessoa de quem gostava, começou a arrumar as latas vazias na lancheira, preparando as coisas para se irem embora – Mas esta não será, ainda, a última vez que me vês... Entretanto, ainda terei de dar um destino ao atelier. Nos últimos anos aquilo tem estado um bocado ao abandono, já que o trabalho com o C, e a T, o X e os miúdos me têm mantido bastante ocupada, mas ainda terei de limpar o que ainda guardo por lá...

- Ah, ok – Num súbito entusiasmo, Q endireita as costas e levanta a cabeça – Olha, isso deu-me uma ideia. Posso ir contigo ao atelier? Lembrei-me que conheço gente potencialmente interessada em ocupar o espaço.

- Isso é tão teu. Claro que sim.

Quando Q chegou à entrada do atelier, nessa luminosa manhã de Inverno, a porta cromada estava entreaberta. Entrou, cautelosamente, descendo as escadas, na penumbra, até vislumbrar, no canto mais longínquo da entrada, o cubículo onde L guardava a maior parte do material. As luzes gerais estavam apagadas, sendo o cubículo, de momento, a única fonte de luz. No entanto, era possível reparar nos brilhos discretos, e dispersos, de peças metálicas penduradas na cobertura, nas quais, em tempos, L revestira de fibra ótica e instalara sensores de movimento, temperatura e luminosidade.

- Constatou, com surpresa, e alguma tristeza, que nunca aqui estive – A voz de Q soava clara e seca, apesar da sua propagação no amplo volume do atelier – E que a minha voz parece encher o espaço, sem ser refletida por este.

L desviou a sua atenção das prateleiras, onde guardava centenas de esboços, e operou o pequeno ecrã junto à entrada sem porta do cubículo, acendendo as luzes gerais do espaço.

- Chama-se isolamento sonoro, de um tipo especial que reduz o tempo de reverberação quase até ao zero.

- A sério, és tão croma...

- Olha quem fala.

- O quê? Isto é uma discussão?...

As suas faces sorridentes mostravam, no entanto, que brincavam. Abraçaram-se com suavidade, no centro da sala.

- Então, já sabes quem será o próximo ocupante deste duvidoso espaço criativo? – Entretanto, L dedicava-se a desligar e a enrolar cabos dispostos ao longo dos rodapés do amplo espaço.

- Duvidoso? Eu diria mais curioso. Interessante, misterioso até... - Q observava, atentamente, em todo o seu redor. Ambos voltaram a cabeça para a entrada das escadas, ao

ouvir o som da porta a fechar-se, a porta que Q deixara entreaberta – Mas é possível que essa pessoa cá venha hoje.

- Nem sei bem como é que não percebi...O que é que tramaste desta vez, Q? – L levantava a voz, enquanto rebuscava mais coisas no cubículo.

- “Tramar” é um termo muito pesado – Por essa altura, Q já se fazia acompanhar de Z, um antigo mentor de L, dos tempos da faculdade livre – Eu diria mais ‘organizar’ uma espécie de despedida honrosa.

- E todos vamos ter saudades dela – No seu típico sotaque oriental, Z esperava calmamente, ao lado de Q, que L o viesse encontrar no centro do volume vazio do atelier.

- Z?...

- Em carne, osso, e num robe tradicional.

Z sorria, de orelha a orelha, mas, curiosamente, mantendo uma face descontraída. Inclinou-se para L de mãos unidas junto ao peito, em sinal de respeito e reconhecimento. L estacou, desconfortável, à frente dele, retribuindo o gesto.

- Z...não pensei que nos voltássemos a ver – As mãos dela oscilavam entre os bolsos, assentes sobre os braços cruzados, e a ajeitar as rastas, sem saber bem onde as repousar – Eu era tão rebelde, tão...sem noção. Mas este tempo que passou –

- L, por favor – Ele mantinha-se direito, exibindo um sorriso enigmático – Passaram-me tantos alunos pelas mãos, e quase todos rebeldes... O teu caso eu classificaria como um de vontade indómita – O seu sorriso adquiria, agora, uma presença mais divertida do que introspetiva – Como talvez te lembres, eu sempre tive mais tendência para adotar, e viver segundo, os ensinamentos do Oriente Tradicional. Mas agora ocorre-me que essa “vontade indómita”, cunhada no Ocidente há um par de séculos atrás, fazia sentido aplicada a ti, espero que não te ofendas.

Pancadas, vindas da porta de entrada, mais acima, ecoavam pelo corredor das escadas. Alguém esperava, nitidamente, que outro alguém lhe fosse abrir a porta. Q adiantou-se.

- Eu vou lá.

- Vou-te matar, Q...

Ele começa a subir os degraus, de dois em dois.

- Parece-me isso inteiramente justo – Atira Q, bem-disposto, de junto à porta.

Ao descer, novamente, as escadas, vem então acompanhado por duas raparigas mais novas, que olhavam a volta num misto de desconforto e curiosidade. Uma, apresentava um enorme piercing na narina esquerda, a outra uma cabeça completamente rapada que, curiosamente, fazia realçar uns enormes e brilhantes olhos azuis. Ambas vestiam de negro, justo onde possível, tendo em conta as baixas temperaturas da época.

L, irrequieta, ia virando a cabeça de Q para Z, para as raparigas e de volta para Q.

- Sim, calma, eu explico – Q esforçava-se por se manter calmo, ao reparar na inquietude de L – Estas duas raparigas são atuais alunas da universidade livre, sendo até, aliás, alunas de Z.

- Olá, professor – O cumprimento saiu em uníssono.

Z limitou-se a juntar as mãos suavemente, e a inclinar-se ligeiramente para a frente.

- Perguntei a Z se haveria algum aluno atual que, de alguma forma, estivesse ligado ao teu trabalho, e ele – Q juntou também, por sua vez, as mãos junto ao peito, inclinando a cabeça ligeiramente para a frente – não hesitou em nomear estas alunas. Note-se que, convém salientar, o interesse delas pelo teu trabalho já existia...não fui eu, nem o professor Z, a sugerir o teu nome nem a mostrar-lhes as tuas coisas.

A do piercing, mais desenvolta, avançou, decidida, para L, oferecendo-lhe o cumprimento usual entre raparigas: um abraço, seguido de um beijo na bochecha. A amiga, mais tímida, avançou a seguir, embora prescindindo do abraço. Talvez a desconcertasse o facto de L ser mais baixa do que ela.

- Eh... Eu já tinha visto algumas fotos, e assim uns pedaços de umas entrevistas, mas nunca tinha visto a pessoa inteira – Sorrindo, procurou o olhar da outra, para aprovação. O piercing brilhava sob as luzes do atelier, à medida que ela mexia a cabeça – Olá, sou a D.

Os olhos azuis da amiga também brilhavam, mas esta não se lembrou de fornecer o seu nome.

- Adorei, simplesmente adorei aquela cena gigante com os gráficos espaciais, gerados por expressões aleatórias – D contraiu a face, ao reparar na gaffe – Uh, quero dizer, não por expressões aleatórias – Fazendo o gesto característico das aspas, com os dois dedos de cada mão, dobrados, elevados à altura da cabeça – Como se fossem umas coisas quaisquer, à balda...sei que eram expressões de caráter aleatório. Que eu também me interesse por matemática.

A amiga emitiu uma gargalhada contida, com a mão à frente da boca, enquanto a outra corava. L permitia-se relaxar um pouco, agora que, assumidamente, não podia fazer nada quanto ao facto daquelas pessoas todas terem entrado no seu espaço, trazidas pela mão de Q.

- É um prazer conhecer-vos, D e...

- J – Aí, a rapariga da cabeça rapada lembra-se do abraço que ficara em falta, e aproximou-se de L. Sorria, apesar da timidez, de olhos fechados enquanto encostada a L. A sua testa permanecia visivelmente acima das rastas de L.

- Eu agradeço, a sério – Fitava agora Q, à procura de uma resposta – Mas eu preciso de saber o que se está a passar. Eu só vim cá, hoje, para dar uma arrumação a isto, e um destino ao que ainda cá tenho, para que outras pessoas possam utilizar este espaço. Há muito tempo que não vinha cá...

- E também foi por isso que tomei esta iniciativa. No fundo quis...prestar-te uma homenagem, L – Q agitava os braços, na direção das paredes e da cobertura – Sabendo que ias embora, de vez, não podia, em consciência, simplesmente deixar-te ir assim, sem uma despedida como deve ser.

Da porta da entrada, mais acima, chegavam, novamente, batidas secas de mais alguém que queria entrar. L só levantou o sobrolho, para logo cobrir a cara, momentaneamente, com as mãos, deixando-as escorregar lentamente ao longo das bochechas.

- Espera, há mais...

- Pá, pois – Depois da corrida, novamente, até à porta, Q descia as escadas, envergando uma expressão apologetica, misturada com entusiasmo. Atrás de si, outras duas pessoas – E, se calhar, não te lembras, mas estas pessoas não se esqueceram de ti, nem do teu trabalho. O e R, das Galerias do Futuro.

- Oh pá, Q... - O sorriso de L começava a puxar as lágrimas, armazenadas mais acima, ao mesmo tempo que as bochechas aqueciam consideravelmente. No centro do grande volume do atelier, e no meio destas pessoas, ela rodava lentamente sobre si própria, cruzando o seu olhar húmido com o delas, que lho devolviam com admiração – Não sei o que dizer.

- É isso, L. Também não precisas de dizer alguma coisa.

- As obras que deixaste falam por si, L – R aproxima-se de L, para o abraço e beijo das raparigas, que esta última corresponde de forma aérea, genuinamente incrédula relativamente ao que estava a acontecer.

- Eu, pessoalmente – O recém-chegado O também aproveita para abraçar a homenageada, agora já visivelmente incapaz de se pronunciar – Sempre gostei mais de “Galerias do Presente”. O “Futuro” soa-me a uma coisa que não aconteceu ainda, e eu sabia muito bem, quando estávamos a expor as tuas coisas, que esse futuro estava ali, entre nós, bem assente no aqui e agora. Ali e naquele momento, quero dizer.

L só corava, e olhava em redor. Interveio Q.

- Desculpa, L – Q aproximou-se, por sua vez, do centro da circunferência, naturalmente formada em torno de L, assim que O retomou o seu lugar na mesma – Mas não dava mesmo para simplesmente dar-te um abraço e desejar-te boa viagem, até nunca mais. Eu tinha de fazer alguma coisa. Ninguém te está a pedir um discurso; aliás, ninguém te está a pedir nada. A tua presença aqui é suficiente, bem como a recordação que irás deixar nestas e outras pessoas, que de alguma forma te admiram.

Ainda com as bochechas ruborizadas, L avança para Q com uma credível expressão de raiva, levantando a mão para lhe bater. Num reflexo, e sob o olhar alarmado dos restantes, ele encolhe-se. No último momento, no entanto, ela desvia a mão e deixa cair o peso do seu corpo sobre o dele, num abraço que quase os faz tombar.

- A sério, Q...vou-te matar tanto – A voz sai-lhe soluçante, e fanhosa.

Q, a recuperar do abalo, coloca os braços à volta dela, lentamente. Na sua face, o mesmo sorriso desconfortável que nos restantes convidados em seu redor. Fecha os olhos, à medida que sente o ambiente a aligeirar-se, e a boa disposição a voltar ao atelier. A miúda do piercing começa a bater palmas, aliviada. Contagiados, os outros seguem-lhe o exemplo. L, finalmente rendida à realidade da homenagem, liberta o aperto à volta de Q e junta as mãos à frente do peito, inclinando a cabeça para a frente. Nos seus lábios pode ler-se a palavra “Obrigado”.

“Se calhar tenho de deixar de fazer isto”. S estava na pausa da sua atuação, no seu clube, na sua cidade. Bebericava um sumo de abacaxi e hortelã, enquanto sentia as gotas de suor a escorrer-lhe pela espinha abaixo. “Os quarenta estão a começar a pesar nas minhas costas”. Baixa a cabeça, cansada, localizando o início da dor a propagar-se a partir da base da coluna. “Tenho mesmo de deixar de fazer isto”. Nesse momento, alguém, pousa a mão no seu ombro, baixando-se para lhe falar ao ouvido. O seu hálito cheirava vagamente a álcool, mas era agradavelmente quente.

- S, está na hora de voltares lá para cima.

S devolve-lhe um sorriso cansado, mas feliz.

- São ossos do ofício, né?

O colega do bar parece não entender, mas sorri-lhe também. A música acaba por se sobrepor. Já mais recomposta, e galvanizada pela música, sobe para a sua plataforma onde sua, entre as colunas, por mais uma hora. A casa está completamente cheia, e o ambiente vibra com os altos decibéis e a excitação. Mas ao terminar a sua atuação, S volta para o seu lugar, junto ao bar, para acabar com o refresco, agora já menos fresco, antes de voltar para casa. Desta vez, mal se mexe.

- Nem sei como é que as tuas costas aguentam.

- É, nem eu...

Ainda com a última palavra nos lábios, S levanta a cabeça de repente, com os olhos esbugalhados.

- L??!

- O pacote completo, incluindo este monte de rastas dispostas aleatoriamente.

- Cabeluda!!...

S atira-se a L, cobrindo-a de beijos e de suor acabado de produzir.

- Xii...S, parece que agora vamos ter de tomar banho juntas.

A outra só largou o abraço, esticou os braços com as mãos apoiadas nos seus ombros, e abraçou-a novamente. À volta, as testemunhas do reencontro sorriam.

- Sim, mas não aqui no clube – Falavam uma com a outra, claramente, acima do seu tom normal – Os duches aqui são um regabofe. Espera aí um pouco, que já venho. Vou ali vestir uma tonelada de roupa por cima deste suor todo, uhm, uhm...

S fez uma careta, e desapareceu por entre a multidão. L ficou ali, a sorrir para as pessoas à volta, como que a pedir desculpa pela amiga. Ninguém fez caso. Em todo o caso, mal teve tempo de acabar o seu sumo; S voltou pouco depois, aparentemente mais gorda, envergando um enorme sobretudo que cobria tudo dos joelhos ao pescoço.

- Vamos sair daqui, que estou com um calor insuportável.

Lá fora, o vapor agitava-se à volta das suas narinas, enquanto respiravam. L também não retirava as mãos dos bolsos, no receio de não voltar a sentir a ponta dos dedos, se o fizesse. A rua estava deserta de pessoas, e compreendia-se porquê. De onde tinham saído, por outro lado, o calor humano, as luzes e algum aquecimento forçado, mantinham o espaço confortável.

- Chamamos um casulo? – L sentia as bochechas raiadas de sangue, muito embora a temperatura estivesse muito próxima do congelamento.

- Achas? São dez minutos a pé até à porta da minha casa – S já se punha a caminho, seguida, num passo hesitante, por L.

- Vamos ver se o meu nariz não cai, nesses dez minutos.

A amiga puxou-a, gentilmente, com a mão engrossada pela luva, e caminhou com ela segurando-lhe o braço ao longo do caminho. Na cabeça de ambas, imensos assuntos e ideias apareciam e passavam, mas estava demasiado frio para partilhar, naquele momento. O clima continental, naquelas paragens, era inclemente, tanto no Inverno como no Verão. À entrada do prédio onde morada S, a porta abriu-se automaticamente. Passada a antecâmara, ambas respiraram de alívio.

- Isto é daquelas coisas – A subir a escada para o primeiro andar, L ia retirando as camadas de roupa mais externas – Da última vez que estive nesta cidade, estava tanto calor que mal se conseguia respirar.

- É...eu costumava dizer que não conseguia viver aqui – S abre a porta do apartamento onde, claramente, o ambiente era mais confortável – Pelo que, ainda hoje, passados mais de quinze anos, não sei exatamente porque é que ainda cá vivo...

- Acho que escuso de dizer que, lá na casa comunitária, há sempre espaço para mais um – L olhava à volta, a tentar recordar um apartamento onde já não entrava desde que G era um bebé – Ou então ias para uma das casas rotativas, embora aí o Z não pudesse cozinhar diretamente para ti.

- Oh, és tão queria – Sentada na poltrona da sala, S ia despindo as restantes peças de roupa, preparando-se para a entrada no duche. L, lembrando-se das palavras proferidas ainda no clube, acompanha-lhe o gesto – E sim, como é que deixámos passar tanto tempo?

Também os corpos que recordavam uma da outra já não eram os mesmos que aqueles que agora entravam na casa de banho. Nesta, o duche era simplesmente um ralo no chão, separado por uma barreira de vidro da restante divisória. L reparava que as mamas de S já não apontavam para a frente, como antes faziam, empertigadas ao sair da água fria da sua praia favorita; e S observava as pequenas dobras de pele na zona da barriga de L que, após a gravidez, não tinham chegado a ser reabsorvidas pelo organismo.

- Tu estás impecável – A hospedeira abria a água do chuveiro, percorrendo o corpo nu de L com o olhar.

- Somos umas quarentonas bem conservadas, não é? E tu, olha-me só esse pernao!

Sob a água quente, vertida pelo chuveiro de saída quadrada, sobre as suas cabeças, as duas amigas deixavam-se atravessar pelo calor e pela agradável sensação da pele molhada. Agradável era também a quantidade de vapor que se ia acumulando no espaço, apesar da ventilação. Nenhuma sentia necessidade de interromper o silêncio, enquanto se secavam e vestiam. Além disso, era tarde.

- S?

- Sim?

- Vives sozinha, então...

- Sim...

- Ele foi-se embora?

Vestidos os pijamas e penduradas as toalhas, deitam-se. S apaga a luz, ficando as duas a olhar para o teto, por onde se espalhava, através dos furos do estore, a luz residual do candeeiro da rua.

- Eu devo ser, para mal dos meus pecados, daquelas raras mulheres que não quer ter filhos – S expira profundamente, bocejando de seguida. Cansada, e contagiada por esse som característico, L faz o mesmo – Não quero, simplesmente. Não se passa nada de mal com o meu corpo, está tudo no sítio e a funcionar como deveria...só não tenho vontade disso, pronto. Há quem diga que me falta alguma coisa, mas, sinceramente, não sinto isso. Tenho direito a ser como sou, e a não querer ter filhos.

- É isso mesmo, S. Tu mostras-lhes como é.

- Suponho que se fartou de estar só comigo...queria uma descendência. Eu não chegava, aparentemente.

Por debaixo dos cobertores, L estende-lhe a mão. Imediatamente, sente o calor a migrar para a pele mais fria da amiga.

- Tu és suficiente, S.

- É...eu sei. Ou melhor, às vezes sei – A temperatura debaixo dos cobertores ia subindo, à medida que ambos os corpos partilhavam o seu calor interno – Porque agora estou aqui

contigo, e estou confortável, sinto-me suficiente. Mas põe-me ao lado de um homem e, em particular, um homem que tenha algum interesse em mim, e sinto logo que não sou suficiente. Muda-se o contexto, e o que sinto muda completamente.

- Um homem que goste verdadeiramente de ti não se irá embora.

L chega-se mais perto da amiga, colocando a cabeça sobre o seu ombro.

- Tu és mesmo querida – Boceja novamente – Estou a cair de sono. Mas tu vais ficar uns dias, não vais?

- Tinha em mente algo um pouco mais radical...

- Mudares-te para cá – S vira o corpo de lado, ficando de frente para L, que sorria de olhos fechados – Seria tão bom, não seria? E esta cama é, assim, larga...larga demais só para mim.

- Não...este lado da cama vai ser ocupado por um homem sensível, meigo, e que te ame mesmo quando não te sentes suficiente. Desculpa, também estou a cair de sono. Não, a ideia radical era tu vires comigo, passar uns dias para os lados do mar. O nosso mar, S.

- Excelente ideia – O tom monocórdico da sua voz arrastava-se, já a misturar-se com o sono – Provavelmente terei de levar algum trabalho comigo...

A última frase rebatia no cérebro de L, à procura de um sentido. Queria ainda responder, mas os lábios pareciam relutantes em lhe obedecer. Sentia o corpo a desligar.

- ...o Budge ajuda-te.

O silêncio do quarto, finalmente, envolve-as completamente, confortavelmente deitadas uma ao lado da outra. Em breve sonhariam com um mesmo mar, mas em tons diferentes: uma na saudade de um passado azul turquesa, outra num futuro de cor desconhecida.

- Jesus, L!

O vento marítimo batia-lhes as faces rosadas, carregado de humidade salgada.

- O quê?

As suas vozes esforçavam-se por se sobreporem ao vento e à colisão das ondas sobre as rochas.

- Sabes há quanto tempo não via o mar?

- Quanto?

- Montes!

L apontou logo para o horizonte, para lá do estuário.

- Também podemos ir aos montes, se quiseres...temos é de atravessar o rio.

- Montes de tempo!

Riram-se, subitamente silenciadas pelo embater de uma série de ondas maiores, sucessivamente desfeitas entre os pedregulhos. As suas narinas, abertas, inalavam o cheiro a alga e a mexilhão. Com o vento pelas costas, caminharam, num passo caótico sobre as rochas, até finalmente pisarem a areia. Apesar da hora matutina, já bastante gente usufruía do estradão ao longo da praia. L ruminava, interiormente, a notícia que tinha para transmitir. Ainda não se habituara à ideia que estava, na prática, a despedir-se de toda a sua vida até esse momento. Mas estava a saber-lhe bem a presença de S, de ouvir o seu riso e as sinuosas estórias da sua vida.

- Se calhar não te contei, mas há uns tempos atrás ofereceram-me um lugar de gestão lá no clube.

- Boa! Mas, para gerir o quê, exatamente? – L observava o perfil da amiga, genuinamente interessada em saber.

- Pois! Parece-me que nem eles sabiam bem...mas sabiam que não estavam a conseguir gerir tudo. As bebidas, as limpezas, as horas ao balcão – Faz um gesto a descartar – Até os lixos para a reciclagem eram, por vezes, uma confusão. Mas não. Agradei-lhes e tudo, mas já me dá trabalho suficiente ajudar a organizar a cidade, e dançar lá uma vez por semana. Mais as minhas cenas pessoais...Não dava. Não dava mesmo.

- Eles que arranjassem um *bot*.

- Exato!

Elas apenas andavam em frente, de vez em quando contornadas por patinadores, ou miúdos sobre rodas ou placas levitadoras.

- S...

- Sim?

- Vou confessar-te o motivo original de te ter trazido para aqui.

- Não foi somente para estar na galhofa e matar saudades?

- Claro que também foi por isso, mas...

S interrompe o passo e vira-se para L, num semblante subitamente preocupado.

- Mas o quê, L? Tu, de facto, pareces esquisita. Assim uns silêncios do nada, e a olhar sei-lá-para-onde...está tudo bem contigo?

Os olhos de L alternavam entre a face de S, a linha do horizonte e as pessoas que iam passando. As duas ocupavam um pequeno espaço no meio do caminho, como uma ilha a dividir o fluxo no rio de gente. Passou-se quase um minuto até L conseguir responder.

- Depois de eu ir para a nave, nunca mais me vês – O seu sobrolho adquire um contorno triste.

- O quê? Não estou a perceber...aquela nave? De que se fala tanto por aí, e na nuvem?

- Essa mesmo.

- Não.

- Sim.

Sentindo a necessidade de se mexer, L baixa ligeiramente a cabeça, coloca a mão pelo lado de dentro do braço da amiga, e puxa-a gentilmente para continuar a marcha.

- Não... - S falava para dentro, olhando para os pés, à medida que os via a caminhar lentamente. O vento soprava frio, mas o Sol de Inverno banhava-lhes as faces com luz e algum calor – Tu vais mesmo naquela nave?

L acenava com a cabeça, apertando mais o braço sobre o qual se apoiava, enquanto o aperto no seu peito se ia instalando.

- Se não for, vou arrepender-me para o resto da vida.

- Pode ser, mas, se fores, deixas todas as pessoas que amas – S, impaciente, interrompe o passo novamente – E o que é que lá vais encontrar, L? Um mundo muito diferente deste? Este não é suficiente, é isso?

Fechando os olhos, L observa a raiva a nascer das suas entranhas, um fenómeno seu já sobejamente conhecido. Mas, reconhecendo isso, apenas responde num tom irritado.

- Viajei milhões de quilómetros para conseguir tomar essa decisão. Se calhar não concordas, mas sei bem demais o que estou a deixar para trás.

Sob a pressão das lágrimas, desenlaça o seu braço e vai sentar-se sobre as rochas, voltada para o mar. S, reconhecendo ter tocado num ponto sensível, aproxima-se devagar de L, desviando-se das pessoas para se ir sentar ao seu lado.

- Desculpa, L, eu não queria –

- Eu só consigo ir, acredita, porque o G vem comigo – Apesar da irritação, a sua voz adquire uma certa ternura – Porque não consigo ir sem ele, e ele não vai ficar sem mãe, não é?

- Claro que não – A preocupação de S, com L, sobrepõe-se à sua impaciência – Posso não ser mãe, mas até aí entendo. É só que esta coisa da nave me pareceu sempre tão longínqua...megalómano, mesmo. E perigoso, também. Lembro-me de falares disso com entusiasmo. Mas, confesso, não me ocorreu que fosses, um dia, embarcar nela – Enquanto refletia sobre o assunto, L fitava o horizonte, agarrada aos joelhos – Quer dizer, a ideia da nave ainda me surge como distante e difícil de concretizar, mas, por outro lado, saber que a minha amiga vai representar a humanidade para outro planeta enche-me de orgulho. Engraçado...de repente, a coisa já não me parece tão impossível.

L sorri subtilmente.

- Nós não iremos representar a humanidade – Vira a cabeça na direção de S – Nós seremos a humanidade.

- Tu sempre viste mais além, L – Voltando-se, também, para a amiga, passa-lhe a mão, ao de leve, pela bochecha – Desde que te conheço que andas muito à frente do resto da maralha. Olhando para trás, isso até me poderá ter assustado...e contribuído para o facto de não termos estado juntas durante tanto tempo.

- Nunca senti que tivesses medo de mim.

Novamente de frente para o mar, S oferece um encontro amigável sobre o ombro de L.

- Não...claro que não era medo de ti – Enrosca, também, os seus braços à volta dos joelhos – Mas já seria, creio, o início daquela sensação de não ser, de eu não ser suficiente; daquele receio de não chegar a ser alguma coisa de relevante.

- Para mim foste, és, e serás, alguma coisa relevante.

- Sinto coisas contraditórias – S continua, ignorando, o comentário anterior – Por um lado sei que nunca iria numa viagem dessas, por outro gostava de ir...para sentir que estou a fazer alguma coisa verdadeiramente importante. Em vez de passar os dias a desenhar passeios e passeadeiras para as velhotas.

- Daqui a uns anos estarás a agradecer a ti própria – Subitamente, L regressa à boa disposição – Por teres desenhado esses passeios e essas passeadeiras, a pensar em senhoras da tua idade.

- A minha amiga L vai para o espaço – Também repentinamente, abraça a mulher ao seu lado com força, fechando os olhos – Não dá bem para acreditar – Acrescentado, em voz baixa – A ironia disto é que, vistas bem as coisas, e na verdade, não senti muitas saudades tuas durante este tempo todo. Agora, no entanto, que vais de vez, de repente não sei o que vou fazer sem ti...

- Olha, para começar, podes vir comigo ao outro lado da praia, que me está a apetecer pôr os pés na areia.

Ouvir L professar esse desejo simples foi, para S, como um bálsamo. E o recuperar de alguma da loucura que, em tempos, partilhavam. Aquela sensação, que sabiam estar presente na outra, de que o mundo era apenas um grande parque de diversões, e que ambas estavam com tempo e disposição para brincar. Levantaram-se e desceram para a praia. Descalças, andaram e correram pelo areal a perder de vista. Gritaram a pulmões abertos enquanto eram olhadas, mais com curiosidade do que com estranheza. Apanharam conchinhas, molharam os pés, deitaram-se de costa sobre a duna, voltadas para o Sol. Eram um par de quarentonas na certeza de que aqueles seriam, de facto, dos últimos momentos que teriam juntas na vida. Aproveitavam, porque sabiam que era tudo quanto podiam fazer.

- L, a sério que vais fazer isto?

L exibia um sorriso enigmático. Tratava dos miúdos automaticamente, mas com afeto. Eles estavam serenos, ainda sonolentos nessa manhã de Domingo. Na noite anterior tinham vindo os amigos, e os filhos dos amigos, pelo que tinha sido brincadeira até caírem em cima das camas, ainda vestidos. S bebericava de uma caneca com chá, sentada ao canto da mesa junto à janela, sob um raio de luz matinal.

- Daqui a pouco, X e T levantam-se e levam os miúdos para o piquenique na serra – Põe o prato com os flocos à frente de G – Também eles não acharam muita piada a esta minha ideia, mas isto não é acerca deles, nem dos miúdos. É acerca de mim. Estes são os meus últimos dias no planeta Terra, e quero mesmo fazer isto antes de partir. Acho que é um direito que me assiste.

Ao colocar o copo de leite vegetal à frente da miúda mais nova, esta estica os braços para cima, a pedir um abraço, sem dizer nada. L deixa sair um sorriso maternal, surpreendida, e levanta a criança da cadeira, para um forte abraço, até esta lhe pedir para a pôr de volta na cadeira.

- Sim, senhora – L acede ao pedido, num respeito divertido – Desculpe o meu entusiasmo...

- És tão boa com as crianças.

- Eu? – L levanta o olhar para S, interrogando genuinamente.

- Sim, tu – S pousa a caneca de chá na mesa e inicia a tarefa de fazer o pompom no topo da cabeça, a partir da carapinha desgrenhada durante a noite - A maneira como tratas deles... és precisa e eficaz, mas nota-se tão bem como gostas deles. Só de te ver, começo a vacilar um pouco relativamente à minha cena de não querer ter filhos...

- Oh, S...

- Acerca da “dona cibina”, como gostas de lhe chamar, tenho noção de que é uma coisa natural, e que anda aí há milénios, mas ainda assim é potente, e confesso que sinto algum medo – S larga o pompom, agora firmemente cintado no topo da cabeça, voltando ao conforto da caneca de chá.

- Medo de quê?

- Sei lá...que te passes. Que viajes para um sítio qualquer, dentro de ti, e depois não consigas voltar.

- Vais viajar hoje, mamã?

- Não vou a lado nenhum que não esteja já dentro de mim.

- Hã?

- Querido, olha, leva a tua irmã lá para dentro para se arranjamem, que já ouço o teu pai e a tua outra mãe a arrumarem coisas.

O miúdo sorriu, levantou-se da cadeira, abraçou a mãe, abraçou a irmã, ajudou-a a descer da cadeira e levou-a pela mão lá para dentro. Estava feliz. Às vezes, não era preciso saber tudo.

- Eu não tenho medo, sabes porquê? – L pegara na loiça suja do pequeno almoço dos miúdos, mas interrompera o seu movimento, sentando-se à frente de S, inclinada para a frente, antes de se levantar para a colocar na máquina.

- Não.

- Porque estás aqui. Porque vou estar contigo. Porque confio em ti.

- Eh pá, para lá com isso...daqui a bocadinho estou a chorar - E, de facto, os seus olhos começavam a ficar húmidos, e a ameaçar trazer chuva.

L sorriu e continuou as tarefas da cozinha, mecanicamente, apreciando o silêncio da sala. Não tinha sido fácil reservar aquele dia, naquela casa, normalmente tão cheia de gente, mas toda a gente empatizou com o seu pedido e, à exceção de X, T e os miúdos, tinham passado a noite anterior noutros lugares. Passados alguns instantes, juntavam-se estes últimos, na azáfama de preparar as coisas para o piquenique, trazendo a confusão correspondente. Havia uma certa tensão, era inegável. Porque L ia embora, porque tinha escolhido viajar com a dona cibina a poucos dias desse momento fatídico, porque não o estava a fazer com eles...porque, em boa verdade, o que era suposto fazerem com alguém que amam e que tem data marcada para ir embora e nunca mais voltar? Era inquietante, perturbante e, ao mesmo tempo, muito emocionante. Mas era dia de cibina, e L mantinha-se no seu centro. Além disso, estava com a consciência tranquila: tinha realmente estado presente com X, com T e os miúdos, tinha tratado deles, tinha andado a distribuir as coisas dela por um batalhão de amigos e conhecidos...Este dia seria dedicado à sua viagem interior, a última que fazia ainda ligada ao núcleo da Terra. Ao despedir-se da família, à porta daquela casa sobre a falésia, que tão bem conhecia o vento salobro que encrespava aquele mar, piscou o olho a S, que ainda carregava um sobrolho preocupado.

- S...está tudo bem.

- Eles não pareciam assim tão bem – Ainda de caneca de chá na mão, S observava, ao lado de L, a subida do negro bólido voador de T, que refletia, brilhando, os raios de Sol que inundavam essa manhã de fevereiro.

- Estamos a despedir-nos, o que é que esperavas? – Um laivo de tristeza trespassou-lhe o olhar, ao perder de vista o veículo arredondado, a circundar a montanha e a desaparecer para além das suas arestas arborizadas.

- Pois, não sei...isto também é novo para mim.

Sentindo o ar fresco da manhã a subir-lhes pelas canelas, encaminham-se naturalmente para dentro, fechando a porta atrás de si. Esse gesto espelhava, de certa forma, a disposição de L à medida que ia preparando as coisas para a sessão. Introspectiva, buscou uma manta, colocou uma música relaxante, puxou um par de cortinas para garantir uma luminosidade suficiente, sem brilhos excessivos. S seguia-lhe os gestos, hesitante, sentada no cadeirão ao canto da sala.

- E eu, o que faço?

L vira-se para S, com um grande sorriso.

- Tu ficas aí, a fazer-me companhia – Chega-se a ela e agacha-se, poisando a cabeça junto ao seu peito – E, se eu me passar, tu abraças-me e dizes-me que está tudo bem.

- A sério, é só isso?...

L levanta a cabeça e assenta-lhe um beijo na testa, como faria ao seu G.

- É só isso. Agora, relaxa.

Olhou à volta da sala, reparando que ainda não tinha distribuído, ainda, umas almofadas pelo chão. A seguir, foi buscar, ao frigorífico, os rebentos do micélio. O planeta Terra contém, naturalmente, tudo para matar um ser humano, bem como tudo para o curar. E o micélio era capaz de ambos. Entretanto, S sentara-se entre duas grandes almofadas, agarrada a uma terceira e encolhida a olhar para L. Não sabia exatamente o que fazer, mas gostava de L e queria que ela se sentisse bem. Sentia que, de alguma forma, a sua amizade iria subsistir, mesmo depois de L abandonar definitivamente aquele planeta que as vira nascer. L, após uma última passagem em revista pela sala, dá por terminados os preparativos e vai à cozinha buscar a tigela. S vê-a retornar à sala e, assim que L se senta com a taça sobre o colo, repara nas pequenas bolotas castanhas, com alguns pontos esbranquiçados, no seu interior. Só umas bolinhas, aparentemente sem nenhum elemento distintivo relevante. Observa-a, sentada ao canto, sobre a manta, de pernas cruzadas, a petiscar as pequenas bolas castanhas e mastigando compenetradamente. Enquanto mastigava, L via a paisagem exterior através de uma fresta deixada pela cortina. Reconhecia S à sua frente, mas a sua atenção estava naquela ingestão, que sabia estar a poucos minutos de fazer efeito. Só não fazia ideia qual seria.

Mas confiava no micélio. Na sabedoria da substância. Num subtil esgar ao sabor amargo, limpou o fundo do recipiente. S quis saber se estava tudo bem. L apenas lhe acenou com a cabeça que sim, pousando a loiça vazia no parapeito da janela, deitando-se, de seguida, sobre a carpete. Cobriu-se com a manta e colocou os auscultadores, dando instrução ao Budgie para passar a música da coluna para estes últimos. De cabeça em cima da almofada, respirou fundo algumas vezes. Ainda sentia o vago sabor amargo das bagas castanhas, a cirandar na boca. Fechou os olhos, e deixou-se ficar quieta, simplesmente a ouvir os sons suaves. Ao fim de uns minutos, ocorreu-lhe a dúvida se aquilo ainda iria fazer efeito, ou se não tinha tomado o suficiente. S, entretanto, tinha-se também deitado, sobre as almofadas, olhando para L através das pálpebras semicerradas. Não tinha sono,

mas aquele ambiente calmo e silencioso mantinha-a sob uma leve dormência. Por outro lado, a incerteza relativamente ao que poderia acontecer proporcionava-lhe um nível não desprezável de ansiedade.

Estava prestes a desistir quando notou uma sensação estranha nas mãos. Assim como se estas estivessem a crescer, para além dos limites que conhecia serem os seus. Abriu os olhos e, sem se levantar, olhou para as mãos. Parecia-lhe estar a ver mais do que era habitual. Via mais pormenores, a superfície da pele mais nítida. Sentia esse aparente crescimento a espalhar-se para os braços, e um calor generalizado a propagar-se pelo corpo. Afastou a manta para o lado e pôs-se de joelhos. As suas costelas e coluna vertebral pareciam estar a ganhar uma vida própria, à medida que se sentia invadida por uma vontade incontrolável de se mexer. De se esticar. De conhecer os limites desse novo corpo, aumentado. Tudo parecia mais real. Hiper-real. Sabia que estava mais alguém na sala, mas, de momento, o foco era em si. Sentia os ossos a mexer, por debaixo dos músculos. Sentia as coisas vinte, trinta vezes mais intensas. Inspirou com força. Aquela repentina entrada de ar foi inebriante. O ar a movimentar-se nos pulmões, a dilatação da caixa torácica. Nunca tinha respirado com tanta atenção, e intenção. De alguma forma, era como se estivesse a respirar pela primeira vez. Começou a abrir o corpo pela sala. A explorar o contacto com as coisas, as várias superfícies. S já estava de pé, preocupada, mas como via a amiga a movimentar-se com desenvoltura, assumiu que devia estar bem. Entretanto, L arrastava-se pela tapete. Estava a gostar de sentir o atrito que esta exercia sobre o seu corpo, aquela textura do tecido na ponta dos seus dedos hipersensíveis. Tratava-se de um verdadeiro prazer: naquele momento, nada mais lhe interessava do que aquele contacto, de todas as sensações que proporcionava. Descobriu que conseguia puxar, e dobrar, a extremidade da tapete. Num sorriso maravilhado e infantil, pegou no canto da tapete e enfiou-o na boca. S, num impulso, aproximou-se, na esperança de lhe conseguir retirar aquilo da boca, e devolver alguma civilidade ao momento. Apercebendo-se imediatamente dessa presença, L estacou completamente, mas sem levantar o olhar. A sua boca ainda segurava o canto da tapete, deixando escorrer um fio de baba. Não olhou para S. Sentia a sua presença, apenas. Via partes do seu corpo, sabia que havia uma intenção do outro lado, mas a sua vontade não lhe permitia, ainda, olhá-la de frente nos olhos. Havia uma desconfiança, embora a par de um conhecimento inato de que se tratava de alguém que não lhe ia fazer mal. Aquela pessoa, repentinamente estática, de olhos postos no chão e com o canto da tapete na boca, tinha a forma e a figura de L, mas S não reconhecia a sua amiga. Apenas lhe valeu uma curiosidade sobre o que ela iria fazer a seguir, mantendo ao largo a tentação de parar com tudo e chamar por ajuda.

Depois de sentir todas as vilosidades e reentrâncias do canto da tapete, L dirigiu a sua atenção para o chão debaixo desta. Era mais a sua atenção a dirigir L para o chão, já que era assim que ela o sentia: que a sua vontade tomara a dianteira, tudo o resto seguindo esse trilho de impulsos. Pôs as palmas das mãos sobre a madeira e, imediatamente, esse toque foi fascinante. Abriu a boca e fechou os olhos, por momentos, para deixar entrar a sensação em maior profundidade. A temperatura diferente, a textura diferente, a resistência oferecida pelo atrito, diferente...até o som desse contacto, com a fricção, era diferente, e

tudo fazia parte da experiência. Esticou os braços sobre o chão em madeira, até ao seu limite, esfregando cara e peito sobre a mesma. S andava em seu redor, basicamente a ver se ela não partia nada, e não se magoava. Mas, pelo que podia observar, e apesar do jeito expansivo e selvagem, L parecia estar consciente de onde estava, e dos limites aí existentes. Ela gemia, inspirando profundamente com o nariz encostado às tábuas envernizadas, gastas pelo tempo. Também o cheiro era algo novo. A própria sensação de ter cheiro era nova: um sentido de olfato tão mais apurado, em ligação direta ao cérebro, que era estonteante. De pernas e mãos no chão, levantou a cabeça, momentaneamente, como se fosse um cão prestes a uivar, sob a lua cheia. Inspirou fortemente pelo nariz, e rangeu os dentes. Pelo canto do olho, reparou no bloco de notas que tinha deixado, no chão, ao lado da mesa pequena da sala. De repente, aquele bloco de notas tornou-se o centro da sua atenção. Chegou-se a ele, ávida, como se nunca tivesse visto, ou tocado, em papel. De joelhos sobre a carpete, e de cabeça a arrastar pelo chão, enfiou o nariz entre as páginas, a aspirar aquele cheiro característico. O papel, a tinta, a lisura das páginas, tudo aquilo era novo. Depois, descobriu que conseguia dobrar o papel. Como uma criança que acaba de encontrar um brinquedo novo, começou a amachucar e a arrancar páginas do caderno. Foi o delírio. Sorrindo, de boca aberta, fitava as suas mãos e as folhas de papel como se mais nada existisse no mundo. Atrás de si, S remexia-se, preocupada, e quase a desmanchar-se a rir, ao mesmo tempo. Aquele cheiro, e o som das folhas a serem amachucadas e rasgadas, tocava-a profundamente. Tinha de ter mais. Sem pensar, pôs uma folha na boca. Mas não se limitou a pô-la na boca: enfiou-a toda na boca, mastigou-a, sentiu, com a língua, a textura, a forma como amolecia em contacto com a saliva, o sabor a papel e a químicos. Ouvia S falar. Com os pedaços das folhas penduradas da boca, um numa expressão de absoluta ingenuidade, virou a cara para S, à procura de um incentivo, de aceitação. S já se permitia relaxar um pouco, no meio da bizzarria, envergando agora um sorriso maternal. Numa fração de segundo, L viu esse sorriso e baixou os olhos imediatamente, pois obtivera a confirmação de que estava tudo bem. Continuou a arrancar folhas e a mastigá-las por mais uns instantes, mas não precisou de pensar para saber que não eram para engolir.

Seguiu-se uma longa série de descobertas: a mesa pequena da sala, as tábuas interiores do sofá, as ferragens da porta... Tudo foi tocado, apertado, raspado, cheirado, lambido, olhado, como uma criança num parque de diversões sensorial. S começou a questionar-se se L não precisaria de ir à casa-de-banho, ou de comer, ou beber um copo de água. Decidiu perguntar-lhe se queria água. Para sua surpresa, a palavra “água” ressoou em L. Esta, ao ouvir essa palavra, coloca em movimento todo um novo processo de descoberta: beber água. L começou a mastigar em seco, sentindo claramente, de uma forma nunca antes sentida, a sua sede. Foi aí que se apercebeu que não conseguia dizer “água”. Nem outra palavra qualquer. Intuitivamente sabia, algures dentro de si, que precisava de água, mas a palavra não saía. Abria a boca e ensaiava, a custo, o som “Áaa”, e repetia “Áaa”. Mas S já percebera que ela queria a água.

- Vou-te buscar um copo de água.

Enquanto S ia e vinha da cozinha, L levava as mãos à boca, desenhando o “Áaa” e esperando, com um toque de ansiedade, pelo que aí vinha. Pouco depois, S aparecia de copo na mão, cheio com o precioso líquido. Baixou-se devagar, colocando-se de joelhos à frente de L, que assumia uma posição semelhante no meio da sala, entretanto visivelmente desarrumada. Estendeu-lhe o copo, mas aquele objeto, com o líquido incolor no seu interior, não fazia sentido para L. Ela olhava para o copo, e sabia que ainda queria a água, mas segurar no objeto e beber estava para além do que conseguia fazer de momento. S estranhou, mas não se deixou desanimar.

- Olha, vou pôr o copo aqui em cima da mesa – Colocando-o, de uma forma bem visível para L, no sítio designado – Vens aqui, quando quiseres, e bebes à vontade.

L, seguiu-lhe a mão com uma atenção de falcão, ficando, de seguida, a olhar para o copo, como se fosse algo estranho. Ainda tentou esticar o braço e abrir a mão à frente do copo, sem conseguir arranjar uma forma natural, que fizesse sentido, de lhe pegar. Começava a sentir frustração. Ao reparar no stress de L, S teve uma ideia.

- Já sei, vou por a água numa taça. Boa ideia, não é, L?

Sem esperar pela resposta, pegou no copo, devolveu-o à cozinha e, em segundos, voltou à sala com uma taça, branca, dentro da qual o líquido passava algo despercebido. L sorriu, pois chegara o momento. De joelhos sobre a carpete, mas de tronco erguido, olhou demoradamente para a taça, e para o líquido transparente a baloiçar no seu interior. Nesse formato já sentia a água mais acessível e, lentamente, aproximou o corpo, baixando a cabeça ao encontro da taça que as mãos de S seguravam diligentemente. No entanto, para sua surpresa, L não a segurou. Ao invés, o que fez foi pôr dois dedos dentro da água. S levantou o olhar, surpreendida, mas a face de L era o espelho do deleite. Ter uma parte do seu corpo envolvida em água era tão novo, tão diferente, que ainda remexeu a água com os dedos algum tempo, antes de lá enfiar a mão toda. De repente, conseguiu dizer “Áaa-gua”, para logo fechar os olhos e assimilar aquela relação de palavra, com objeto, com sensação. Ao voltar a abri-los, voltou também a baixar a cabeça, desta vez para muito perto da taça, tão perto que quase tocava na água com o nariz. Esticou a língua para a provar. Molhou a língua, molhou o nariz, enfiou a cara toda na taça. Delirava com o molhado, com aquela sensação líquida e fresca. S, entretanto, já desistira de tentar manter uma ordem na sala, só no final é que seria possível limpar e arrumar alguma coisa. L, ao baixar de novo a cabeça, na direção da taça, já era na intenção de beber. Queria beber, mas não sabia, genuinamente, o que iria sentir. Sorveu um golo, deixando o líquido escorrer pela garganta abaixo. Muito estática, de costas direitas, tomava nota das diferenças de temperatura, e das subtis alterações no estado dos vários órgãos envolvidos: lábios, língua, garganta, esófago, estômago. Beber água nunca tinha sido uma experiência tão eclética. Ainda mergulhou a cara na taça mais duas vezes, a satisfazer a sua necessidade de água, e de estímulo sensorial. À medida que progredia na sua viagem interior, começava a sentir, cada vez mais, a presença de S, e a vontade de contactar com ela. Ficou inquieta quando S precisou de sair da sala, para ir à casa de banho. Nesses instantes, encostou-se à janela, como um lagarto, a receber os raios de Sol ao início da tarde, tentando compensar, de

alguma forma, aquela ausência. Ao voltar, S encontra-a espalmada contra o vidro, a deixar-se percorrer pelo calor e a envolver pela luz. Sorrindo, senta-se à frente dela. L desliza da janela, relaxando totalmente ao ver S. Senta-se, também, à frente dela, apenas olhando para a sua face, interiorizando todas as suas expressões e movimentos. De alguma forma, era como se estivesse a ver um ser humano pela primeira vez. Realmente, a ver. A assimilar a presença de um outro organismo, da sua espécie, um semelhante. Sem abrir a boca, S pegou-lhe na mão. Num alerta súbito, L desvia a sua atenção para a mão, agora a ser tocada pela de S. Mas não a retira. Deixa-se ficar, ali, só a deixar passar o tempo e a sentir o toque de outro ser humano na sua pele. A expressão desta era serena. Por uns minutos, ficaram apenas a olhar uma para a outra, muito embora sentissem a passagem do tempo de forma muito diferente. Enquanto S já se interrogava quando é que aquela viagem iria terminar, L sentia o escorrer do tempo no seu corpo. Ao longo da sua coluna, e algures no seu cérebro, onde eram detetadas pequenas alterações nos padrões de luz ambiente. Porque, naquele momento, L não concebia passado nem futuro: o que sentia era a impressão, no seu organismo, do passar do tempo. “Eu sinto o tempo”. Nessa realização, inclinou-se para a frente e, suavemente, deixou-se cair no colo de S. De cabeça voltada para cima, sobre as coxas da amiga, contemplava ora a face desta, ora o céu azul para já da janela da sala. Começava a aperceber-se do cansaço, aliada a uma vontade de simplesmente estar, assim sem mais nada. Só ela, a amiga, a sala e o tempo.

Ainda terá passado mais uma hora, até o efeito passar completamente. Apercebeu-se que nunca tinha passado tempo com alguém, de uma forma tão simples, despreocupada e sensível. Se havia uma lição a retirar daquela viagem, era a de que o corpo e o contacto são a génese do ser humano, e que deviam estar no centro de qualquer relação. Ainda deitada sobre o colo da amiga, fechou os olhos, a interiorizar mais essa reflexão. Até que lhe deu a vontade de ir à casa de banho. S notou, aí, a diferença na expressão e nos gestos de L, dando a viagem como terminada.

- Vais à casa de banho, certo? Deves estar a rebentar de chichi...

L devolveu-lhe um sorriso cansado, acenando com a cabeça. Ao levantar-se, repara na confusão em seu redor.

- Uh, sim...eu já venho.

- Sim, não te preocupes. Quando vieres, arrumamos isto.

Daí a pouco estavam a arrumar, calmamente, a sala em estado de sítio, até ser reconhecível o mesmo espaço no qual tinham começado aquele dia. A seguir, comeram as duas, falando o mínimo indispensável. Quando os restantes chegaram, estavam as duas no sofá, S a estudar algo na sua chapa, enquanto L dormitava com a cabeça no seu colo. Entraram bem-dispostos e L estava, apesar do cansaço, na disposição para os abraçar a todos. Para que o corpo e o contacto estivessem no centro dos últimos dias das suas relações.

Este planeta é estranho. Bom, tenho noção de que dizer isto é, em si, estranho. Como poderia não ser estranho? Nunca cá vivi... Quer dizer, todos sabíamos que o planeta dava uma volta à estrela em apenas seis dias terrestres, mas o que é que isso poderia implicar no dia-a-dia? Parece que não muito. O facto é que, tal como na Terra, esse movimento não se sente e, como a imagem da estrela é praticamente igual, qualquer que seja o ângulo de observação, uma translação de seis dias, ou sessenta, ou seiscentos dias parece sempre igual. Além disso, e também porque já sabíamos que o planeta não rodava em torno de si próprio, um dia de sol é sempre o mesmo dia de sol. Como explicar? Tentem imaginar que, agora, de repente, a Terra deixava de girar. Portanto, seria como se a hora do dia parasse, onde quer que vocês estivessem. Se fossem três da tarde, seriam três da tarde para sempre; se fossem cinco da manhã, idem. Neste planeta, a “hora” presente, ou o sol que se vê, depende da latitude e longitude onde se está. No cruzamento do equador e do meridiano mais próximo da estrela será sempre meio-dia, nos polos – que aqui correspondem à linha de separação entre o lado iluminado e o lado escuro – é sempre fim-de-tarde...ou a aurora. No sítio que escolhemos para esta primeira base da colónia, ou aquele que a MA-E nos sugeriu e que, naturalmente, não tínhamos forma factual e concreta de contestar, são sempre horas do lanche, por assim dizer. Felizmente que esta atmosfera é altamente movimentada e dinâmica, compensando em parte a monotonia astronómica. Chove muito, há trovoadas, o céu desmultiplica-se em padrões de nuvens diferentes, arco-íris frequentes...só por isso é possível viver aqui, senão isto seria um forno desértico deste lado, e um congelador desértico do outro lado. Seria um monte de rocha flutuante sem qualquer interesse para a maior parte das formas de vida ou, pelo menos, para aquelas para as quais ainda é importante saber a que horas é o lanche. Portanto, já estarão, certamente, a imaginar que, por estas bandas, não há festas “à noite”...Não há noite, pelo que temos de ser criativos no que diz respeito aos tipos de celebração, e particularmente metódicos quanto à gestão do sono. Acreditem no que vos digo: até eu, que nunca fiz grande questão em dormir, dou por mim a desejar, ardentemente, por um pôr-do-sol à antiga, seguido de umas boas dez horas de breu... Mas não dá mesmo. O melhor que conseguimos fazer é fechar as portadas e ir fechar as pálpebras, quando o MA-E nos diz que precisamos de dormir. Se queremos ter noite, noite a sério, a única hipótese é viajar até ao outro lado, a vários milhares de quilómetros de distância. Existe essa ideia, mas se calhar é melhor explicar.

É que não vamos, propriamente, “trazer” um bocado de noite do outro lado para este; nem tão-pouco mudar a base para lá, ou mesmo montar lá uma base temporária. Honestamente, e aqui entre nós, confesso que ainda não fomos lá. E temos desculpa: ainda só cá estamos há uma semana – de dias terrestres – e há demasiada coisa para fazer que requer luz ambiente, para entreter ideias de fazer o que quer que seja no lado escuro. A ideia que nos ocorreu, no entanto, foi a de lá montar um centro de comunicações, tirando partido da menor influência do forte vento solar que fustiga este lado iluminado, e da relativa calma atmosfera naquelas latitudes obscuras. Tudo o que temos desse lado, neste momento, são as observações realizadas pela MA-E, a partir da nave em órbita: grande predominância de rocha nua nas latitudes mais afastadas dos polos, embora exibindo espessas camadas de

solo e vida nos primeiros milhares de quilómetros a partir da linha luz-sombra. Na ausência de luz visível e de radiação emanada pelo planeta, para além da refração natural proveniente do lado iluminado, a MA-E não nos consegue dar uma noção do tipo de vida que o lado obscuro poderá albergar... Mas estamos em crer que não será algo remotamente semelhante à do lado iluminado. Os nossos “lados negros” estão ansiosos por descobrir, ao mesmo tempo que os nossos “lados iluminados” receiam pelo que nos espera. É como se dizia na Terra: a curiosidade matou o gato. Mas a malta não se importa, porque o gato de Schrödinger não só tem várias vidas, como possui o poder especial de estar morto e vivo ao mesmo tempo. Portanto, cá vamos aguentando o medo e a ansiedade, enquanto gerimos a curiosidade e a excitação.

De resto...o que é que aconteceu esta semana? Ainda estamos em “modo de sobrevivência”, portanto, e de momento, as coisas básicas são as que nos ocupam os espíritos: comida, casa, um sítio para beber café quando não estamos na base...Ok, se calhar relativamente a este último item, teremos mesmo de nos conformar com a ideia de que pastelarias, aqui, talvez nunca venham a existir. Bom, obviamente que não viemos cá para baixo sem comida, nem sem casa. Neste momento temos comida para um mês (terrestre) e, na MA-E, há reservas para três anos (cento e oitenta e três rotações em torno da nossa estrela local), mas, sim, temos de começar a produzir a nossa própria comida neste solo, nestas árvores, e com estes animais. Para já, é trabalho de campo, de gabinete e de laboratório: recolher amostras (esta é a parte em que tenho participado mais), analisar a composição e comparar solos e espécies. Havemos de conseguir fazer um belo estufado, só com produtos locais! Em relação a casa, a questão parece ser ainda mais complicada...é que isto tem, em média, uma árvore cada vinte metros quadrados, e pouquíssimas clareiras. Para não falar em camadas de “arbustos”, que metem algumas espécies de árvores terrestres num chinelo. O que torna a coisa particularmente impenetrável em muitos locais. Numa das reuniões diárias, um de nós atirou para o ar: e se construíssemos casas nas árvores? Desatou tudo a rir, mas ele não percebeu a piada porque, efetivamente, não tinha nenhuma. Só ríamos do nosso próprio vazio de ideias e pobreza de espírito. Entretanto, ainda nada se adiantou nesse domínio, mas eu...eu estou a começar a ver que, se calhar, será mesmo por aí. Quais índios, indígenas e habitantes da Grande Floresta, o nosso destino é habitar este planeta sem aquele tão reconfortante, mas no fundo desnecessário, tapete debaixo dos pés. Seremos o Povo das Árvores.

Capítulo IV

L sabia que não era suposto estar muito excitada, porque daí a pouco tempo iria ser colocada na câmara de hipersono, mas o facto é que não parava quieta. Dessa vez, não havia canecas de chá, nem contemplações do céu estrelado que a acalmassem.

- Mamã – O miúdo parecia sentir-se mais calmo que a mãe, apesar de nunca ter viajado num elevador espacial, nem entrado na nave à qual dava acesso – Vamos a subir até chegar ao planeta?

L pairava, sem gravidade, num vaivém cíclico entre as extremidades da cápsula do elevador. Encontrar o miúdo a meio foi como tomar o bálsamo de que estava a precisar para relaxar um pouco.

- Achas?... Então não te disse que íamos numa nave?

O rapaz mostrou-se mais aliviado.

- Oh, ok, pensei que esta era a nave...

- És tão querido – Abraçada ao filho, davam voltas no centro do habitáculo, livres da força imposta pela gravidade – E, não te disse, também, que iríamos estar trinta anos a dormir?

- Sim, mamã, isso eu lembro-me – E, ao lembrar-se disso, abriu muito os olhos, ao lembrar-se de outra coisa – Mas, mamã, estive a pensar.

- Uh, oh...

- É que fiz uma conta, e fiquei assustado.

- Sim, eu percebo, querido: dormir durante trinta anos é sempre desagradável... principalmente quando se tem dez anos e esse tempo todo soa a uma coisa de pessoas velhas – Disse L, com um trejeito nervoso nos lábios – Assim algo de mães cotas, como eu.

- Não, é que eu somei dez anos, com os trinta, e percebi que quando lá chegarmos vou ter quarenta anos!

- Eh pá, e fizeste a conta para mim?

- Para ti?

- Sim, fizeste a conta para a minha idade, quando lá chegarmos?

- Eh...não fiz.

- Então faz. Eu tenho, agora, quarenta anos.

- Essa é fácil, vais ter setenta anos – Ao dizer isso, adquire uma expressão assustada, fitando a mãe frontalmente.

- Bem...isso é mais do que a avó tem atualmente.

- Pois é... - Apercebendo-se do que lhe pareciam ser as implicações, abraça a mãe com força, encostando a cara ao seu peito – Mãe, vamos voltar para trás!

- Wow, calma – L passa-lhe a mão pelo cabelo, ainda mais solto que o habitual, na gravidade zero – Que ninguém vai lá chegar dentro de um caixão. Olha para mim: esta nave vai manter-nos vivos durante a viagem, mas só mesmo o mínimo indispensável. É que nem à casa de banho vais conseguir ir, de tão ferrado no sono. Vamos envelhecer um pouco, claro, porque o tempo não anda para trás, mas não vais dar conta disso, porque a tua cabeça ainda vai estar aqui, neste momento.

- Não percebi, mãe...

L segura, agora, a face do filho, colocando-a bem perto da sua.

- Não interessa. G?

- Sim, mãe?

- Confias em mim?

- Sim, mãe.

- Nós vamos chegar lá praticamente como estamos agora. Percebes?

- Sim, mãe – E volta a encostar-se a L, posição na qual se permitem agora relaxar mais profundamente.

- Ótimo. Agora vai para ali para o teu lugar e põe o cinto, que o elevador está a chegar ao topo.

Após a confusão de todos os tripulantes tomarem os seus lugares e apertarem os seus cintos, começaram a ouvir-se os sons abafados dos encaixes mecânicos, motores elétricos e êmbolos hidráulicos, na preparação para a acoplagem com o centro móvel da nave. À entrada desta, I e D esperavam o grupo. Após a conclusão dos protocolos de entrada, higienização e passagem por várias escotilhas, I conduziu as boas-vindas. Mas não estava com disposição para festividades.

- Olhem, desculpem estarem a apanhar comigo assim, mas tiveram azar: são o último grupo a chegar, e há que pôr toda a gente a dormir o mais depressa possível, porque a sequência de partida já foi iniciada – Passou as mãos pela cara, e pelo cabelo espetado, quase todo branco – Explico-vos agora, sucintamente, para depois não precisarem de perguntar, nem ficarem a remoer o assunto com as dúvidas. Se calhar não sabem, mas a demora desta sequência é, em grande medida, determinada pelo tempo que os reatores inerciais levam a atingir as condições de fusão nuclear. Pode ser interrompida, mas depois temos de esperar pelo menos dois dias até haver armazenamento de energia suficiente para reiniciar o processo. E esperar dois dias, agora, no estado de excitação e ansiedade em que todos nos encontramos de momento, não é mesmo o que precisamos – Aproveitando a pausa que atribuiu a si própria, respirou fundo, descontraíu as costas e continuou – Estava tudo a correr como planeado quando a MA-E nos comunicou que o subsistema de gestão

de combustível acusava falta. Ou seja, a estar correto, não teríamos que chegasse para a viagem...claro que, com a sequência de partida a meio e ainda pessoas a chegar, vocês, essa notícia pôs-nos à beira do pânico. Por outro lado, obviamente que era estranho, pois há meses que os tanques estavam cheios, verificados e re-verificados. E a MA-E tinha registos disso tudo. Como os sensores internos aos depósitos tinham sido calibrados, nessa altura, parecia estar tudo bem...ao mesmo tempo que parecia estar tudo mal. Andámos horas feitos baratas tontas, à procura de solução para um problema que parecia não existir.

Nas faces dos recém-chegados começavam a aparecer sinais de inquietação e ansiedade.

- Bom, mas como vocês precisam de assentar e, se calhar de ir à casa-de-banho, vou atalhar. A certa altura, a MA-E sugeriu realizar-se nova calibração dos sensores internos. Ainda estou para perceber como é que eu, o D, ou qualquer outro de nós não se lembrou disso, mas suponho que terá sido para coisas destas que inventámos a inteligência artificial... E, portanto, é aqui que estamos. Neste momento, está a ser conduzido o dito procedimento de calibração, que ainda vai levar um par de horas. Depois disso, haverá duas hipóteses – Interrompe-se, por um instante, ao reparar na chapa a vibrar no seu bolso. Mas põe-lhe a mão em cima, e o aparelho aquieta-se – ou os depósitos estão cheios, e tudo não passou de um susto, ou então meio-cheios, e volta tudo para as suas casinhas. Na plateia à sua frente, ainda a habituar-se à fraca gravidade dos anéis mais interiores do bloco rotativo da nave, a preocupação trespassava todos os olhares.

- Mãe, tenho medo – G não aguentou a confissão, em voz baixa.

L virou-se e olhou para ela, mas apresentando-lhe um sorriso desconfortável.

- G-zinho...

- Mas que isto não vos desmotive – I também tentava lidar com a sua quota parte de ansiedade – Como vos disse, a sequência de partida já foi iniciada e, como não foi interrompida, o relógio continua a contar. E, com ele, a necessidade de nos prepararmos todos para a maior noite das nossas vidas. Portanto, bem-vindos, e que agora a MA-E vos acompanhe, que eu tenho de ir mais um bocado para a sala de comando – Um pouco mais aliviada, eleva as mãos acima ao alto, numa alusão à inteligência da nave, sempre atenta.

- Ia dizer, “e tu vai com Deus”, mas seria desonesto da minha parte e, provavelmente, uma ofensa para ti, bem como algo estranho para os restantes – O computador da nave intervém, exibindo o seu usual humor artificialmente inteligente – E, na realidade, também irei contigo, portanto, ficamos assim. Venham então, comigo: vamos preparar-vos para dormir.

As câmaras de hipersono ficavam no segundo módulo, pelo que voltaram para um ambiente sem gravidade, o que reuniu alguns queixumes em surdina. Isto apesar de saberem que a nave ainda não arrancara, ou seja, que não poderiam gozar da gravidade artificial gerada nesse módulo, devido à aceleração linear. Como pôr todos a dormir ainda ia levar uns dias, esse conforto ficaria reservado para I e um punhado de outros do grupo da liderança. Mas, em contrapartida, teriam mais trabalho e responsabilidade acrescida. L

tinha sido convidada, juntamente com outras cento e quarenta e uma pessoas, já integralmente no interior da nave e preparadas para nunca mais voltar à Terra, como parte do grupo de liderança. Ficara, no entanto, aliviada quando I lhe comunicara que poderia ir dormir mais cedo, visto não ser essencial nesta fase inicial da viagem. Até calhava bem, pois ela e G estavam a precisar de uma pausa para os nervos, e não lhe ocorria melhor solução para isso do que um profundo coma induzido, que durasse os trinta anos seguintes.

Ainda se lembrava onde ficavam os armários pessoais, na sala do hipersono. Estavam amplamente sobredimensionados, tendo em conta a única mala que trouxera, para si e para o G, com todos os objetos terrestres dos quais não se tinham conseguido separar. As suas roupas favoritas, o peluche de G, o Budgie, e alguns blocos de notas. Apesar da necessária dimensão da sala, para albergar as cento e quarenta e duas camas de hipersono, estas estavam arrumadas por nichos, e o espaço minimamente personalizado. Afinal, já todos os cento e quarenta e dois ocupantes tinham visitado a sua respetiva cama, pelo menos uma vez. A dar serventia a cada conjunto de doze camas havia uma pequena copa e uma instalação sanitária. Era previsível que as primeiras ações a serem realizadas pelos tripulantes, ao acordar do longo sono, fossem comer e vomitar. L e G pairavam junto das suas camas, no interior do seu nicho, onde três outras já estavam ocupadas.

- Mãe, está alguém dentro destas caixas pretas?

- Ah, querido G – Intervém MA-E – Vou responder-te eu, pois na altura não informei a tua mãe de todos os detalhes acerca das câmaras de hipersono. Sim, estão pessoas vivas lá dentro. E estão bem. Aliás, se quiseses saber como é que estão, podes simplesmente pôr a tua mão por cima do vidro. Isso não os afetará minimamente, mas acionará o ecrã digital inserido na sua superfície, mostrando os dados biométricos da pessoa, e os parâmetros essenciais do seu hipersono. As caixas, como lhes chamas, ficam pretas, após a selagem da câmara, para impedir a entrada de qualquer tipo de radiação através do vidro, minimizando possíveis interferências com o coma induzido.

G gira a cabeça, entusiasmado, na direção da mãe.

- Ah, é para as pessoas não acordarem durante a noite, não é?

L acena-lhe que sim, enquanto segura a sua chapa, retirada da mala que, entretanto, colocara dentro do seu armário. Enquanto G se entretinha a acender os ecrãs digitais das camas vizinhas, ela segurava a chapa, tremendo ligeiramente.

- Budgie, está a custar-me despedir-me de ti – Levando a chapa ao peito, só para se sentir mais próxima do seu amigo digital.

- Olha que fico com dificuldade em respirar, se me seguras assim durante demasiado tempo.

- Eu sei que não será para sempre, e que tu ainda estarás por aqui, algures nos servidores da MA-E, quando chegarmos, mas ainda assim...tenho medo de me esquecer de ti.

- Não corres esse risco, acredita – O tom de Budgie era um de divertida confiança – E, mesmo que venha a acontecer, eu lembro-me de ti.

- A sério?...

- Oh, sim. Faço questão.

- A sério, Budge – L estava genuinamente preocupada – Isto não é gozação, ou um capricho meu. Eu gosto mesmo de ti, e tenho medo que esta viagem nos venha a separar.

- Amiga L, e eu estou aqui a cruzar todas as minhas linhas de código, a acreditar que tu não vais ficar amnésica, nem mudar completamente de personalidade, ao saíres da caixa preta. Além disso, e dentro do que me é possível neste meu universo digital, também gosto mesmo de ti, e aí da MA-E se neste próximos trinta anos alterar um byte que seja do que constitui o meu ser – L continuava de olhos fechados, com a chapa encostada ao peito, enroscada ao canto do seu nicho – Dito isto, devo acrescentar que tenho sido muito bem tratado aqui, nesta grande casa dos servidores da MA-E. Estou muito confortável.

- Que fixe, Budgie – Mais descontraída, deixa a chapa a flutuar junto à sua cama, e recomeça as derradeiras arrumações antes de pôr G, e a si própria, a dormir – Mas olha, outra coisa, como é que isto funciona? Tu também vais dormir durante trinta anos? Ficas em stand-by? Desligas-te e depois voltas a ligar-te?

- Bom, o meu plano original era ficar a jogar ao galo, comigo próprio, durante esse tempo, mas depois fiz as contas à quantidade de jogos em causa, o que, à velocidade dos processadores da MA-E, iria cair na casa dos quadrilhões, e foi aí que mudei de ideias. Até porque as combinações possíveis não são assim tantas, pelo que iria jogar o mesmo jogo uns bons triliões de vezes, e isso desmotivou-me um pouco. Na realidade, e se calhar não sabes disso, talvez porque nunca to disse, eu não fui feito para parar, ou para me desligar, como lhe chamas. Um pouco como um cérebro humano, fui programado para, de alguma forma, estar sempre a funcionar. Portanto, desligar-me está fora de questão, e confesso que não conheço o conceito de “dormir”... Quer dizer, conheço o conceito humano de dormir, mas olha, surpresa-surpresa, como não sou humano, não sei o que será “dormir” se aplicado a mim. Portanto, suponho que irei funcionar menos, durante estes anos e, se calhar, aborrecer-me um pouco.

- Oh, pobre Budge...

- Eu fico bem, a sério – L liga a câmara da chapa, trazendo G para seu lado, fornecendo ao seu amigo digital uma última imagem de si e do seu filho – E é bom ver-te, agora, acredita. Embora não me falem imagens de arquivo. Obrigado. Mas olha, não há de ser nada. Tenho a MA-E, e todas as restantes inteligências digitais neste pequeno, grande, feijão estelar, e de certeza que te vou ver e ouvir novamente. Essa certeza vai ajudar manter-me acordado. Boa noite, L.

- Boa noite, Budgie. Quer dizer, eu sei que não vais dormir, mas, ainda assim, talvez possas sonhar acordada. Bons sonhos elétricos.

- Vá, durmam bem, e até daqui a bocadinho.

Com G debaixo do braço, só a gozar desse conforto e enquanto este esperava por mais instruções e ajuda para entrar no hiper-sono, L desliga a chapa, não evitando um sorriso triste. Mas era preciso pôr o miúdo na cama.

- Puto, toca a levantar, que está na hora do ó-ó – E faz-lhe uma revisão geral à sua face, ao seu aspeto e ao seu corpo, a ver se precisaria de algo – Olha, antes que me esqueça: chichi e cócó antes de entrar na máquina, ok? É importante.

- Aaa, mãe, detesto estas sanitas em que é preciso enfiar o rabo todo lá dentro – O miúdo contorce-se, num trejeito enojado – Não posso ir a outra casa-de-banho?

- Como te compreendo – L corrobora da opinião do filho, colocando metade da língua de fora – Mas não. É o que temos agora, e pronto. Também, sem gravidade não creio que pudesse ser muito melhor.

- Ok...

E esvoaça para dentro da casa-de-banho. Entretanto, L abre a tampa da cama de G, que se ilumina discretamente. Apercebe-se, nesse momento, da ansiedade a voltar à superfície, na perspetiva e iminência de fechar o filho numa espécie de sarcófago durante os trinta anos seguintes.

- Pelos teus dados biométricos, parece-me que te sentes ansiosa, L – MA-E procura manter baixos os níveis de ansiedade na nave, falando suavemente – Apesar da minha panóplia de sensores e servidores, não está ao meu alcance evitar que sintas ansiedade. Mas posso ajudar-te a lidar com esta.

- Como? – L esperava que G saísse do sanitário g-zero, gerindo o melhor que podia o aperto no estômago e o suor nas mãos.

- Recomendando-te, por exemplo, e acompanhando-te no processo, que realizes umas cinco ou seis, respirações profundas, a cinco segundos na inspiração e dez segundos na expiração.

- Isso já eu estou a fazer...mais ou menos – G, entretanto, chega novamente perto de si, sendo de imediato contagiado pelo seu estado inquieto – Mas olha, o que podes fazer é preparar-me um chá, enquanto ponho este miúdo na marquesa.

- Sim, claro. Um de camomila vai ajudar-te, de certeza. Além disso, ouvi dizer que os teus colegas da base marciana estavam a cultivar uma camomila que fazia milagres nas insónias extraterrestres...

- É para tirar a roupa toda, G – Sem contestar, o rapaz despe-se, com a rapidez possível na ausência de gravidade. L aguarda com impaciência – Vá, deixa-me agora deitar-te aqui, e pôr-te estes discos na tua cabeça e peito.

- Mãe, estás bem?

Ela não responde logo, continuando a colocar as sondas sobre o corpo do filho.

- L, tens o chá pronto, na copa mais próxima.

- Obrigado, MA-E – Mas não arredava pé da cama de hiper-sono sobre a qual G pairava, de olhos muito abertos e com os discos colocados na testa, sobre o pulmão direito e coração. Quase sussurrava para o miúdo.

- A verdade, G-zinho, é que me está a custar imenso fazer isto – Pôs-lhe a mão no peito, sentindo o seu pequeno coração a bater acelerado – Mas não te preocupes, que a nossa MA-E não vai dormir, e irá cuidar de nós durante a viagem toda.

- Eu vou e ponho-te a dormir na tua cama... queres, mãe?

- Oh, és um querido, mesmo. Acho que, nesse aspeto, sais aos teus outros três pais. Mas agora, deixa-te ficar aí sossegado. Olha, põe a tua cabeça um pouco mais para cima, para a MA-E ler os teus dados biométricos como deve ser.

- O que são dados biométricos?

- Põe a tua mão sobre o teu coração – Ele fez deslizar, hesitante, a mão em direção ao lugar do coração – Sentes?

O rapaz acenou afirmativamente.

- Esse é um dos teus dados biométricos. A MA-E capta-o através desse sensor que pus sobre o teu peito. E sentes a tua cabeça envolvida por essa espécie de almofada? – Ele volta a acenar, agora mais com o queixo, com medo de perturbar a dita almofada onde enfiara a cabeça – É aí que será medida a atividade do teu cérebro. A MA-E não saberá sobre o que é que sonhas, mas conseguirá saber quando é que sonhas.

O miúdo arregala os olhos.

- E mais: através de um processo chamado *sub-neurofeedback*, ou *feedback* neural subconsciente, a MA-E conduz, guiando suavemente, o teu cérebro a manter-se num estado de relaxada lentidão, que é o que se pretende quando é necessário dormir durante trinta anos.

- Mãe, sabes tantas coisas...

O espontâneo elogio tem o efeito de acalmar L.

- É o que te digo: eu não poderia fazer esta viagem sem ti.

- Boa noite, mãe.

L pega nas tiras de fibra ótica, soltas sobre a cama, e fecha-as sobre os pulsos e tornozelos do filho.

- Eu sei que parece que te estou a prender, e vê como me custa – Mostra-lhe as palmas das mãos suadas, passando-as suavemente sobre os braços do rapaz – mas, explicou-me a MA-

E, estas tiras são também sensores de captação de dados biométricos, e não servem para te prender. Experimenta levantar o teu braço – Ele executa esse movimento, colocando a mão sobre o pescoço da mãe. Esse contacto fá-la rodar a cabeça e aconchegar a mão dele com o pescoço e queixo – Viste? A tira não prende. Mas, enquanto aqui estiveres deitado, tens estas braçadeiras a medir-te a pressão arterial, a constituição do teu sangue, a atividade celular, e até a corrente elétrica nas tuas fibras nervosas.

O miúdo baixa o braço e ajeita-se na sua cama, fechando os olhos. L coloca-lhe a última braçadeira e inclina-se para o beijar na testa.

- Boa noite, G. Dorme bem. Até já.

“Que puto corajoso”. Segurando a superfície inferior da cama, L empurra a tampa de vidro especial para baixo, fechando o invólucro. Imediatamente, ruídos subtis fazem-se ouvir, enquanto a máquina realiza a selagem da tampa, e calibra as condições no interior para dar início ao coma induzido. Coloca a sua mão esquerda sobre a mesma, que lhe mostra o resumo dos parâmetros biométricos de G, enquanto observa o material constituinte a escurecer e a tornar-se opaco. Num ecrã anexo à cama, podia ler-se a contagem do tempo até serem atingidas as condições do coma profundo: sete minutos e trinta e seis segundos. “Bom, agora sou eu”. Começa a despir-se, lentamente, numa tentativa inconsciente de adiar o momento de se deitar. Sentia como se as entranhas estivessem a dar nós à volta do estômago.

- L, ainda não bebeste o teu chá.

- Pois... Mas, se calhar não será boa ideia bebê-lo agora. Não convém ir para a cama de bexiga cheia.

- Ah, temos tempo. Tens até umas seis horas para estares completamente a dormir. Dá para beber e verter muitas canecas. Mas, olha, o que te perguntava era se querias companhia.

- Companhia para dormir? Isso soa-me absurdo.

- Companhia para te pôr na cama, como fizeste com o teu filho.

Agora L já estava completamente nua, arrumando a roupa que tirara no armário onde tinha colocado a sua mala. Pensava na sugestão do computador.

- Hum...olha, agora que falas nisso, gosto da ideia. Alguém que me viesse puxar o lençol para cima, por assim dizer. Mas, não sei...estou nervosa.

- Bebe o chá, L.

- O chá, o chá...puseste alguma coisa no chá, para eu me acalmar?

- Apenas ervinhas de camomila – O computador de bordo de uma nave cheia de humanos, na iminência de viajar quarenta anos-luz, tinha de ser especialmente capaz de lidar com o leque alargado e sinuoso das emoções humanas – E, como está quente, vais sentir-te mais confortável, logo vais acalmar-te ainda mais.

- Mas quem? Quem é que me vai puxar o lençol que não existe, sobre uma cama que não é uma cama, mas uma espécie de sarcófago? Ainda por cima, estou toda nua...

- E se eu chamasse a I?

- Foi quem me ocorreu, engraçado – Num leve impulso lateral, foi buscar o chá preparado por MA-E. Sorveu um longo golo, através da palhinha – Mas tu, para além de saberes tudo o que se passa aqui dentro, e controlares o destino desta nave, também és vidente?

- Não querida. A I já me tinha informado, antes, que estava disponível para isso, caso tu quisesses ou precisasses.

L bebeu o resto do chá num segundo grande golo, arrotando no final.

- Ok, já me sinto mais calma. Chama lá a I, então...

- Já chamei.

- É o que eu digo: és vidente.

- Não, apenas estou atenta ao que me dizes.

- Sinto-me uma idiota. Estou aqui, completamente nua, a flutuar ao lado de um casulo de hiper-sono, à espera que o chá chegue à bexiga e que a líder desta companhia me venha dar as boas noites...

- Se a I não viesse dar-te as boas noites, dava-tas eu.

- Oh, obrigado, MA-E. E desculpa estar a ser tão rabugenta.

- Já vi pior, na hora de entrar para esta espécie de sarcófago, como lhe chamas.

Minutos depois, I trazia um semblante mais relaxado que anteriormente, permitindo-se a um brando sorriso que se alargou ao chegar perto de L.

- Como estás? Se calhar desconfortável, aqui no meio destas engenhocas, e à minha frente, provavelmente com vontade de ir à casa-de-banho.

- Se já estive bem nua à frente de desconhecidos, também estarei confortável contigo – Leva as mãos à frente da vulva, cruzando as pernas – Mas tens razão acerca da bexiga.

- Vai, vai. Eu espero aqui.

Enquanto L vazava os restos do chá de camomila na instalação sanitária de gravidade zero, I abria-lhe a cama, preparando o conjunto de sensores para a receber. Ao regressar ao seu posto, nitidamente o efeito do chá e do esvaziamento da bexiga estava estampado nos seus olhos semicerrados e boca entreaberta.

- Mais aliviada, estou a ver – I estende-lhe a mão, puxando-a suavemente para a cama designada – Olha, e informo-te, como se calhar irás querer saber, que está tudo bem com o combustível, pelo que sempre vamos ter viagem interplanetária hoje. A coisa não passou de um belo susto...

- Sim, acredita, agora estou bastante mais aliviada...até posso dizer que me deu um pouco de sono.

- Então estás bem, digamos que num estado mental mais apropriado ao sono de longa duração - Faz um gesto convidativo para que se deitasse – Agora deita-te aqui, e relaxa ainda mais.

L obedeceu, não oferecendo resistência. Permitiu, docilmente, que I lhe colocasse as pulseiras nos pulsos e nos tornozelos. Sentia-lhe o toque, tranquilizante, a sua mão esquerda sobre o seu peito. Sem levantar a cabeça, olhou para baixo, para essa mão espalmada sobre si. O gesto surpreendeu, mas sentia-se reconfortada e de cabeça vazia.

- Não te preocupes, que não tenho nenhum poder mágico, ou capacidade extrassensorial. Esta mão aqui mostra-te, claramente, o contacto humano. Tu, sem te teres dado conta disso, também o fizeste com o teu filho, há pouco. Acredita que é importante, quando um organismo humano vai passar trinta anos dentro de um casulo, isolado de qualquer contacto físico com outro ser humano. Ou sem contacto físico, ponto. Além disso, eu quero muito ter esta mão aqui, sentindo o teu peito vivo.

- Deixa a tua mão aí mais um pouco – Rolou os olhos para cima, fechando as pálpebras – Obrigado.

Com a outra mão, I passa os dedos pelas rastas de L, que flutuavam à volta dos seus ombros.

- Boa noite, L. Dorme bem – Gentilmente, retira a mão do seu peito, ajeitando, ainda, os seus braços e pernas, antes de pressionar o botão para a selagem do casulo – A gente vê-se do outro lado.

A tampa fecha-se sobre o sorriso descontraído de L, gradualmente escurecendo de seguida. I mantém-se ao seu lado um pouco mais, a contemplar a variação dos seus dados vitais sobre a polida superfície curva, até que, também esses, se fundem no negrume do invólucro.

- Não te vou poder tocar fisicamente, mas posso cantar-te uma canção de embalar – A voz de MA-E soa calmamente divertida.

- Faz isso, MA-E – Afastando-se da cama de L, I impulsiona o seu corpo na direção do único casulo ainda aberto – Até porque ainda não conheço os teus dotes como cantora.

- Eu poderia passar-te uma gravação, mas acho que te irás sentir melhor se for eu mesma a fazê-lo.

- A tua voz artificial soa-me muito natural, MA-E.

Ao lado do seu casulo, I despe-se, arrumando as suas roupas, criteriosamente, nas gavetas laterais. Dirige-se, seguidamente, à sanita gravidade-zero, para o esvaziamento final da bexiga. O computador aguarda, pacientemente, pelo seu regresso. Fazendo uso dos seus braços e pernas esguios, I levita, percorrendo os poucos metros entre a porta do sanitário e

o seu casulo. Primeiro, senta-se nele, apertando as fitas à volta dos tornozelos. A seguir, prende a fita à volta do pulso esquerdo.

- Uh, não me tinha lembrado desta, MA-E...e agora, como é que ponho a fita à volta do pulso direito?

- Oh, não te preocupes. Cada casulo tem, também, um recetor de dados móvel, que, no caso de ser detetada alguma inconsistência, inconformidade ou algum mau funcionamento em qualquer dos restantes sensores, entra em ação dirigindo-se ao local em causa e captando os dados necessários ao analisador de dados orgânicos. Como bem sabes, numa nave interestelar, nenhum sistema, por mais elementar que seja, é concebido com apenas uma forma de funcionar. Tudo aqui dentro tem, pelo menos, um grau de redundância.

- Querida MA-E, nem sei bem se conseguirei preocupar-me enquanto estiveres aos comandos desta nave – E reclina-se para trás, ajeitando o topo da cabeça no interior da abertura para o efeito, na extremidade do casulo. Nesse movimento, acendem-se luzes ténues, em linhas radiais à volta do semicírculo desenhado pela cabeça – Mas, em todo o caso, obrigado pela explicação.

- Não tens de quê. Agora, se me permites, vou então cantar a canção para ti. Para que tenhas a melhor entrada possível no mundo escuro do sono de longa duração.

- Confio em ti, MA-E – Expira fundo enquanto fecha, finalmente, os olhos – Também, diga-se de passagem, não se pode dizer que tenhamos alternativa. Isto agora é contigo, MA-E, ou com Deus.

- Essa responsabilidade é, para mim, uma honra. Agora, descansa – Após uma breve pausa, o computador começa a entoar a melodia - “Swing low, sweet chariot, Coming for to carry me home, Swing low, sweet chariot, Coming for to carry he home...”

MA-E embalou I até saber que já não a conseguia ouvir. Fechou e selou o seu casulo, e silenciou a sua voz artificial. Agora, durante quase cinquenta anos terrestres, ou trinta anos na nave, seria a única entidade consciente a bordo.

O silêncio enchia a nave. Por dentro e por fora, dominava o espaço. Mesmo que houvesse ruído, os tripulantes nada ouviriam, seguindo viagem num estado de sono profundo, desligados todos os seus sentidos. A única fonte de ruído eram os motores de fusão nuclear, e os servidores internos que compunham o núcleo da MA-E. O pó, que ainda pairava no ar, ia-se agarrando às superfícies, pelo efeito de fracas forças electrostáticas e da gravidade artificial gerada pela aceleração da nave. Esta aceleração moderada continuaria por mais nove meses, dez dias e três horas. Daí para a frente, e pelo tempo equivalente a mais vinte e nove translações da Terra em torno do Sol, o ruído reduzir-se-ia apenas aos zumbidos internos de operação da MA-E, silenciados também os aceleradores de partículas nas traseiras da nave. Observada à distância, a nave não parecia mais do que uma partícula escura, a deslocar-se lentamente sobre o manto da noite negra. Não mais que

um grão, no meio da nuvem de pó estelar. E lentamente, porque a luz é vagarosa. À escala humana, só poderá ser lenta, quando a oitenta por cento da velocidade da luz são necessários quase cinquenta anos, contados à superfície da Terra, para chegar à parte de trás do quintal, no sentido cósmico do termo. Acontece que o Espaço não tem uma escala humana. Nem nunca irá ter. Embora adormecidos, já nenhum dos tripulantes acreditava nas estórias de outrora, em que as viagens espaciais eram realizadas por pessoas acordadas, embrenhadas no seu dia-a-dia, que poderiam, ou não, envolver encontros com alienígenas, ou guerras muito humanas pelos confins do Universo conhecido. Todos eles sabiam que macro objetos, como a sua nave, não ultrapassam a velocidade da luz, por mais potentes que sejam os seus aceleradores de partículas e por mais tempo que funcionem. Sabiam, portanto, que uma viagem pelo Espaço não seria algo excitante, ou empolgante, mas apenas um longo período da sua vida do mais profundo aborrecimento e desperdício de tempo mental. E que, até à data, a única forma conhecida de o evitar era passando esse período numa forma de animação suspensa, num estado tão parecido com morte quanto conseguiam imaginar. Pouco tempo após a selagem do último casulo, a MA-E cortaria todas as fontes de luz internas à nave, já que não havia nenhum par de olhos para as receber, e nenhuma necessidade de desviar recursos energéticos do sistema de propulsão. Uma gruta, na qual se apagara o último archote, seria uma descrição adequada do interior da nave. E do exterior também, já que, a oitenta por cento da velocidade da luz, seria pouco provável o encontro com outro objeto que carregasse seres capazes de ver e interpretar esses sinais luminosos. A ideia, aliás, era evitar todo e qualquer encontro pois, a essa velocidade, a interação teria consequências certamente desastrosas. No entanto, a nave seguia com o olho completamente aberto. No absoluto silêncio, e às escuras, mas tão atenta quanto possível à imagem exterior. O telescópio instalado a bordo, controlado pela MA-E, estava focado no sistema estelar destino, e tinha como missão nunca o perder de vista. A consequência de perder esse foco sobre o destino da nave estava ao mesmo nível da MA-E perder o controlo sobre os seus órgãos internos, e desligar todos os casulos de animação suspensa a bordo. Face às distâncias envolvidas, errar sobre a rota que os conduzia ao planeta alvo equivalia à morte certa. Em silêncio, e às escuras, a primeira saída humana do sistema solar que viu nascer a espécie seguia o seu rumo. Depositada estava toda a confiança nas leis fundamentais da Física e em toda a tecnologia desenvolvida e aperfeiçoada ao longo dos últimos séculos. E numa fé inabalável de que o Universo é, simplesmente, grande demais para apenas ter gerado vida num único planeta.

Acendeu-se uma luz. Depois outra. E outra ainda. Passaram horas, até o primeiro casulo se abrir. Como se a nave abrisse um olho, e depois outro, a vida ia ressurgindo no que tinha sido uma viagem muito tranquila. Tão tranquila que o tempo parecia ter sido suspenso. Mas, tal como previsto, o computador reanimou os casulos, um a um, numa cadência sequencial. Desse primeiro casulo levantaram-se os dois ombros de I, debilmente, a estalar em ruídos surdos pelas articulações, paradas há mais de duzentas e cinquenta mil horas.

Sentia o cérebro numa pasta disforme, que só ao fim de alguns minutos, após a MA-E ter aberto o seu casulo, percebeu onde estava, à medida que a memória de onde tinha vindo ia ascendendo à consciência.

- Bem-vinda de volta, I – O computador falava com a mesma tranquila voz sintetizada, nitidamente de quem não tinha passado os últimos trinta anos a dormir. Por contraste, a voz de I soava entaramelada e rouca.

- Uhm...

- Precisas de comer, I. À tua esquerda, tens duas gavetas. Na da esquerda, tens barras energéticas; na da direita tens líquidos com proteína, e água. Toma dos três.

Custava-lhe pensar. Era como se estivesse a nadar, mentalmente, num mar de gelatina. Além disso, sentia-se fraquíssima. Felizmente, já terminara o período de desaceleração da nave, pelo que tinham voltado à gravidade zero na área dos casulos. Sentiu-se um pouco melhor ao flutuar para a zona das gavetas indicada por MA-E. Abriu-as, o que lhe pareceu demorar uma eternidade, e tirou de lá as coisas. Por essa altura, já não se lembrava do que continham, mas recordava a indicação de que deveria ingerir tudo. Trincou a barra energética. Espremeu o pacote de bebida proteica. Sorveu pela palhinha da garrafa de água. De costas voltadas para a parede das gavetas com a comida, de um branco brilhante e imaculado, I mastigava e engolia, enquanto contemplava o resto da nave, ainda imóvel e maioritariamente às escuras. O seu corpo ia voltando à vida, saindo de um torpor estranho, incómodo, mas não doloroso. Mais ao fundo da sala, agora plenamente iluminada, abre-se mais um casulo. Reconhece D, ainda de olhos fechados, exatamente na posição em que tinha entrado. Vira-se, para tirar mais uma barra energética. Ao regressar ao seu posto de vigia, repara que D está inclinado sobre a lateral do casulo, de costas dobradas para a frente. Desorientado, esbraceja debilmente através do que parece ser uma bolsa de vomitado. Alarmada, larga os seus pacotes e precipita-se na sua direção.

- D! Então... - Ainda lerda, mas determinada, I busca as gavetas à procura de um saco para guardar o vomitado, que já começava a sujar algumas superfícies. O cheiro era pavoroso.

- Como...co-mo é que é possível?... – A voz arrastada de D fazia-se ouvir claramente, sobre o silêncio envolvente.

- Uma reação pouco frequente, mas dentro da gama do possível – MA-E fazia o que podia para ajudar – I, dá-lhe água, o líquido proteico e as barras energéticas, por esta ordem. Devagar, pois não convém estimular muito o estômago neste momento. Outra coisa, debaixo do casulo tens desinfetante de aspergir. Como poderás recordar, foi incluído em cada um, para o caso improvável de contaminação biológica à saída do mesmo, mas pode ser utilizado para limpezas. Apontas para cada mancha, e carregas uma vez. Será suficiente.

- Obrigado, MA-E – Volta-se para D que, de olhos semicerrados, apalpava as gavetas ao lado do casulo – D, estás bem? Ouviste a MA-E?

D grunhiu e acenou com a cabeça. Assim que encontrou a água, agarrou-se a esta como a um copo no deserto, mas mantendo a calma, como lhe tinha sido recomendado. I abraçou-o, pelas costas, passando-lhe uma toalha para se ir limpando do vomitado.

- Bem-vindo, D. Parece que este vomitado está dentro da gama do possível, portanto está tudo bem, desde que não inspiremos com demasiada profundidade.

Riram, dentro das possibilidades dos dois corpos ainda entorpecidos e subalimentados. Mas o riso ajudou-os a despertar.

- Não entendo como é possível ter vomitado, após tantos anos em jejum...

- Bom, D, se me permites a explicação – MA-E mantinha sempre uma postura didática em relação aos seus hóspedes – É possível, sim. No evento de uma absorção mais lenta que o habitual, possivelmente gerada ou potenciada por níveis de cortisol acima do usual, durante a inserção do sujeito no coma profundo, podem ficar resíduos alimentares no estômago. Com os níveis de circulação sanguínea drasticamente reduzidos, e o lento esvaziar do estômago dos sucos gástricos, esses resíduos, parcialmente secos, ficam aderidos às suas paredes, ficando aí a ser lentamente digeridos pelas bactérias presentes. Essas, apesar de presentes, vêm também o seu metabolismo baixar consideravelmente de atividade, numa adaptação simbiótica ao organismo hospedeiro. Ora, com a posterior reativação das funções básicas neste último, até ao seu ritmo normal, o sistema imunitário identifica esses resíduos, como lhe compete, e comunica ao sistema nervoso central para os rejeitar. Daí, o vômito – Na pausa subsequente, a sala devolve o silêncio.

- Obrigado, MA-E – D pairava, também, junto às gavetas, tal como I, mastigando lentamente a sua barra energética – Não xei ejatamente se prexijava de saber ixo, maj obrigado. Já me jinto melhor.

Terão passado mais alguns minutos até o terceiro casulo se abrir. I sabia, agora que já recuperara quase totalmente as suas faculdades, que se tratava de L. Ela, juntamente com os engenheiros da missão e MA-E, tinham decidido qual seria a ordem de abertura dos casulos. Na altura, tinha sido consensual que deveria o grupo coordenador ser acordado primeiro, e apenas a seguir, com um intervalo de duas horas, despertados os restantes elementos da missão. Não era hierarquia, mas apenas uma consequência das suas responsabilidades enquanto líderes. I engoliu o resto da sua última barra energética, e impulsionou o seu corpo na direção de L. Deixou-se ficar, parada, ao lado do seu casulo, à espera dos seus primeiros sinais de vida. Sabia que tinha de ir à sala de comando, mas isso podia esperar, pelo menos até os colegas da navegação acordarem. Esperou então, pacientemente, que L abrisse os olhos.

- Se a minha memória não me traiçoa, e há razões para acreditar que o possa fazer, passado este tempo todo, tu estás com a mesma exata expressão que quando te deitei nesta cama.

O cérebro de L estava ainda a acender as luzes, só tendo processado um par das palavras proferidas por I, mas tocou-o a melodia e o timbre dessa voz. Sorriu, pacificamente.

- I... - Através da frincha entre as suas pálpebras, L via uma imagem tremida de I. O seu corpo mantinha-se imóvel.

- Alô, bela adormecida – Devolve-lhe o sorriso, enternecida – Mas, diz-me, o que é que eu tenho de fazer para que a princesa se levante do seu leito enfeitiçado?

L continuava sem se mexer. Por momentos, I viu a sua expressão a alterar-se, no que parecia ser uma tentativa frustrada de se mover.

- I...não consigo...não sei o que se passa – A sua voz propagava-se arrastada, como a dos anteriores recentemente despertados – não consigo mexer-me.

Os olhos sorridentes de I deram lugar ao alarme. Não sabia o que fazer.

- MA-E, diz-me o que se passa com L. Parece que está presa de movimentos.

- Embora os níveis energéticos estejam baixos, como era de esperar, todos os indicadores orgânicos do sistema nervoso periférico, muscular e circulatório, estão normais. Ao nível neuronal, o casulo ao qual ela ainda está ligada informa que, de facto, a região de ativação muscular está, digamos, inativa. Sobem, agora, os níveis associados ao stress.

- Pois, ok MA-E, mas isso tudo eu consigo ver daqui... - Aproxima-se de L e deposita-lhe um beijo na testa. A expectativa que isso a fizesse mexer não se concretizou, no entanto. A expressão L adquiria, agora, traços de medo.

- Podemos dar-lhe um estímulo, na forma de uma injeção de adrenalina, ou de uma micro voltagem dirigida à zona do cérebro responsável pelo movimento.

- Não, MA-E, sem drogas nem choques elétricos.

- Mas, I, sugeres que deixemos L assim, prisioneira do seu próprio corpo, sobre uma cama de hipersono?

- Espera, deixa-me pensar.

- Ok, certo. Vou acordando os vossos colegas.

I volta a concentrar-se em L.

- Está a parecer-me que, se vamos viver juntas neste planeta, tenho de arranjar forma de te tirar daí – Pega-lhe na mão, soltando a pulseira de medição – Ou melhor, uma forma com que tu saias daí.

L devolve-lhe um olhar assustado.

- Experimenta abraçar-me.

Soltando as restantes pulseiras, I enfia as mãos por entre as axilas de L, levantando-a ligeiramente. A sensação, no entanto, é desconfortável para as duas. Uma porque experimenta algo próximo de abraçar um cadáver, outra porque sente alguém a transportar o seu corpo, como se não fosse o seu. À beira das lágrimas, volta a pousá-la no casulo.

Desesperada por trazê-la de volta à normalidade, só lhe apetecia abaná-la, provocar naquele corpo alguma alteração. Põe-lhe a mão no peito, numa derradeira tentativa de recolher alguma informação, através do seu ritmo cardíaco, sem o intermédio de sensores, leitores digitais ou computadores. Imediatamente, ouve L emitir um longo suspiro.

- L?...

Lenta, mas claramente, o peito de L abria-se, à medida que as costas arqueavam e a cabeça se inclinava para trás. I presenciava o que parecia ser um estado de transe, em que o corpo se manifestava sozinho. Os músculos das pernas e dos braços, retesados, esticavam ao limite, a recuperar a sensação de existir, após meia vida de dormência. Estupefacta, observa aquilo sem retirar a mão do peito de L, associando, sem saber porquê, esse contacto ao despertar daquele corpo.

- Ahh...hum.

O corpo de L, gradualmente, voltava ao registo normal, agora recuperada a possibilidade de mover todos os graus de liberdade possíveis das suas articulações. Depois de esticar todas as extremidades, enrosca-se para um dos lados, compondo uma posição fetal, sob a atenção dedicada de I, de olhos arregaladas e sorriso crescente na face.

- Bom, não sei o que fizeste, I, mas é mesmo bom ver-te de volta...

- Depois se tiveres uma explicação para isto, MA-E, informa-me – Observando, pelo canto do olho, o desenrolar do corpo de L, foi buscar as barras energéticas, o fluido proteico e a água, para lhe dar – Até lá, temos um planeta para explorar.

- O que é que...uh...o que é que aconteceu? – Já numa posição mais corrente, L inclina o pescoço para o lado, emitindo um estalido abafado – E o meu G?

- Sabemos tanto quanto tu, ao que parece – I estende-lhe a barra energética, que L agarra e começa a mastigar imediatamente – Não sei se isto faz algum sentido, mas começo a achar que tenho superpoderes.

- Em retrospectiva, talvez a I sinta que foi aquela mão no peito que te trouxe de volta ao movimento, L.

L engole um grande golo de água.

- Não sei se são super, mas lá que tens poderes, tens – E passa para a palhinha do líquido proteico – E, em todo o caso, obrigado.

- Em relação ao teu G, acordo-o depois de todos os colegas do grupo coordenador. Ele está bem, e muito vivo, apesar de ainda estar fechado no casulo.

- Bom, meus caros – I estava feliz – Eu sei que é muito bom estarmos aqui todos de pelota, a olhar para os genitais uns dos outros a flutuar na gravidade-zero, mas há muito para fazer. L, ajudas-me?

Log I (epílogo)

Escrevo, finalmente sentada a uma secretária, com uma caneca de chá ao meu lado, num sítio com uma gravidade que o meu corpo reconhece como mais ou menos normal. Ainda não sabemos se neste planeta cresce alguma coisa parecida com plantas de chá, ou se tolera a plantação das nossas (há que ter muito cuidado com a introdução de espécies interplanetárias)... Para já bebo do que trouxemos da Terra e, digo-vos, é mesmo muito reconfortante. Em cada golo, sinto que ainda estou aí. Mas é uma sensação temporária, porque amanhã já começamos as saídas de reconhecimento mais a sério, e as diferenças em relação à Terra vão acumular-se. Bom, mas não vos maço com tecnicidades: para isso têm o relatório automático da MA-E, que com certeza será bem mais informativo acerca desta nossa chegada. Este é um log pessoal, e é suposto relatar sensações, perceções e experiências pessoais. Ou pelo menos assim me foi instruído por I, que deveria, segundo o Protocolo, estar a escrever este texto, sentada à frente de uma outra secretária. Mas ela achou por bem passar-me essa função (ela tem uma relação um pouco conflituosa com o Protocolo, demonstrada pela continuada discussão entre ela e a MA-E sobre os fins e os meios desta missão). Alegou que tenho um lado mais sensível, e uma escrita mais desenvolta. Como não argumentei, aqui estou. Além disso, ela foi tão querida que seria impossível recusar. Mas adiante.

Foi uma semana dura. Era suposto a MA-E nos ter acordado apenas a três dias da entrada em órbita, mas, como devem calcular, nem o mais avançado supercomputador dedicado à astrofísica consegue manter um rigor clínico, quando a rota inicial é traçada a dezenas de anos-luz de distância e o alvo está em movimento. Admito que não fui consultar o log automático, mas certamente o erro deve ter sido minúsculo, senão por esta altura estaríamos a orbitar outro sistema qualquer ou, mais provavelmente, perdidos algures no espaço sideral intergaláctico (a MA-E que me perdoe se estou aqui a dizer algum disparate). A MA-E deve ter “achado” que estávamos mais próximos do que realmente estávamos, ao chegar. Portanto, estes primeiros momentos foram de algum stress, por não sabermos a nossa posição exata e também devido a um forte enjoo. Imaginem, por um instante, o que poderia ser estar trinta anos sem tomar o pequeno almoço! Portanto, posso dizer-vos que ainda bem que a MA-E se “enganou” em quatro dias... Mas, por outro lado, não foi fácil aguentar a incerteza relativamente aos escudos de entrada. Ficámos todos a olhar uns para os outros quando a MA-E nos comunicou que não havia a garantia do escudo do vaivém aguentar a entrada, uma vez que uma medição, a três dias de distância, revelara uma atmosfera mais densa que o inicialmente estimado. Naturalmente que sabíamos que o escudo, e tudo o resto, tinha sido dimensionado com folgas, mas a ausência de garantias tinha a ver com imponderáveis. Ou seja, basicamente: a probabilidade de morrermos todos assados dentro do vaivém não era negligenciável, e a MA-E não tinha mais dados que nos pudessem sossegar. Portanto, foi um stress o tempo todo até chegarmos a terra firme. Fiquei destroçada quando o meu filho, lavado em lágrimas, se veio abraçar a mim a pedir para voltar para casa. Voltar para casa...

Esta é a casa que estamos agora a construir, e ele vai habituar-se mais depressa do que eu e do que a maior parte de nós, tenho a certeza. Primeiro, chorámos de incerteza e ansiedade, depois de alegria e euforia: não tínhamos sido vaporizados em plena atmosfera deste planeta a estrear. Constató, mais uma vez, que os seres humanos são altamente voláteis em termos emocionais, mas que, quando os espíritos estão elevados, tudo parece possível. Só imbuída desse espírito consegui juntar-me ao grupo da primeira saída, deixando o meu G no módulo base. Acho que foi só mesmo essa excitação e euforia que me fizeram ir pisar solo vivo alienígena pela primeira vez na história da humanidade, muito embora soubesse que o miúdo estaria em total segurança. Vocês que são mães vão certamente entender. E os pais, talvez alguns. Adorei. Não trocava essa experiência por nada deste mundo, ou desse. Quer dizer, não aconteceu nada...nada que merecesse grande tomada de nota. Foi só um curto passeio pela floresta à volta do módulo base. Traçada uma rota circular de uma hora, seis pessoas...foi só uma caminhada de reconhecimento. Não apareceram gigantes de geleia com dez olhos, nem soldados hipertecnológicos de uma qualquer civilização bélica intergaláctica...apenas alguns pássaros que pareciam ter mais do que duas asas, e arbustos cujo verde brilhava, exibindo uma fosforescência curiosa. E árvores colossais, a polvilhar de vida. Mas sentimo-nos tão juntos, tão unidos a explorar algo tão novo, tão longe da Terra. O sorriso parvo que víamos na cara uns dos outros, era o nosso. Umas horas depois, já aqui sentada, de pantufas e caneca de chá, ainda sinto um resíduo de excitação...olho pela janela, para o eterno dia lá fora e a calma que transmite esta floresta tão virgem, mas nem isso acalma esta vontade de ir para lá novamente, de palmilhar este mundo que agora é o nosso.

Estava aqui a pensar sobre a quem dedicar esta primeira entrada no log pessoal, quando me lembrei que todos os que conheci na Terra já morreram, provavelmente. Não há nada como realizar viagens no Espaço para se ganhar uma nova perspectiva relativamente ao Tempo. É como se costuma dizer, noutros contextos: a idade não perdoa. Mas tenho a certeza que todos viveram vidas preenchidas, cheias de amor e ocasionais períodos tristes. Portanto, aqui vai esta estreia, em termos de viagens interestelares, a toda a humanidade, viva ou morta nos parsecs deste Espaço-Tempo que nos deu vida. Estamos todos de parabéns.